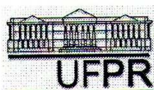
GIOVANNA MAZZARO VALENZA

DE LINGVA LATINA, DE MARCO TERÊNCIO VARRÃO: TRADUÇÃO DOS LIVROS VIII, IX E X

CURITIBA
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação da mestranda GIOVANNA MAZZARO VALENZA para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados JOSÉ BORGES NETO, RODRIGO TADEU GONÇALVES, MARIA CRISTINA ALTMAN e ALESSANDRO HENRIQUE ROLIM DE MOURA arguiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

"DE LINGVA LATINA, DE MARCO TERÊNCIO VARRÃO: TRADUÇÃO DOS LIVROS VIII, IX E X"

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
JOSÉ BORGES NETO		A
RODRIGO TADEU GONÇALVES		A
MARIA CRISTINA ALTMAN		A
ALESSANDRO H. ROLIM DE MOURA		A

Curitiba, 27 de agosto de 2010.

Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran
Coordenadora

GIOVANNA MAZZARO VALENZA

DE LINGVA LATINA, DE MARCO TERÊNCIO VARRÃO: TRADUÇÃO DOS LIVROS VIII, IX E X

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras pela UFPR, área de concentração Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. José Borges Neto
Co-orientador: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

CURITIBA
2010

Nós, como indivíduos, somos absolutamente livres para utilizar qualquer palavra que escolhemos; mas seria muito tolo de nossa parte exercitar essa liberdade indiscriminadamente. (PLATÃO, Crátilo)

Para Ulisses e Francisco

SUMÁRIO

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de tradução dos livros VIII a X da obra *De lingua Latina*, de Marco Terêncio Varrão, autor latino do séc. II-I a. C. Nesses livros, o autor trata da disputa entre analogistas e anomalistas, que discutiam se a língua é algo que se submete ou não a regras. Varrão, quando apresenta os argumentos dos defensores de cada parte, mostra exemplos que confirmam ou anulam suas ideias e propõe uma solução para o embate. Ao tratar desses assuntos, traz contribuições sobre tópicos da língua latina, tais como declinação voluntária e declinação natural, classes de palavras, sistema nominal e verbal do latim etc. A tradução foi feita a partir do texto original latino, com notas e comentários sobre cada um dos livros.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com a obra *De lingua Latina* foi em uma disciplina da graduação, em que estudamos alguns tópicos da linguística na antiguidade. Dos autores estudados, Varrão me chamou mais atenção não somente pela sua importância (e pelo fato de ter escrito a que é considerada a primeira gramática do latim), mas pelo seu comportamento de linguista-filósofo-historiador, que é diferente de outros autores que escreveram sobre a língua no período antigo.

Minha monografia de conclusão de curso apresentou os estudos de Varrão sobre a disputa entre analogistas e anomalistas, e, para isso, traduzi alguns parágrafos da sua obra (exemplos de argumentos dos defensores das duas correntes, que estavam nos livros VIII e IX).

Como acredito que são de grande relevância os registros que deixa Varrão no *LL*[1] – pois a obra contém pensamentos iniciais sobre assuntos gramaticais que são até hoje discutidos, e é nesse momento que o autor começa a delinear conceitos como modos e vozes verbais, flexão e derivação, imposição, aspecto verbal etc. –, é necessário, portanto, que se faça um estudo aprofundado da obra, pois ela permite entender a língua latina do ponto de vista de um falante dessa língua e conhecer as origens e influências de gramáticas posteriores.

Existem alguns estudos sobre o tema feitos fora do Brasil (os principais: KENT, Inglaterra, 1938; TAYLOR, EUA, 1974, 1977, 1978, 1996; COLLART, França, 1978) e, mais recentemente, trabalhos feitos no país (CORADINI, 1999; GONÇALVES, 2005; RUY, 2006; VALENZA, 2004, 2006, 2008). Contudo, não há uma tradução completa da obra de Varrão para o português.

Pretendo, neste momento, contribuir com uma tradução anotada e comentada da tríade de livros da obra *De lingua Latina* que tratam de morfologia, ou seja, os livros VIII, IX e X, em que o autor sugere uma solução para o embate analogia x anomalia e apresenta a sua teoria sobre *declinatio voluntaria* e *declinatio naturalis*.

A tradução anotada desses livros é o objetivo central do trabalho. O livro VIII discute a analogia: ao longo de 84 parágrafos, o autor apresenta e rebate os argumentos dos analogistas, em favor da anomalia; o livro IX, composto de 115 parágrafos, traz os

---

[1] Usarei, na maioria das vezes, a forma abreviada *LL* para me referir à obra *De lingua Latina* , cf. Taylor, 1974, 1996).

pensamentos dos anomalistas, seguidos de exemplos que vão contra essa corrente; finalmente, no livro X, Varrão sugere uma solução para o problema. Este último, composto de 84 parágrafos, é dedicado a Cícero e pretende, como cita o autor no começo do livro, tratar dos fatores que sustentam as declinações das palavras (*LL*, X, 2).

A primeira parte deste trabalho apresenta o autor da *LL*. Não se pode dizer de Varrão que foi somente um gramático. Chamado costumeiramente de polímata, ele nos deixou contribuições para várias disciplinas. As duas obras mais conhecidas do autor tratam de assuntos muito diferentes. Procurei fazer um panorama de sua produção literária, obviamente dando maior relevância às obras relacionadas à linguística, para não fugir ao tema deste trabalho.

A segunda parte traz considerações sobre o surgimento da *ars grammatica*. Dionísio Trácio inaugurou esse tipo de escrita no Ocidente com a *Tékhne grammatiké* do grego e Varrão foi o primeiro a escrever sobre a língua latina. Outros autores retomaram as ideias de Dionísio e Varrão, escrevendo diferentes formas de gramáticas. Não tratei desses autores na dissertação – pois fugiria do escopo do meu trabalho, que é a tradução do *LL*, e tomaria grande parte do capítulo sobre *ars grammatica* –, embora os tenha citado quando necessário. Obviamente, muitas comparações podem ser feitas entre Varrão e esses autores, já que o polímata exerceu influência em vários desses gramáticos.

Na terceira parte da dissertação, apresento a tradução dos livros VIII, IX e X do *LL*. Ela está em formato bilíngue, para facilitar a leitura dos latinistas, e traz também algumas notas que serão úteis aos leitores que não sabem latim. Procurei explicar neste capítulo o método de tradução utilizado e os vários problemas que surgiram ao longo do processo tradutório.

A quarta e última parte do trabalho apresenta comentários mais específicos sobre os temas tratados na obra varroniana, principalmente as inovações do autor no campo da linguística.

1 SOBRE VARRÃO E SUA OBRA

Vir romanorum eruditissimus. Essas foram as palavras com que Quintiliano (*Marcus Fabius Quintilianus*, 35-95 d.C.) descreveu Varrão na sua *Instituto oratoria* (X, 1, 95), "o homem mais erudito dos romanos". Não é de se espantar, já que sua importância é bem marcada por vários autores contemporâneos e posteriores a ele. Taylor (1996, p. 1-2) lista os principais. Agostinho, na sua obra *De ciuitate Dei* (VI, 2), lembra o grande volume de textos deixados por Varrão, usando também o superlativo para qualificá-lo: "*uir doctissimus undecumque Varro, qui tam multa legit, ut aliquid ei scribere uacuisse miremur; tam multa scripsit, quam multa uix quemquam legere potuisse credamus*" ("Varrão, o homem mais sábio de todos os lugares, leu tanto, que nos admiramos de que ele tivesse tempo para escrever alguma coisa; e escreveu tanto, que acreditamos que alguém dificilmente tenha conseguido ler tudo o que ele escreveu"). Cícero, a quem Varrão dedicou alguns livros da *LL*, o chama de πολυγραφώτατος, "o mais prolífico". João de Salisbury (1115-1180), intelectual da Idade Média, disse que "Varrão é lembrado como um escritor que não fica abaixo de nenhum dos gregos, e Roma se acostumou a chamá-lo de pai, pois ninguém escreveu mais e melhor que ele"[2] (*Entheticus*, 1177-79). Petrarca o chamou de "a terceira maior luz romana" (*Trionfo della fama*, 3,37) e Montaigne de "o mais sutil e estudioso autor latino" (*Essais*, 2,12).

Marco Terêncio Varrão (*Marcus Terentius Varro*) nasceu em Reate (agora Rieti), cidade situada região do Lácio, em 116 a.C., e morreu em 27 a.C. Estudou em Roma, sendo aluno de Estilão (*L. Aelius Stilo Praeconinus*), um estudioso das literaturas grega e latina e da história e antiguidades romanas, e em Atenas do filósofo Antíoco de Ascalon.

Por muito tempo participou de eventos políticos e militares, entre eles a Guerra Civil, em que ficou do lado de Pompeu.

Júlio César, após ter perdoado Varrão pelos acontecimentos da Guerra Civil, demonstrou apreço pelo autor ao pedir-lhe que organizasse uma biblioteca que planejava construir em Roma (tal fato foi registrado por Suetônio, no *De uita Caesarum*, *Diuus Iulius*, 44). Apesar dessa obra nunca ter sido concluída, uma estátua de Varrão foi erguida na primeira biblioteca pública de Roma. Grato com o pedido de César, Varrão dedicou-lhe a segunda parte das *Antiguidades* (TAYLOR, 1996, p. 1).

[2] Todas as traduções do latim, inglês, italiano e francês foram feitas por mim, salvo onde indicado.

No segundo triunvirato, Marco Antônio declarou Varrão um criminoso e mandou queimar sua vila e sua biblioteca pessoal. Ele conseguiu escapar da morte com a ajuda de alguns amigos e foi protegido por Augusto (TAYLOR, 1996, p. 3). Acredita-se que somente depois desse período Varrão tenha começado a se dedicar aos estudos que constituem a grande obra atribuída a ele. Daí a surpresa de alguns autores pela quantidade de textos que o reatino escreveu, já que tenha talvez começado a fazer isso na metade da sua vida.

É provável que Varrão tenha escrito mais de 600 livros, mas podemos ter contato com o texto de poucos deles. Por meio de citação de outros autores, podemos saber que os assuntos desses livros variavam entre línguas, direito, filosofia, agricultura, poesia, teatro (principalmente as peças de Plauto), negócios urbanos e até mesmo marés dos oceanos[3]. Uma das principais obras se chamava *Antiquitates rerum humanarum et divinarum* (‘Antiguidades das coisas humanas e divinas’), e nela o autor teria descrito, em forma de enciclopédia, acontecimentos históricos e costumes religiosos de grande relevância. Para Taylor (1996, p. 2), “é difícil estimar a importância da obra *Antiguidades* (...), que foi utilizada por geração após geração de estudantes; Agostinho, por exemplo, cita as *Antiguidades* de Varrão quase cem vezes na *Cidade de Deus*”.

As duas obras com livros praticamente completos que chegaram até nós foram um tratado sobre agricultura, chamado *De re rustica*, e outro sobre a língua latina, o *De lingua Latina*, objeto de estudo desta dissertação. Há ainda cerca de 600 fragmentos das suas *Sátiras Menipeias*, em que o autor mistura prosa e poesia, porém tais fragmentos são compostos de aproximadamente 12 palavras cada, o que impossibilita um estudo mais aprofundado.

O *De re rustica*, que pode ser traduzido como “Sobre a ciência rural”, aborda assuntos da agricultura da sua época, que têm seu valor histórico e podem ser fonte de pesquisa para estudantes dessa área. Em um trecho dessa obra, Varrão afirma que o contato com água parada pode afetar a saúde de uma pessoa.

Mais relevante para a área da linguística é a obra *De lingua Latina*, ou “Sobre a língua latina”. Composta de 25 livros, entre 47 e 45 a.C., e publicada após a morte de Cícero em 43 a.C., trata de assuntos como etimologia, morfologia e sintaxe. O primeiro livro era uma espécie de introdução, com uma dedicatória a Cícero. Os outros 24 livros podiam ser divididos em quatro conjuntos de seis, cada conjunto com um assunto divisível em duas partes de três.

[3] Esta obra, intitulada *De aestuariis* (Sobre as marés), é citada por Varrão no *LL* (IX, 26).

Segundo Kent (1951(a), p. ix-xi), os livros II a VII tratavam da *impositio vocabulorum* (“imposição das palavras”), ou como as palavras eram originadas e aplicadas às coisas e às ideias. Eles foram dedicados a *Septumius*, que serviu a Varrão como questor, e eram, provavelmente, um trabalho menor intitulado *De etymologia* (“Sobre a etimologia”). O livro II apresentava os argumentos contra a etimologia como um ramo de aprendizagem, o livro III os argumentos a favor desse tipo de aprendizagem e o livro IV discutia sua natureza.

O conjunto dos três próximos livros (V a VII) começa com uma nova dedicatória a Cícero. Eles tratam da origem das palavras, de suas fontes e de como as palavras novas se desenvolvem. O livro V aborda a origem dos nomes de lugares e das coisas que estão neles[4], o livro VI estuda a origem das palavras que denotam tempo e das que contêm algum tempo, ou seja, os verbos, e o livro VII explica algumas palavras raras e difíceis encontradas nos textos dos poetas.

Nos livros VIII a XIII, Varrão estuda a derivação das palavras, a declinação dos nomes e a conjugação dos verbos. Os livros VIII, IX e X se concentram na disputa entre analogistas e anomalistas. O primeiro livro desse conjunto (VIII) mostra os argumentos contra a existência da analogia, o segundo (IX), os argumentos contra a anomalia e o último (X) é uma espécie de conclusão, em que o autor admite a utilidade de ambas as teorias. Nos livros XI a XIII, ele teria discutido amplamente a analogia na derivação. O XI provavelmente tratava dos nomes de lugar e termos afins, o XII dos verbos e o XIII das palavras dos poetas, seguindo a mesma disposição dos livros V a VIII.

Sintaxe era o tema dos livros XIV a XIX, e nos seis últimos livros da *LL* Varrão provavelmente tratou do mesmo assunto, talvez dando mais atenção à estilística e à retórica. Mas deles não temos informações mais precisas.

Os livros que conhecemos são seis, que chegaram até nós não sem algumas lacunas, e podem ser divididos em dois grupos, a julgar pelos assuntos de que tratam. Os livros V, VI e VII, como dito acima, têm como objeto de estudo a etimologia das palavras latinas. Neles, Varrão apresenta centenas de exemplos do latim, mostrando suas origens. Por diversas vezes, comete deslizes, que, posteriormente, não escaparam dos olhares atentos de alguns autores latinos.

Quintiliano aponta para um deslize de Varrão na sua *Instituto oratoria*:

---

[4] Especificamente sobre a origem e o significado de alguns nomes de imortais e mortais, ver artigo de VALENZA (2004).

Sed cui non post Varronem sit uenia? Qui "agrum", quia in eo agatur aliquid, et "gragulos", quia gregatim uolent, dictos uoluit persuadere Ciceroni (ad eum enim scribit), cum alterum ex Graeco sit manifestum duci, alterum ex uocibus auium. (QUINTILIANO, *Inst. Orat*. I, 6, 37)

Mas a quem, depois de Varrão, não se perdoará, se ele próprio desejou convencer a Cícero (pois a este dedicou seu tratado), acerca de *ager* 'campo', que assim se diz porque nele se faz algo, e de *graguli* 'gralhas', porque essas aves voam em bandos, quando o primeiro termo deriva claramente do grego, o segundo é onomatopaico?[5]

Outro exemplo é lembrado por Aulo Gélio (*Aulus Gellius* 125-180 d.C.) nas *Noites Áticas*:

In XIV. rerum divinarum libro M. Varro doctissimum tunc civitatis hominem L. Aelium errasse ostendit, quod vocabulum Graecum vetus traductum in linguam Romanam, proinde atque si primitus Latine fictum esset, resolverit in voces Latinas ratione etymologica falsa. Verba ipsa super ea re Varronis posuimus: "In quo L. Aelius noster, litteris ornatissimus memoria nostra, erravit aliquotiens. Nam aliquot verborum Graecorum antiquiorum, proinde atque essent propria nostra, reddidit causas falsas. Non enim "leporem" dicimus, ut ait, quod est levipes, sed quod est vocabulum anticum Graecum. Multa vetera illorum ignorantur, quod pro his aliis nunc vocabulis utuntur; et illorum esse plerique ignorent "Graecum", quod nunc nominant Hellena, "puteum", quod vocant phrear, "leporem", quod lagoon dicunt. In quo non modo L. Aelii ingenium non reprehendo, sed industriam laudo: successum enim fert fortuna, experientiam laus sequitur." Haec Varro in primore libro scripsit, de ratione vocabulorum scitissime, de usu utriusque linguae peritissime, de ipso L. Aelio clementissime. Sed in posteriore eiusdem libri parte "furem" dicit ex eo dictum, quod veteres Romani "furvum" atrum appellaverint et fures per noctem, quae atra sit, facilius furentur. Nonne sic videtur Varro de fure, tamquam L. Aelius de lepore? Nam quod a Graecis nunc kleptes dicitur, antiquiore Graeca lingua phor dictum est. Hinc per adfinitatem litterarum, qui phor Graece, est Latine "fur". Sed ea res fugeritne tunc Varronis memoriam, an contra aptius et cohaerentius putarit "furem" a "furvo", id est nigro, appellari, in hac re de viro tam excellentis doctrinae non meum iudicium est.

No décimo quarto livro *Das antiguidades divinas*, Varrão mostra que Lúcio Élio, o homem mais sábio da cidade (Roma) em seu tempo, equivocou-se sobre uma antiga palavra grega passada para o latim, decompondo-a como se ela fosse formada primitivamente de elementos latinos *(ratione etymologica falsa)*. Citamos as

[5] Tradução de PEREIRA (2000, p. 157-158).

> próprias palavras de Varrão a respeito disso "Neste ponto, nosso caro Élio, o homem mais dotado de conhecimento literário que já vi, errou algumas vezes. Ele deu explicações falsas de algumas palavras antigas gregas, crendo que elas nos pertencessem propriamente. Não dizemos pois lebre *(leporem)*, como afirma ele, porque o animal tem pés ligeiros (*leuipes*), mas porque esta é uma palavra grega antiga. Ignoram-se muitos desses vocábulos antigos, porque outros vocábulos são usados em lugar deles atualmente, ignoram mais ainda o que é 'grego' (*Graecum*) porque agora é chamado 'helênico' *(Helena)*, 'poço' (*puteum*) porque chamam *phrear* e lebre (*leporem*) porque chamam *lagoon*. Nisso, não só não critico o talento de Élio, como louvo seu cuidado na pesquisa: a sorte traz o sucesso, tentar é meritório." Varrão escreveu isso no começo do livro, com bastante sabedoria sobre a explicação das palavras, com bastante experiência sobre o uso das duas línguas, com bastante apreço pelo próprio Élio. Mas na parte seguinte do mesmo livro, diz que a palavra 'ladrão' (*furem*) vem daquela que os antigos latinos chamavam 'negro' *(furuum)*, e que os ladrões *(fures)* roubariam mais facilmente à noite, que é tenebrosa. Acaso não se enganou Varrão sobre *fur* tanto quanto Élio sobre *lepus*? Pois o que na Grécia agora se diz *kleptes*, em língua grega mais antiga se dizia *phor*, que, por parentesco de vogais, o que é ladrão (*phor*) em grego é em latim *fur*. Mas se isso fugisse à lembrança de Varrão, ou, ao contrário, ele julgou ser mais conveniente e coerente *fur* ser derivado de *furuum*, aquilo que é tenebroso, não cabe a mim o juízo nesse assunto a respeito de um homem de saber tão eminente. (*Noct. Att.* I, 18)[6]

Apesar das críticas, tais livros, porém, nos trazem informações preciosas acerca da sociedade da época, pois apresentam costumes e crenças não retratados em outras obras da literatura latina. Há que se pensar, também, que os estudiosos do assunto na antiguidade não viam a etimologia da maneira como vemos hoje, e, na maioria das vezes, tentavam explicar a origem das palavras por meio do uso que os falantes faziam delas.

Os livros VIII, IX e X, como foi dito anteriormente, tratam da morfologia da língua latina. Neles é apresentada a querela analogia x anomalia, em que os partidários das duas teorias discutem se a língua era criação convencional ou uma criação superior, que não se submete a regras. Ao apresentar e combater esses argumentos, Varrão mostra como funcionam os processos morfológicos na sua língua materna. Quando divide a *declinatio* em *naturalis* e *uoluntaria*, afirma que na primeira há mais analogia e na segunda mais anomalia. Por fim, chega à conclusão de que os dois princípios existem na língua, e nenhum deles pode ser descartado.

---

[6] Tradução de CECATO (2005, p. 17), com adaptações.

Há ainda fragmentos da *LL* citados por alguns autores, o que nos ajuda a entender mais sobre os livros que não conhecemos. Dentre esses autores, os dois mais conhecidos são Aulo Gélio e Prisciano (*Priscianus Caesariensis*, séc. VI d.C.), mas podemos citar outros nomes como Probo[7] (*Marcus Valerius Probus*, gramático do séc. I d.C.), Carísio[8] (*Flavius Sosipater Charisius*, gramático do séc. IV d.C.) e Marcelo[9] (*Nonius Marcellus*, séc. III-IV d.C.).

Aulo Gélio é o autor que mais citou Varrão. Em sua obra *As Noites Áticas*, mostra, por exemplo, um trecho do livro VIII a que não tivemos acesso[10], em que Varrão defendia a irregularidade nas palavras. Gélio cita alguns exemplos dados por Varrão, como este:

> *M. Varronis liber ad Ciceronem de Lingua Latina octavus nullam esse observationem similium docet inque omnibus paene verbis consuetudinem dominari ostendit: (...) inquit, (...) Item cum dicamus ab Osco Tusco Graeco Osce Tusce Graece, a Gallo tamen et Mauro Gallice et Maurice dicimus; item a probus probe, a doctus docte, sed a rarus non dicitur rare, sed alii raro dicunt, alii rarenter.* (GÉLIO, *Noct. Att.*, II, 25, 5-8)
>
> Varrão, no livro oitavo do *De lingua latina*, dedicado a Cícero, assinala que as semelhanças não servem para todas as palavras e que o uso é que dá a regra: (...) Ele diz: (...) "Da mesma forma, apesar de dizermos *Osce* 'em osco', *Tusce* 'em etrusco' e *Graece* 'em grego' a partir de *Oscus* 'osco', *Tuscus* 'etrusco' e *Graecus* 'grego', contudo dizemos *Gallice* 'em gaulês' e *Maurice* 'em mouro' a partir de *Gallus* 'gaulês' e *Maurus* 'mouro', também *probe* 'honestamente' a partir de *probus* 'honesto' e *docte* 'sabiamente' a

[7] O *Appendix Probi*, obra que tratava do nome, do uso de casos e de regras de ortografia, foi erronemamente associado a esse autor.
[8] Carísio escreveu uma *Ars grammatica* de que pouco temos conhecimento.
[9] Escritor da obra *De compendiosa doctrina*, uma espécie de léxico que é uma compilação de comentários de outros autores sobre linguagem e gramática.
[10] Fragmento completo: *5. M. Varronis liber ad Ciceronem de Lingua Latina octavus nullam esse observationem similium docet inque omnibus paene verbis consuetudinem dominari ostendit: "Sicuti cum dicimus", inquit, "lupus lupi, probus probi et lepus leporis, item paro paravi et lauo lavi, pungo pupugi, tundo tutudi et pingo pinxi. Cumque," inquit, "a ceno et prandeo et poto et cenatus sum et pransus sum et potus sum dicamus, a destringor tamen et extergeor et lavor destrinxi et extersi et lavi dicimus."Item cum dicamus ab Osco Tusco Graeco Osce Tusce Graece, a Gallo tamen et Mauro Gallice et Maurice dicimus; item a probus probe, a doctus docte, sed a rarus non dicitur rare, sed alii raro dicunt, alii rarenter." Idem M. Varro in eodem libro: "Sentior," inquit, "nemo dicit et id per se nihil est, adsentior tamen fere omnes dicunt. Sisenna unus adsentio in senatu dicebat et eum postea multi secuti, neque tamen vincere consuetudinem potuerunt." Sed idem Varro in aliis libris multa pro analogiai tuenda scribit.* (GÉLIO, *Noct. Att*. II, 25, 5-10)

> partir de *doctus* ‘sábio’, porém não é dito *rare* ‘raramente’ de *rarus* ‘raro’, mas uns dizem *raro* e outros *rarenter*.”[11]

Prisciano, nas suas *Instituições Gramaticais*, cita um trecho do livro IX da *LL* (fr. 14a), em que Varrão trata de algumas palavras que passaram do grego para o latim:

> *Antiquissimi tamen et hic gausapes et haec gausapa et hoc gausape et plurale neutri haec gausapa quasi a nominativo hoc gausapum protulisse inveniuntur* * * * . *Varro vero de Lingua Latina ait, "talia ex Graeco sumpta ex masculino in femininum transire et A litera finiri: ὁ κοχλίας haec cochlea, ὁ χάρτης haec charta, ὁ γαυσάπης haec gausapa".* (PRISCIANO, *Inst. Gram*. II, 333)

> Contudo, os mais antigos costumavam empregar *hic gausapes*, *haec gausapa* e *hoc gausape* ‘este manto’ e no neutro plural *haec gausapa* ‘estes mantos’ como a partir do nominativo *hoc gausapum* * * *. Varrão na verdade diz no *De lingua Latina*: “tais palavras, quando tomadas do grego, passam do masculino para o feminino, e terminam com a letra A: *haec cochlea* ‘este caracol’ a partir de ὁ κοχλίας, *haec charta* ‘este papiro’ a partir de ὁ χάρτης e *haec gausapa* ‘este manto’ a partir de ὁ γαυσάπης.

Por esses estudos gramaticais da *LL*, Varrão é considerado o primeiro gramático latino, já que sua obra é a primeira da literatura romana a tratar da linguagem e da língua latina. Outros trabalhos nessa área também foram escritos pelo autor, mas não se conservaram. KENT (1951(a), p. viii) lista-os da seguinte forma:

- *De antiquitate litterarum* (“Sobre a antiguidade das letras”): dois livros dedicados ao poeta trágico Lúcio Ácio (*L. Accius*), é uma das primeiras obras de Varrão;
- *De origine linguae Latinae* (“Sobre a origem da língua latina”): escrito em três livros, era dirigido a Pompeu;
- *Περὶ Χαρακτήρων*: três livros que tratavam da formação de palavras;
- *Quaestiones Plautinae* (“Questões plautinas”): continha, em cinco livros, interpretações de palavras raras encontradas nas peças de Plauto;
- *De similitudine verborum* (“Sobre a semelhança das palavras”): em três livros, abordava a regularidade nas formas e nas palavras;

[11] Tradução de CECATO (2005, p. 50), com adaptações.

- *De utilitate sermonis* (“Sobre a utilidade do discurso”): quatro livros que tratavam do princípio da anomalia;
- *De sermone Latino* (“Sobre o discurso latino”): cinco livros ou mais em que o autor estudava a ortografia e a métrica da poesia;
- *Disciplinae* (“Disciplinas”): uma espécie de enciclopédia das artes liberais composta de nove livros.

2 O SURGIMENTO DA *ARS GRAMMATICA* NO OCIDENTE

Umas das acepções da palavra latina *ars* é trabalho, obra. Uma *ars grammatica*, para os latinos, representava um tratado sobre a língua. Mas apesar de terem em comum o mesmo assunto, as gramáticas da antiguidade apresentam formatos diferentes, seja na sua estrutura, seja no modo de tratar os temas gramaticais.

As *tékhnai grammatikaí* surgiram a partir da crítica textual feitas por estudiosos alexandrinos que se preocupavam em fixar e analisar textos literários clássicos. Tal trabalho acabou levando a uma sistematização de conhecimentos linguísticos, em forma de manual, que servia tanto para organizar os conteúdos para os estudantes das escolas como para difundir a ciência linguística entre os leitores da época.

O que se entende por *tékhne* na Grécia será denominada de *ars* pelos romanos. Ambas são um gênero de escrita que contém definições e exemplos, com caráter didático.

A obra de Dionísio Trácio é notavelmente importante por ser o primeiro trabalho gramatical do ocidente, “a primeira descrição ampla e sistemática publicada no mundo ocidental” (LYONS apud SILVA, 2002, p. 18) e também por ter sido lida e imitada por gramáticos de todos os tempos.

É provável que Aristarco tenha sido seu mestre e que Dionísio tenha nascido em Alexandria (talvez com ascendência Trácia, como sugere seu nome). Após estudar os textos de Homero e escrever tratados sobre assuntos gramaticais, teria então composto a sua *tekhné grammatiké*. A autoria não é confirmada, mas algumas definições próximas às de Aristóteles e Varrão e o tipo de escrita da *tékhne* levam a crer que Dionísio tenha sido pelo menos o gramático que difundiu tal gênero de texto, sendo a *tékhne grammatiké* construída aos poucos a partir de II a.C. Questões de autoria à parte, é muito importante conhecer tal obra, que nos diz muito sobre como pensamos a gramática hoje.

A definição de gramática inserida nessa obra é retomada por Varrão e por autores da antiguidade: “Gramática é o conhecimento empírico do comumente dito nas obras dos poetas e prosadores.” (DIONÍSIO TRÁCIO, *T.G.*, I, tradução de CHAPANSKI, 2003, p. 21). Tal definição retrata a importância do conhecimento das obras literárias relevantes para a época, cuja linguagem e conteúdos eram exaustivamente estudados.

A disposição dos conteúdos é muito semelhante à que vemos nas gramáticas de hoje. A gramática de Dionísio é dividida em seis partes, e a apresentação dessas partes é dada no começo do texto, logo após a definição de gramática (*idem, ibidem*):

1. A primeira é a leitura treinada, que respeite a prosódia;
2. A segunda é a exegese dos tropos poéticos existentes;
3. A terceira é a pronta restituição do sentido das palavras estranhas e das estórias;
4. A quarta é a descoberta da etimologia;
5. A quinta, o cálculo da analogia;
6. A sexta é a crítica dos poemas, que é a mais bela das partes da arte.

As oito partes do discurso elencadas por Dionísio foram retomadas pelos gramáticos posteriores, com pequenas mudanças. São elas: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção.

Dionísio é o primeiro a sistematizar os conteúdios gramaticais no ocidente, e Varrão, seu contemporâneo, é o primeiro autor latino a escrever sobre o assunto. No livro VIII, 6, Varrão explica qual a utilidade de uma *ars grammatica*:

> *Ad illud genus, quod prius, historia opus est: nisi discendo, enim aliter id non pervenit ad nos; ad reliquum genus, quod posterius, ars: ad quam opus est paucis praeceptis quae sunt brevia. Qua enim ratione in uno vocabulo declinare didiceris, in infinito numero nominum uti possis (...).*
>
> No que diz respeito ao primeiro grupo[12], é necessário que se faça um trabalho histórico: não se pode fazê-lo senão aprendendo, pois de outro modo isto não veio até nós; no que diz respeito ao segundo grupo[13], é necessário que se faça um tratado: para isso são necessários poucos e breves preceitos. Pois a maneira pela qual você tiver aprendido a declinar em um nome, você pode utilizar em um número infinito de nomes (...).

Pode-se dizer, portanto, que o estudo diacrônico está ligado à imposição das palavras e o sincrônico à declinação delas. A *ars* é utilizada para o estudo das declinações, das suas formas. Como afirma Coradini (1999, p. 477),

> Se as etimologias mostravam o fluxo histórico da língua fundado na *impositio*, a ars revela a língua como função, estrutura e sistema, fundada no fenômeno da *declinatio*. Mais do que a etimologia, a morfologia aproxima o estudo da língua ao conceito propriamente dito de *ars grammatica* ou simplesmente gramática.

---

[12] O das palavras impostas, cf. VIII, 5.
[13] O das palavras declinadas, cf. VIII, 5.

A gramática do autor latino, porém, é bastante diferente da obra do grego quanto à disposição e o tratamento dos conteúdos. O estilo de escrever de Varrão se distingue não só do estilo de Dionísio, mas das gramáticas posteriores ao *LL*. Algumas questões surgem quando nos deparamos com o texto varroniano: ele poderia ser chamado de gramática, no sentido de estudo sistematizado da língua? Por que, ao tentar adaptar a gramática de Dionísio ao latim, Varrão não utiliza os mesmos elementos textuais? Que modelo textual o autor usou para apresentar seus estudos sobre o latim? Esse assunto será melhor tratado no último capítulo, quando falarei sobre o estilo do autor e suas influências.

Por ora, pode-se dizer que o papel principal de Varrão nos estudos linguísticos é o de resolver a querela analogia X anomalia, dando um novo tratamento às questões de norma e uso que até então não estavam claras.

3 ANALOGIA E ANOMALIA

A discussão sobre analogia e anomalia tem início na antiguidade e é caracterizada por pontos de vista diferentes entre autores de duas escolas: geralmente os anomalistas eram filósofos estóicos e os analogistas filólogos e críticos alexandrinos.

A causa do embate surge com os filósofos e filólogos gregos, que discutiam se a língua era originariamente natural, ou seja, as palavras representavam a essência das coisas, ou se era convencional, produto de contrato social consagrado pelo uso. Tal debate, posteriormente, teria sido superado e substituído pelo da analogia e anomalia. Como lembra Coradini (1999, p. 460-1),

> Alguns estudiosos, atentos às declinações e conjugações, aproximavam palavras e paradigmas, evidenciando o que havia de semelhante na articulação da língua. De modo geral os analogistas consideravam a linguagem como uma criação convencional, cujos elementos o homem pode conhecer e comutar, como um instrumento útil. Outros, atentos à multiplicidade dos paradigmas e aos numerosos ‘casos de exceção’, afirmavam a futilidade das regras e dos princípios gerais; declaravam que a anomalia, a “a-norma”, reina sobre a linguagem, isso porque esta é uma criação perfeita e superior, que não se submete a regras que pretendem dirigir sua práxis.

Mas é com Varrão que o assunto ganha maiores proporções. No livro VIII do *LL*, o reatino expõe e critica os argumentos dos anomalistas, que são contra o princípio de regularidade (analogia) na língua; no livro IX, o autor reúne e combate os argumentos dos analogistas, que são contra o princípio da irregularidade na língua (anomalia); por fim, no livro X, Varrão aponta para a validade de ambos os princípios e a importância de utilizá-los conjuntamente. Nesses livros, há uma exposição extensa de ambos os pontos de vista e, segundo Robins (1983, p. 37), “grande parte da sua descrição e análise do latim decorre do tratamento que [ele] deu a esse problema”.

O processo da analogia (regularidade) trata a linguagem como criação convencional e permite sistematizar a língua. A analogia permite mostrar uma forma flexionada de qualquer palavra, se esta se encaixar no paradigma regular de flexão. Se esse princípio não existisse, como ressalta Varrão, saberíamos muito menos palavras, pois teríamos que decorar todas as formas flexionadas delas (VIII, 3).

Os analogistas procuravam na língua as regularidades dos paradigmas formais. A partir destes, palavras que seguem os mesmos paradigmas na língua latina, como, por exemplo, os temas em -o- da segunda declinação ou os temas em -a- da primeira teriam as mesmas terminações morfológicas. Eles buscavam, também, relações entre forma e significado. Segundo Robins (1983, p. 16), "essas espécies de analogia constituem parte central da morfologia, e sem elas os paradigmas de diferentes classes e subclasses de palavras (declinações e conjugações em latim e grego) aos quais se reduzem os padrões regulares não poderiam ser descobertos".

A analogia tem uma significativa importância também na medida em que tenta propor, como lembra Robins (1983, p. 16), "a denominação semântica das categorias gramaticais, como a de singular e plural ou como as dos casos nominais". Alguns analogistas tentaram até mesmo reformular os paradigmas irregulares do grego em proveito da regularidade analógica.

Coradini explica melhor quem eram os estudiosos desse princípio (1999, p. 463-4):

> Os analogistas não eram filósofos profissionais. Eram, na maioria, filólogos, críticos e eruditos da escola de Alexandria. Partidários da teoria da origem da língua como convenção, eles estudavam a gramática por ela mesmo, independentemente de polêmicas filosóficas, para atender às necessidades práticas e torná-la uma ciência. A analogia era um método de análise praticado normalmente na Academia e no Liceu. Platão falava desse método como aplicável às ciências matemáticas donde passou para outras ciências. Aristóteles estendia-o à zoologia e à gramática. Teofrasto, seu discípulo, aplicava-o à botânica e à medicina. Confirmando essa tradição, Varrão também explica que a analogia gramatical se apóia nas relações (pitagóricas) de proporção aritmética (X, 43). Se este princípio foi rejeitado pelos filósofos estóicos, ele foi recebido pelos alexandrinos, enquanto filólogos. Isso ajuda a esclarecer as causas longínquas da querela analogia-anomalia e ao mesmo tempo a entender a metodologia mais científica e menos filosófica que os alexandrinos imprimiram ao estudo da gramática. Dionísio Trácio, meio alexandrino, dizia que a 'consideração da analogia' é parte importante da língua. E, segundo Carísio, Aristófanes de Bizâncio já havia estabelecido cinco *(sic)* critérios para reconhecer a relação analógica entre palavras: a) a mesma categoria, isto é, nome, verbo etc.; b) o mesmo caso; c) a mesma desinência; d) o mesmo número de sílabas; e) o mesmo som; f) a mesma estrutura: palavras simples ou compostas.

No livro VIII, Varrão apresenta uma classe de palavra, mostra o paradigma utilizado pelos analogistas para declinar as palavras pertencentes a essa classe e entra com um exemplo que não cabe nesse paradigma. Assim, vai procurando provar, parágrafo a parágrafo, o equívoco de quem diz que é a analogia que rege a língua.

Por outro lado, torna-se claro que, ao contrário do que dita o princípio da analogia, há palavras que fogem à regra e não seguem um paradigma flexional, e essas formas anômalas devem ser, portanto, memorizadas. Como cita Robins (1983, p. 16), “a maioria das classes paradigmáticas nominais e verbais admitem exceções, membros irregulares, que não podem ser eliminados da linguística por injunção dos gramáticos”.

Os anomalistas aproveitaram as exceções da língua para contra-atacar os argumentos dos analogistas. Eles sugeriram a irrelevância de regras e paradigmas e afirmaram que a irregularidade é mais comum na linguagem, pois “esta é uma criação perfeita e superior, que não se submete a regras que pretendam dirigir sua práxis” (CORADINI, 1999, p. 462) .

Os anomalistas eram geralmente estóicos, tradicionais estudantes da reflexão linguístico-filosófica. Eram partidários da teoria da origem natural da língua e desenvolveram a dialética, que acreditavam ser “a ciência do verdadeiro” (CORADINI, 1999, p. 461). Para eles, a natureza era o guia da própria existência do homem (ROBINS, 1983, p. 15).

A partir do momento em que os estoicos encontraram anomalia na linguagem, houve, segundo Neves (1987, p. 95), “o registro de uma importante separação entre a questão da origem da linguagem e a de seu funcionamento”.

Como cita Robins (1983, p. 16-7), eles parecem ter argumentos mais convincentes enquanto não havia distinção entre flexão e derivação, e “ao rejeitar a equação ‘uma palavra, um significado’ (...), demonstraram notável compreensão da estrutura semântica da linguística: os significados das palavras não existem isoladamente e podem variar de acordo com a situação contextual”.

O livro IX do *De lingua Latina* expõe os argumentos dos analogistas alexandrinos, e o tom deles é mais moderado e proveitoso. Eles não negam a anomalia, mas acreditam que a analogia é predominante na língua.

Coradini (1999, p. 471) lista os principais argumentos de analogistas e anomalistas da seguinte forma: para os primeiros, a anomalia é a exceção gramatical, que existe sim, mas não se nega, apesar de a analogia ser mais frequente, já que há *similitudo* (semelhança) nos tipos de formação gramatical. Para os segundos, mais agressivos, a anomalia é a verdadeira lei da natureza, pois nela só existe o individual (não há dois seres semelhantes). Assim, é a *dissimilitudo* (diferença) a base da vida. É a anomalia que preside à

arte, à moral e à linguagem, que tem por finalidade a utilidade. E eles vão além: afirmam que a analogia é uma quimera, que é inútil e prejudicial e só existe na imaginação dos analogistas.

Varrão, após citar exemplos encontrados na língua latina de analogia e anomalia, chega à conclusão de que ambos os princípios devem ser aceitos. Em síntese, o autor conclui: "(...) pois na declinação voluntária há anomalia, e na natural há mais analogia". (VIII, 23)

Após a leitura dos livros VIII e IX, observa-se que os anomalistas e os analogistas não conseguiram entrar num acordo, e o debate morfológico, como afirma Coradini (1999, p. 472), "apesar de oferecer uma leitura interessante pelo tipo de argumentação, parece cair no vazio das palavras face a seu conteúdo". É o que observa o próprio Varrão: "Pois visto que sucede de a questão controversa parecer ser mais sobre a palavra do que sobre a coisa (...)" (X, 6).

Os registros encontrados na obra do polímata mostram claramente os dois lados e, por fim, Varrão oferece uma solução, que, neste caso, é conciliatória. Como lembra ROBINS (1983, p. 14-5),

> A importância da controvérsia se deve ao papel que desempenhou no desenvolvimento inicial da teoria linguística e ao estímulo que deu para o exame mais detalhado da linguística grega. Ao defender ou atacar um dos lados do debate, as pessoas foram levadas a olhar mais de perto as estruturas, os significados e os padrões formais das palavras. Nessas investigações está o início de uma meticulosa análise linguística.

4 TRADUÇÃO DOS LIVROS VIII-X DO *DE LINGUA LATINA*

Como já foi observado, optei pela tradução da parte morfológica da obra *De lingua Latina*, que compreende os livros VIII a X. A tríade de livros é composta de 283 parágrafos, que serão traduzidos e explicados por meio de notas e análise.

4.1 SOBRE A TRADUÇÃO

Ao traduzir textos antigos, pode-se optar por uma forma que se pareça mais com o texto original, mantendo, na medida do possível, a ordem das frases, a nomenclatura utilizada na época e o estilo do autor, ou deixar o texto mais atual, preocupando-se em torná-lo algo fácil de ser lido e agradável ao leitor que não está acostumado com as características dos textos da antiguidade.

Skiljan (apud CHAPANSKI, p. 15) sugere dois tipos de tradução de textos antigos (especificamente os textos técnicos, como os de gramática): as traduções "retrospectivas" teriam como objetivo uma espécie de reconstrução do original, em que as suas características principais são preservadas ao máximo, e as "prospectivas" seriam tentativas de adaptar elementos pensando-se no que o leitor moderno conhece. O principal objetivo da tradução técnica, para Skiljan, seria o de possibilitar ao leitor o acesso a textos antigos, sem que ele conheça a língua original em que o texto foi escrito.

Para a tradução do texto varroniano, porque acredito que os maiores interessados na obra de Varrão são os classicistas e os linguistas (sobretudo os historiadores da linguística), procurei seguir preferencialmente a primeira opção, procurando me ater mais à forma do texto original para retratar como eram os escritos gramaticais da época, embora muitas vezes isso não tenha sido possível, pois o texto da tradução ficaria muito complicado de se ler.

Utilizei o texto latino que está em Kent em 1938 (edição revisada de 1951, reimpresso em 1999)[14]. Os textos que restaram do *LL* estão no manuscrito chamado *Codex Laurentianus*, conhecido como *F*, de onde diversos outros manuscritos foram copiados direta ou indiretamente. Esta é a principal fonte de consulta de Kent para sua tradução. Ele é do

[14] O texto também está disponível em versão online, em: <www.thelatinlibrary.com> (acesso em: 27 jul. 2010), porém, com algumas diferenças na pontuação das frases, numeração dos parágrafos e sem as marcações que indicam as alterações feitas no texto ao longo do tempo, que são encontradas em KENT (1951).

século XI (KENT, 1951a, p. xii) e encontra-se na Biblioteca Laurenciana (*Biblioteca Medicea Laurenziana*) em Florença. Além dele, Kent (1951a, p. xii-xv) cita outros 13 manuscritos que utilizou para a sua leitura do texto e a composição das notas. Como o manuscrito *F* está muito corrompido, os outros são importantes na medida em que resgatam passagens faltantes e esclarecem algumas dúvidas. Como o tradutor explica na introdução de sua obra *On the Latin language*, o texto latino que está ao lado da tradução para o inglês contém o manuscrito com modificações feitas por diversos escritores e copistas em edições posteriores, modificações estas devidamente assinaladas e seguidas de notas. Não me preocupei em copiar cada uma dessas notas, mas mantive as marcações feitas por Kent. As letras e palavras que não estão no manuscrito de Varrão e foram adicionadas posteriormente estão marcadas entre < >. As mudanças de letras a partir do manuscrito estão indicadas em itálico. Kent explica a maioria dessas mudanças e diz por quem foram feitas. O leitor que se interessar por esses dados pode consultar KENT (1951a-b). Suas notas de tradução são bastante cuidadosas, e as mais relevantes foram citadas nesta dissertação.

As palavras hipotéticas citadas por Varrão (como exemplos de formas que não são usadas na língua) estão marcadas entre barras | |. Algumas pontuações foram modificadas para tornar o texto mais fluente.

Para facilitar a leitura dos que não possuem conhecimento da língua latina, os exemplos de palavras latinas utilizados por Varrão estão em itálico, seguidos da sua tradução para o português (entre aspas simples).

Como fonte de consulta, e para sanar algumas dúvidas que surgiram durante meu trabalho, li a tradução dos livros VIII a IX para o inglês feita por Roland G. Kent e a tradução, também para o inglês, do livro X feita por Daniel J. Taylor.

A maior dificuldade no processo tradutório talvez seja lidar com a nomenclatura gramatical, já que vários termos usados hoje não existiam na época de Varrão (alguns deles aparecem pela primeira vez no *LL*, mas há vários que são tentativas de impor nome às coisas sobre que Varrão falou). Os casos, por exemplo, não são denominados da forma que conhecemos e alguns deles são chamados por mais de um nome. O caso nominativo é dito de três maneiras: *nominandi casus*, *nominatiuus* e *rectus casus*; já o dativo é chamado de *dandi casus* (‘caso de dar’). A nomenclatura dos modos verbais também apresenta dificuldades na tradução. Eles são descritos por perífrases: *cum imperamus* faz alusão ao modo imperativo e *quae sunt indicandi* refere-se ao modo indicativo; o subjuntivo não recebe um nome latino, somente um exemplo, *legat*.

Esses e outros exemplos deixam claro que não há uma nomenclatura fixa para os fenômenos da língua latina, e aí está a dificuldade em traduzi-los. Seria melhor traduzir todas as referências ao caso nominativo por "nominativo", simplesmente, assumindo a nomenclatura clássica, ou seria melhor traduzi-las de formas diferentes para manter a escolha do autor? Eu optei pela segunda opção, na medida do possível, para deixar mais evidente que esses nomes ainda não estavam fixados. Como Varrão afirma no seu texto, os nomes são impostos pela vontade dos indivíduos. No *LL*, encontramos as primeiras tentativas do autor de tentar impor nome a alguns conceitos linguísticos.

Explicações mais específicas sobre como traduzi essa ou aquela palavra são encontradas nas notas de rodapé.

4.2 TRADUÇÃO DOS LIVROS VIII-X

LIBER VIII	LIVRO VIII
I. 1. Quom oratio natura tripertita esset, ut superioribus libris ostendi, cuius prima pars, quemadmodum vocabula rebus essent imposita, secunda, quo pacto de his declinata in discrimina ier*i*nt, tertia, ut ea inter se ratione coniuncta sententiam efferant, prima parte exposita de secunda incipiam hinc. Ut propago omnis natura secunda, quod prius illud rectum,	I. 1. O discurso é por natureza dividido em três partes, como mostrei nos livros anteriores; a primeira é como os nomes seriam impostos às coisas, a segunda, de que modo as palavras declinadas[15] desses nomes chegariam às suas diferenças, e a terceira, como elas expressariam uma ideia quando unidas entre si por uma relação conjunta. Como a primeira já foi exposta, começarei a tratar da segunda. Como todo

[15] A palavra *declinatio* foi traduzida em todos os parágrafos por "declinação", para manter a forma usada por Varrão. Porém, encontraremos essa palavra no texto com significados distintos: declinação, conjugação, flexão e derivação. Para o autor, declinação representa a mudança que uma palavra sofre dependendo do seu caso, gênero ou número (em se tratando de nomes) ou de seu modo, voz ou tempo (em se tratando de verbos) – o que poderia ser traduzido por flexão – mas também pode significar a formação de novas palavras a partir de outras, o que podemos traduzir por derivação. Como a nomenclatura não existe no texto (Varrão usa as perífrases *declinatio naturalis* e *declinatio voluntaria* para se referir à flexão e à derivação, respectivamente), optei por traduzir *declinatio* por "declinação" e apontar em notas quando for necessário distinguir flexão de derivação.

unde ea, sic declinata: itaque declinatur in verbis: rectum homo, obliquum hominis, quod declinatum a recto.

descendente[16] é, por natureza, secundário, porque o primeiro[17] é reto, de onde o outro se desvia, da mesma forma acontece na declinação das palavras: o caso reto é *homo*, o oblíquo *hominis*, porque é declinado a partir do reto.

2. De huiusce<modi> multiplici natura discriminum <ca>*us*ae sunt hae, cur et quo et quemadmodum in loquendo declinata sunt verba. De quibus duo prima duabus causis percurram breviter, quod et tum, cum de copia verborum scribam, erit retractandum et quod de tribus tertium quod est habet suas permultas ac magnas partes.

2. A partir dessa natureza múltipla, estas são as causas das diferenças: por que, para quê e de que modo as palavras são declinadas na fala. As duas primeiras percorrerei brevemente, por dois motivos: porque o assunto deverá ser abordado novamente quando eu escrever sobre a abundância das palavras e porque a terceira tem divisões numerosas e grandes.

II. 3. Declinatio inducta in sermones non solum Latinos, sed omnium hominum utili et necessaria de causa: nisi enim ita esset factum, neque di<s>cere tantum numerum verborum possemus (infinitae enim sunt naturae in quas ea declinantur) neque quae didicissemus, ex his, quae inter se rerum cognatio esset, appareret. At nunc ideo videmus, quod simile est, quod propagatum: legi <c>um <de lego> declinatum est, duo simul apparent, quodam modo eadem dici et

II. 3. O sistema de declinações foi introduzido não apenas na língua latina, mas nas línguas de todos os homens, porque é útil e necessário; se esse sistema não tivesse sido desenvolvido, nós nem poderíamos aprender um número tão grande de palavras (pois são infinitas as formas em que são declinadas), nem seria visível qual relação haveria entre as que teríamos aprendido. Mas agora vemos, por essa razão, o que é similar e o que é derivado: quando *legi*[18] ‘eu li’ é declinado a partir de *lego* ‘eu leio’, duas coisas ficam

[16] Por diversas vezes o autor usa elementos da natureza como metáfora para assuntos linguísticos. Aqui, compara um ser que dá origem a outros ao sistema de casos, dizendo que os casos oblíquos são desviados do caso reto.

[17] O primeiro (ser), o ascendente.

[18] Optei por traduzir o verbo *lego* por ‘ler’, em vez de ‘colher’, ‘juntar’, ou ‘reunir’, pois Varrão parece querer usar essa acepção da palavra ao utilizar conjuntamente os exemplos *lego* e *scribo* (‘escrevo’) (VIII, 44) e ao afirmar que *lector* (‘leitor’) vem de *lego* (VIII, 57).

non eodem tempore factum; *a*t si verbi gratia alterum horum diceretur Priamus, alterum *H*ecuba, nullam unitatem adsignificaret, quae apparet in lego et legi et in Priamus Priamo.

evidentes ao mesmo tempo: que de algum modo dizemos a mesma coisa e que as ações não são feitas no mesmo tempo. Mas se, por exemplo, uma dessas formas fosse *Priamus* 'Príamo' e a outra *Hecuba* 'Hécuba', não haveria a indicação de uma unidade, que aparece nas formas *lego* e *legi* e em *Priamus* e *Priamo*.

4. Ut in hominibus quaedam sunt agnationes a*c* gentilitates, sic in verbis: ut enim ab *A*emilio homines orti *A*emilii ac gentiles, sic ab *A*emilii nomine declinatae voces in gentilitate nominali: ab eo enim, quod est impositum recto casu *A*emilius, orta *A*emilii, *A*emilium, *A*emilios, *A*emiliorum et sic reliquae eiusdem quae sunt stirpis.

4. Como entre os homens há certas proximidades e parentescos, assim há entre as palavras: pois como de *Aemilius* foram produzidos os homens chamados *Aemilii*[19] e os seus parentes, assim do nome *Aemilius* são declinadas as formas no parentesco nominal: pois, a partir do nome que foi colocado no caso reto *Aemilius*, nasceram as formas *Aemilii*[20], *Aemilium*[21], *Aemilios*[22], *Aemiliorum*[23] e assim as outras palavras que são da mesma estirpe.

5. Duo igitur omnino verborum principia, impositio <et declinatio>, alterum ut fons, alterum ut rivus. Impositicia nomina esse voluerunt quam paucissima, quo citius ediscere possent, declinata quam plurima, quo facilius omnes quibus ad usum opus esset dicerent.

5. Em geral, duas são, pois, as origens das palavras: imposição e declinação; uma é como a fonte, a outra como o rio. Os homens quiseram que os nomes impostos fossem tão poucos quanto possível, para que pudessem aprendê-los rapidamente; já os nomes declinados, eles quiseram que fossem tão numerosos quanto possível, para que mais facilmente todos pudessem dizer aqueles que precisassem usar.

---

[19] Nominativo plural.
[20] Nominativo plural ou genitivo singular.
[21] Acusativo singular.
[22] Acusativo plural.
[23] Genitivo plural.

6. Ad illud genus, quod prius, historia opus est: nisi d*i*scendo, enim aliter id *non* pervenit ad nos; ad reliquum genus, quod posterius, ars: ad quam opus est paucis praeceptis quae sunt brevia. Qua enim ratione in uno vocabulo declinare didiceris, in infinito numero nominum uti possis: itaque novis nominibus allatis <in> consuetudinem sine dubitatione eorum declinatus statim omnis dicit populus; etiam novicii servi empti in magna familia cito omnium conservorum <n>om<i>n*a* recto casu accepto in reliquos obliquos declinant.

6. No que diz respeito ao primeiro grupo, é necessário que se faça um trabalho histórico: não se pode fazê-lo senão aprendendo, pois de outro modo ele não veio até nós; no que diz respeito ao segundo grupo, é necessário que se faça um tratado[24]: para isso são necessários poucos e breves preceitos. Pois a maneira pela qual você tiver aprendido a declinar em um nome, você pode utilizar em um número infinito de nomes: da mesma forma quando novos nomes são trazidos para o uso comum, o povo imediatamente diz suas formas declinadas sem hesitação; também os escravos recentes de uma família grande rapidamente declinam os nomes de todos os outros escravos nos casos oblíquos, tendo ouvido o caso reto.

7. Qui s<i> non numquam offendunt, non est mirum: et enim ill*i* qui primi nomina imposuerunt rebus fortasse an in quibusdam sint lapsi: voluis<se> enim putant<ur> singularis res notare, ut ex his in multitudine<m> declinaretur, ab homine homines; sic mares liberos voluisse notari, ut ex his feminae declinarentur, ut est ab Terentio Terentia; sic in recto casu quas imponerent voces, ut illinc essent futurae quo declinarentur: sed haec in omnibus tenere nequisse, quod et una<e> et <binae> dicuntur

7. Se alguém às vezes erra, não é de se admirar, já que também aqueles que no princípio impuseram nomes às coisas provavelmente cometeram alguns lapsos, pois julga-se que queriam designar as coisas no singular, para que a partir delas se declinasse o plural. Por exemplo, a partir de *homo* ‘homem’, *homines* ‘homens’. Assim, supõe-se que desejaram que a partir dos filhos homens fossem declinadas as formas femininas, como, por exemplo, de *Terentius* ‘Terêncio’, *Terentia* ‘Terência’; assim, dos nomes que eles impuseram no caso reto, haveria

---

[24] *ars* ou *ars grammatica*, um tratado sobre a língua.

scopae, et mas et femina aquila, et recto et obliquo vocabulo vis.

outros que poderiam ser declinados. Mas supõe-se que eles não puderam manter isso em todas as formas, pois o nome *scopae* 'vassoura' é usado tanto para uma como para duas, *aquila* 'águia' é usado tanto para o macho como para a fêmea e *uis* 'força' é usado tanto para o caso reto como para um caso oblíquo[25].

8. Cur haec non tam si<n>t in culpa quam putant, pleraque solvere non difficile, sed nunc non necesse: non enim qui potuerint adsequi sed qui voluerint, ad hoc quod propositum refert, quod nihilo minus declinari potest ab eo quod imposuerunt scopae scopa<rum>, quam si imposuissent scopa, ab eo scopae, sic alia.

8. Por que essas palavras não são formas tão erradas quanto pensam, em sua maior parte não é difícil explicar, mas agora não é necessário: pois o importante para o assunto que nos propomos não é como eles puderam chegar até essas formas, mas como quiseram fazer isso, pois *scoparum* pode ser declinado a partir do nome que impuseram, *scopae*, não menos do que *scopae* de *scopa*, se este tivesse sido o nome imposto, e da mesma forma em outros casos.

III. 9. Causa, inquam, cur ea*s* ab impositis nominibus declinarint, quam ostendi; sequitur, in quas voluerint declinari aut noluerint, ut generatim ac summatim item informem. Duo enim genera verborum, unum fecundum, quod declinando multas ex se parit disparilis formas, ut est lego legi legam, sic alia, alterum genus sterile, quod ex se parit nihil, ut est et iam vix cras magis cur.

III. 9. A causa, eu digo, por que elas foram declinadas a partir dos nomes impostos, é a que eu mostrei; a seguir informarei também sobre as formas em que eles quiseram ou não declinar, em geral e resumidamente. Pois há duas espécies de palavras: uma produtiva, que por declinação gera a partir de si muitas formas diferentes, como acontece em *lego* 'eu leio', *legi* 'eu li', *legam* 'eu lerei', e assim por diante; outra improdutiva, pois a partir de si não gera forma alguma, como

[25] O genitivo.

et ‘e’, *iam* ‘já’, *uix* ‘apenas’, *cras* ‘amanhã’, *magis* ‘mais’ e *cur* ‘por que’[26].

10. Quarum rerum usus erat simplex, <simplex> ibi etiam vocabuli declinatus, ut in qua domo unus servus, uno servili op*u*st nomine, in qua multi, pluribus. Igitur et in his rebus qu*ae* sunt nomina, quod discrimina vocis plura, propagines plures, et in his rebus quae copulae sunt ac iungunt verba, quod non opus fuit declinari in plura, fere singula sunt: uno enim loro alligare possis vel hominem vel equum vel aliud quod, quicquid est quod cum altero potest colligari. Sic quod dicimus in loquendo "Consul fuit Tullius et Antonius," eodem illo ‘et’ omnis binos consules collig*a*re possumus, vel dicam amplius, omnia nomina, atque *a*deo etiam omnia verba, cum fulmentu*m* ex una syllaba illud ‘et’ maneat unum. Quare duce natura <factum>*st*, quae imposita essent vocabula rebus, ne ab omnibus his declina*t*us putare*mus*.

10. O uso dessas coisas era simples, e simples também era a declinação do nome, como, numa casa em que há um só escravo, há necessidade de somente um nome de escravo, mas, onde há muitos, há necessidade de mais nomes. Logo também nessas coisas que são nomes, que são separações da voz, também há mais desdobramentos, e nessas formas que são conectivas e ligam as palavras, porque não houve necessidade de decliná-las em mais formas, são praticamente de uma só forma: pois com uma correia você pode atar um homem ou um cavalo ou outra coisa que, o que quer que seja, possa ser atada a outra coisa. Assim, porque dizemos na fala *Consul fuit Tullius et Antonius* ‘Túlio e Antônio foram cônsules’, com o mesmo *et* podemos ligar todos os pares de cônsules, ou, direi mais, todos os nomes, e na verdade também todas as palavras, enquanto aquele suporte de uma sílaba, *et*, permanece o mesmo. Pois pelo comando da natureza se fez com que as palavras fossem impostas às coisas, mas não pensemos que a partir de todas se deva declinar.

IV. 11. Qu*o*rum generum declinationes oriantur, partes orationis sunt duae,

IV. 11. Destas espécies em que as declinações surgem, as partes do discurso

[26] Palavras ditas indeclináveis e invariáveis. Fazem parte desse grupo os advérbios, conjunções, preposições, a maioria das interjeições e as partículas (por exemplo, interrogativas).

<ni>si item ut D*i*on in tris diviserimus partes res quae verbis significantur: un*a*m quae adsignificat ca*s*us, alter*a*m quae tempora, tertia<m> quae neutrum. De his Aristoteles orationis duas partes esse dicit: vocabula et verba, ut homo et equus, et legit et currit.

são duas, a não ser que, segundo Díon[27], façamos a divisão em três partes das coisas que são indicadas pelas palavras: uma que indica casos, outra que indica tempos, e uma terceira que não indica nenhum dos dois[28]. Quanto a isso, Aristóteles[29] disse haver duas partes do discurso: os nomes e os verbos, como *homo* 'homem' e *equus* 'cavalo'; *legit* 'lê' e *currit* 'corre'.[30]

12. Utriusque generis, et vocabuli et verbi, quaedam priora, quaedam posteriora; priora ut homo, scribit, posteriora ut doctus et docte: dicitur enim homo doctus et scribit docte. Haec sequitur locus et tempus, quod neque homo nec scribi<t> potest sine loco et tempore esse, ita ut magis sit locus homini coniunctus, tempus scriptioni.

12. De ambas as espécies, tanto do nome como do verbo, algumas são primárias e outras secundárias: primárias, como *homo* 'humano' e *scribit* 'ele escreve'; secundárias, como *doctus* 'sábio' e *docte* 'sabiamente', pois diz-se *homo doctus* 'humano sábio' e *scribit docte* 'ele escreve sabiamente'. Elas estão acompanhadas de lugar e tempo, pois nem *homo* nem *scribit* podem existir sem lugar e sem tempo, de tal forma que o lugar é mais ligado ao homem, o tempo ao escrever[31].

13. Cum de his nomen sit primum (prius enim nomen est quam verbum temporale[32] et reliqua posterius quam nomen et verbum), prima igitur nomina: quare de eorum declinatione quam de verborum ante dicam.

13. Já que desses o nome é o primeiro (primeiro porque o nome é anterior ao verbo[33] e as outras palavras posteriores com relação ao nome e ao verbo), os nomes vêm primeiro: logo tratarei das declinações deles antes da dos verbos.

---

[27] Filósofo de Alexandria.

[28] Kent (1951b, p. 380) lembra que a divisão entre nomes, verbos e *conuictiones* remete a Aristóteles, segundo Quintiliano (*Inst. Orat*. I, 4, 18).

[29] *Rhet*. III.

[30] Aristóteles manteve a divisão de Platão (*ónoma* e *rhêma*), mas acrescentou uma nova classe: a das conjunções (*súndesmoi*). Porém, para o autor, só as duas primeiras classes pertenciam ao discurso.

[31] O lugar é mais ligado ao nome e o tempo à ação.

[32] Varrão preferiu desfazer a ambiguidade do termo *verbum*, que significa tanto 'palavra' como 'verbo', usando algumas vezes a perífrase *verbum temporale* para se referir à segunda acepção (pois o verbo sofre flexão de tempo).

[33] Na sentença.

V. 14. Nomina declinantur aut in earum rerum discrimina, quarum nomina sunt, ut ab Terentius Terenti<a>, aut in ea<s> res extrinsecus, quarum ea nomina non sunt, ut ab equo equiso. In sua discrimina declinantur aut propter ipsius rei naturam de qu*a* dicitur aut propter illius <usum> qui dicit. Propter ipsius rei discrimina, aut ab toto <aut a parte. Quae a toto, declinata sunt aut propter multitudinem aut propter exiguitatem. Propter exiguitatem>, ut ab homine homunculus, ab capite capitulum; propter multitudinem, ut ab homine homines; ab eo <abeo> quod alii dicunt cervices et id *H*ortensius in poematis cervix.

V. 14. Os nomes são declinados ou quanto às diferenças das coisas, das quais são nomes, como *Terentia* 'Terência' de *Terentius* 'Terêncio', ou quanto às coisas externamente, das quais não são nomes, como a partir de *equus* 'cavalo' temos *equiso* 'escudeiro'. Para mostrar suas próprias diferenças, os nomes são declinados ou por causa da natureza sobre a qual se fala ou por causa do uso daquele que diz. Por causa das diferenças da própria coisa, as declinações são feitas a partir de um todo ou de uma parte. As que vêm de um todo são declinadas ou pelo plural, ou por causa da pequeneza. Por causa da pequeneza, como de *homo* 'humano' temos *homunculus* 'homenzinho', ou de *caput* 'cabeça' *capitulum* 'cabecinha'; por causa do plural, como de *homo* 'homem' temos *homines* 'homens'; eu deixo de lado o fato de que outros dizem *cervices*[34] e Hortênsio usa *cervix* 'nuca' em seus poemas.

15. Quae a p*a*rte declinata, aut a corpore, ut a mamma mammosae, a manu manubria, aut ab animo, ut a prudentia pruden<te>s, ab ingenio ingeniosi. Haec sine agitationibus; at ubi motus maiores, item ab animo <aut a corpore>, ut ab strenuitate et nobilitate strenui et nobiles, sic a

15. As que são declinadas de uma parte são declinadas ou a partir de um corpo, como *mammosae* 'mamudas' de *mamma* 'mama' e *manubria* 'cabos' de *manus* 'mão', ou a partir do intelecto, como *prudentes* 'prudentes' de *prudentia* 'prudência' e *ingeniosi* 'engenhosos' de *ingenium* 'gênio'. Estas se fazem sem movimentos;

[34] Plural de *cervix*, talvez representando os músculos do pescoço.

pugnando et currendo pugiles et cursores. Ut aliae declinationes ab animo, aliae a corpore, sic aliae quae extra hominem, ut pecuniosi, agrarii, quod foris pecunia et ager.

mas quando há movimentos maiores, são da mesma forma a partir do espírito ou do corpo, como *strenu*i ‘corajosos’ e *nobiles* ‘nobres’, de *strenuitas* ‘coragem’ e *nobilita*s ‘nobreza’, e ainda *pugiles* ‘pugilistas’ e *cursores* ‘corredores’, de *pugnando* ‘lutar’ e *currendo* ‘correr’. Como algumas declinações vêm do espírito e outras do corpo, da mesma forma outras vêm de fora do homem, como *pecuniosi* ‘ricos’ e *agrarii* ‘agricultores’, porque *pecunia* ‘dinheiro’ e *ager* ‘campo’ estão fora.

VI. 16. Propter eorum qui dicunt usum declinati casus, uti is qui de altero diceret, distinguere posset, cum vocaret, cum daret, cum accusaret, sic alia eiusdem <modi> discrimina, quae nos et Graecos ad declinandum duxerunt. Sine controversia <sunt obliqui, qui nascuntur a recto: unde rectus an sit casus> sunt qui quae<rant. Nos vero sex habemus, Graeci quinque>: quis vocetur, ut *H*ercules; quemadmodum vocetur, ut *H*ercule; quo vocetur, ut ad *H*erculem; a quo vocetur, ut ab *H*ercule; cui vocetur, ut *H*erculi; cuius vocetur, ut *H*erculis.

VI. 16. É para o uso dos falantes os casos são declinados, para que se possa distinguir, no momento em que uma pessoa fala da outra, quando se está chamando, quando se está dando, ou ainda acusando, e outras diferenças da mesma espécie, as quais conduziram a nós e aos gregos a declinar. Sem controvérsia são os oblíquos, que nascem de um caso reto; mas há aqueles que se perguntam se o reto é propriamente um caso. Na verdade, os gregos têm cinco casos e nós seis[35]: quem se chama, como *Hercules* ‘Hércules’[36]; de que maneira o chamado é feito, como *Hercule*[37]; para onde se chama, como *Herculem*[38]; de onde se chama, como *ab Hercule*[39]; para quem há um chamado,

[35] O grego não possuía o caso ablativo.
[36] Nominativo.
[37] Vocativo.
[38] Acusativo.
[39] Ablativo.

como *Herculi*[40]; de quem a coisa chamada é, como *Herculis*[41].

VII. 17. Propter ea verba quae erant proinde ac cognomina, ut prudens, candidus, strenuus, quod in his praeterea sunt discrimina propter incrementum, quod maius aut minus in his esse potest, accessit declinationum genus, ut a candido candidius candidissimum sic a longo, divite, id genus aliis ut fieret.

VII. 17. Por causa das palavras que eram como os nomes de família[42], como *prudens* 'prudente', *candidus* 'cândido', *strennus* 'corajoso' (pois nelas há diferenças mostradas no aumento, porque pode existir nelas um grau maior ou menor), aconteceu a origem das declinações, como de *candidus* surgem *candidius*[43] e *candidissimus*[44], e da mesma forma de *longus* e *diues*, e de outras palavras desta espécie.

18. Quae in eas res quae extrinsecus declinantur, sunt ab equo equile, ab ovibus ovile, sic alia: haec contraria illis quae supra dicta, ut a pecunia pecuniosus, ab urbe urbanus, ab atro atratus: ut nonnunquam ab homine locus, ab eo loco homo, ut ab Romulo Roma, ab Roma Romanus.

18. As que são declinadas nas coisas que são exteriores são, por exemplo, a partir de *equus* 'cavalo', *equile* 'estrebaria', a partir de *ouis* 'ovelha', *ouile* 'redil', e assim outras; essas são contrárias àquelas que eu citei acima, como a partir de *pecunia* 'dinheiro', *pecuniosus* 'rico'; a partir de *urbs* 'cidade', *urbanus* 'urbano' e a partir de *ater* 'negro', *atratus* 'enegrecido': como algumas vezes a partir de um homem temos o nome de um lugar, a partir desse lugar temos o nome de um homem, como de *Romulus* "Rômulo' há *Roma* 'Roma'[45], e de *Roma* há *Romanus* 'romano'.

---

[40] Dativo.
[41] Genitivo.
[42] O terceiro nome, o da família, em se tratando de um homem livre. Os nomes romanos tinham três partes (*tria nomina*). Exemplo: *Caius* (*praenomen,* primeiro nome) *Julius* (*nomen gentilicium,* nome do clã) *Caesar* (*cognomen,* nome da família).
[43] Grau comparativo.
[44] Grau superlativo.
[45] Como lembra Kent (1951b, p. 386), *Romulus* é derivado de *Roma*, e não o contrário, como afirma Varrão.

19. Aliquot modis declinata ea quae foris: nam aliter qui a maioribus suis, Laton<i>us et Priamidae, aliter quae <a> facto, ut a praedando praeda, a merendo merces; sic alia sunt, quae circum ire non difficile; sed quod genus iam videtur et alia urgent, omitto.

19. De alguns modos são declinadas essas que são exteriores: de um modo as que são derivadas a partir dos nomes de seus antepassados, como *Latonius* ‘Latônio’[46] e *Priamidae* ‘Priamides’[47], de outro, as que são derivadas de uma ação, como *praeda* ‘espólio’ de *praedo* ‘roubar’ e *merces* ‘pagamento’ de *mereor* ‘merecer’; assim também há outras, que não são difíceis de serem reunidas. Mas porque tal espécie já está clara e outras coisas são urgentes, eu deixo isso de lado.

VIII. 20. In verborum genere quae tempora adsignificant, quod ea erant tria, praeteritum, praesens, futurum, declinatio facienda fuit triplex, ut ab saluto salutabam, salutabo; cum item personarum natura triplex esset, qui loqueretur, <ad quem>, de quo, haec ab eodem verbo declinata, quae in copia verborum explicabuntur.

VIII. 20. Na espécie de palavras que indicam tempo, porque eram três – pretérito, presente e futuro –, a declinação deveria ser feita de forma tripla, como, de *saluto* ‘saúdo’, *salutabam* ‘saudava’ e *salutabo* ‘saudarei’; já que, da mesma forma, a natureza das pessoas do verbo é tripla – quem fala[48], essas são declinadas a partir do próprio verbo, formas que serão explicadas em abundância de exemplos.

IX. 21. Quoniam dictum de du*o*bus, declinatio cur et in qua<s> sit fa*ct*a, tertium quod relinquitur, quemadmodum, nunc dic*e*tur. Declinationum genera sunt duo, voluntarium et naturale; voluntarium est, quo ut cuiusque tulit voluntas declinavit. Sic tres cum emerunt Ephesi singulos servos, nonnunquam

IX. 21. Visto que foi discutido sobre dois pontos (por que há a declinação e em que ela é feita), o terceiro que resta, de que modo, será agora estudado. As espécies de declinação são duas, a voluntária e a natural. Voluntária é aquela cujo produto vem da vontade de cada indivíduo. Assim, três homens, quando adquirem, cada um, um escravo em Éfeso, às vezes o primeiro

[46] Filho de Latona, mãe de Apolo e Diana.
[47] Filhos de Príamo, rei de Troia.
[48] Primeira pessoa.

alius declinat nomen ab eo qui vendit Artemidorus, atque Artemam appellat, alius a regione quod ibi emit, ab Ion<i>a Iona, alius quod Ephesi Ephesium, sic alius ab alia aliqua re, ut visum est.

deriva o nome do seu a partir do vendedor *Artemidorus* ‘Artemidoro’, e o chama *Artemas*, outro o deriva a partir da região em que comprou, e a partir de *Ionia* ‘Iônia’ o chama *Ion* ‘Íon’, outro, porque o escravo fosse de *Ephesus* ‘Éfeso’, o chama *Ephesius*; assim cada um deriva o nome a partir de uma coisa diferente, como se viu.

22. Contra naturalem declinationem dico, quae non a singulorum oritur voluntate, sed a com<m>uni consensu. Itaque omnes impositis nominibus eorum item declinant casus atque eodem modo dicunt huius Artemidori et huius Ionis et huius Ephesi, sic in casibus aliis.

22. Por outro lado, eu chamo de declinação natural aquela que nasce não da vontade dos indivíduos, mas do consenso. Assim, quando os nomes são estabelecidos, todos declinam os casos do mesmo modo, e da mesma forma dizem *huius Artemidori* ‘deste Artemidoro’, *huius Ionis* ‘deste Íon’ e *huius Ephesi* ‘deste Éfeso’[49], e assim também nos outros casos.

23. Cum utrumque nonnunquam accidat, et ut in voluntaria declinatione animadvertatur natura et in naturali voluntas, quae, cuiusmodi sint, aperientur infra; quod utraque declinatione alia fiunt similia, alia dissimilia, de eo Graeci Latinique libros fecerunt multos, partim cum alii putarent in loquendo ea verba sequi oportere, quae ab similibus similiter essent declinata, quas appellarunt ἀναλογίας, alii cum id neglegendum putarent ac potius sequendam <dis>similitudinem, quae in consuetudine est, quam vocaru*nt*

23. As duas, às vezes, são encontradas juntas, de modo que na declinação voluntária é observada a natureza e na natural a vontade; de que modo isso acontece será revelado abaixo. Já que nos dois tipos de declinação umas palavras se tornam similares e outras diferentes, sobre isso os gregos e latinos escreveram muitos livros. De uma parte uns julgaram que no falar convém seguir aquelas palavras que são declinadas semelhantemente de palavras semelhantes, o que chamaram de analogia; outros julgaram que isso deveria ser desprezado e que deveria ser mais seguida a diferença, que é encontrada no

[49] Genitivos.

ἀ<ν>ωμαλίαν, cum, ut ego arbitror, utrumque sit nobis sequendum, quod <in> declinatione voluntaria sit anomalia, in naturali magis analogia.

uso comum, e a chamaram de anomalia. Mas, como eu penso, ambas devem ser seguida por nós, pois na declinação voluntária há anomalia, e na natural há mais analogia.

24. De quibus utriusque generis declinationibus libros faciam bis ternos, prioris tris de earum declinationum disciplina, posteriores *de* eius disciplinae propaginibus. De prioribus primus erit hic, quae contra similitudinem declinationum dicantur, secundus, quae contra dissimilitudinem, tertius de similitudinum forma; de quibus quae expe*d*iero singulis tribus, tum de alteris totidem scribere ac dividere incipiam.

24. Sobre ambas as espécies de declinações, farei dois conjuntos de três livros, os primeiros três sobre a doutrina das declinações, os outros sobre os resultados de sua disciplina[50]. Do primeiro conjunto, o primeiro será este, que é contra a semelhança das declinações, o segundo será contra a diferença, e o terceiro sobre a forma das semelhanças; esses assuntos eu explicarei nos três livros individualmente; então sobre os outros começarei a escrever e dividir em número igual de livros.

X. 25. Quod huiusce libri est dicere contra eos qui similitudinem sequuntur, quae est ut in aetate puer ad senem, <puella> ad anum, in verbis ut est scribo scribam, dicam prius contra universam analogiam, dein tum de singulis partibus. A natura sermo<nis> incipiam.

X. 25. Como é assunto deste livro falar contra aqueles que seguem a semelhança, que é como, quanto à idade, a relação do menino para o velho, e da menina para a velha, e nas palavras a relação de *scribo* ‘eu escrevo’ para *scribam* ‘eu escreverei’, falarei primeiro contra toda a analogia, depois sobre as suas partes individuais. Começarei a partir da natureza da fala.

XI. 26. Omnis oratio cum debeat dirigi ad utilitatem, ad quam tum denique pervenit, si est aperta et brevis, quae petimus, quod obscuru*s* et longi<or> orator est odio; et cum efficiat aperta,

XI. 26. Todo discurso deve ser dirigido à utilidade, e de fato chega a essa utilidade que pedimos, se for claro e breve, porque o orador obscuro e muito prolixo é odiado; e já que uma fala clara faz o discurso ser

[50] Os livros XI, XII e XIII, que provavelmente continham estudos sobre os nomes de lugar, os verbos e as palavras dos poetas.

ut intellegatur, brevis, *u*t cito intellegatur, et aperta<m> consuetudo, brevem temperantia loquentis, et utrumque fieri possit sine analogia, nihil ea opus est. Neque enim, utrum Herculi an Herculis clavam dici oporteat, si doceat analogia, cum utrumque sit in consuetudine, non neglegendum, quod aeque sunt et brevi<a> et aperta.

entendido e uma fala breve faz com que o discurso seja brevemente entendido, e como o uso torna o discurso claro e a moderação do falante torna-o breve, e ambos podem surgir sem analogia, em nada a analogia é necessária. Se ensina a analogia, pois, que não convém dizer *Herculi claua* ou *Herculis claua*, sendo que ambas estão no uso comum, nenhuma delas deve ser desprezada, pois são igualmente breves e claras.

XII. 27. Praeterea quoius utilitatis causa quaeque res sit inventa, si ex ea quis id sit consecutus, amplius ea<m> scrutari cum sit nimium otiosi, et cum utilitatis causa verba ideo sint imposita rebus ut ea<s> significent, si id consequimur una consuetudine, nihil prodest analogia.

XII. 27. Além disso, se alguém assegurar que cada coisa foi inventada por causa da utilidade, já que investigar isso mais além seria demasiado ocioso, e já que por causa da utilidade as palavras são impostas às coisas para que as signifiquem, se isso seguimos apenas por consenso, de nada serve a analogia.

XIII. 28. Acc*e*dit quod quaecumque usus causa ad vitam sint assumpta, in his no<strumst> utilitatem qu*a*erere, non similitudinem: itaque in vestitu cum dissimillima sit virilis toga tunica<e>, muliebri<s> stola pallio, tamen inaequabilitatem hanc sequi*m*ur nihilo minus.

XIII. 28. Além disso, em cada coisa que seja aplicada ao nosso cotidiano por causa do uso, é nossa prática procurar a utilidade, não a semelhança: e assim nas roupas, apesar de uma toga viril[51] ser bem diferente da sua túnica[52], e uma estola[53] feminina ser diferente de um pálio[54], não seguimos, contudo, a desigualdade.

[51] A *toga*, traje formal masculino que somente os cidadãos romanos (livres) podiam usar. A toga *virilis*, citada por Varrão, era lisa e de lã branca, utilizada somente por homens adultos.

[52] Roupa usada por baixo da toga pelos cidadãos de classes superiores. Os soldados e trabalhadores utilizavam-na sem nada por cima. É equivalente ao *quíton* grego (peça retangular presa aos ombros por broches e à cintura por cordões).

[53] *Stola* era a roupa formal das mulheres, um vestido longo e plissado feito geralmente de lã, algodão ou seda.

[54] *Pallium* era um pano que as mulheres usavam por cima da *stola* para cobrir a cabeça.

XIV. 29. In *a*edificiis, quo*m* non videamus habere <ad> atrium περίστυλον similitudinem et cubiculum ad equile, tamen propter utilitatem in his dissimilitudines potius quam similitudines sequ*i*mur: itaque et hiberna triclinia et *a*estiva non item valvata ac fenestrata facimus.

XIV. 29. Nas construções, embora não vejamos que há uma semelhança do átrio com o peristilo[55] e de um quarto com uma estrebaria, contudo seguimos mais as diferenças que as semelhanças, por causa da utilidade nessas coisas: e assim fazemos tanto salas de jantar de inverno como de verão, mas não com as mesmas portas e janelas.

XV. 30. Quare cum, *u*t in vestitu *a*edificiis, sic in supellectile cibo ceterisque omnibus quae usus <causa> ad vitam sunt assumpta dominetur inaequabilitas, in sermone quoque, qui est usus causa constitutus, ea non repudianda.

XV. 30. Logo, como a diferença prevalece não somente nas roupas e nas construções, mas também nos móveis, na comida, e em todas as outras coisas que aplicamos ao nosso cotidiano, o princípio da anomalia também não deve ser rejeitado na fala humana, já que foi construído pelo intuito do uso.

XVI. 31. Quod si quis duplicem putat esse summam, ad quas metas naturae sit perveniendum in usu, utilitatis et elegantiae, quod non solum vestiti esse volumus ut vitemus frigus, sed etiam ut videamur vestiti esse honeste, non domum habere ut simus in tecto et tuto solum, quo necessitas contruserit, sed etiam ubi voluptas retineri possit, non solum vasa ad victum habilia, sed etiam figura bella atque ab artifice <ficta>, quod aliud homini, aliud humanitati satis est; quodvis sitienti homini poculum

XVI. 31. Pois, se alguém considera que a soma de utilidade e elegância, para atingir no uso as metas que a natureza coloca, seja par, porque não queremos somente estar vestidos para evitar o frio, mas também para parecermos estar vestidos decentemente, e queremos ter uma casa não só para estar em local coberto e protegido, onde a necessidade nos estabeleceu, mas também onde a nossa satisfação possa ser conservada, queremos ter vasos não só para guardar o alimento, mas também com belas imagens formadas pelo artífice, pois uma coisa é suficiente

[55] O átrio era um pequeno pátio central que havia no interior das casas romanas, localizado junto à entrada. O peristilo era um pátio maior que também ficava no interior de uma casa ou edifício público, mas encontrava-se mais afastado da entrada, servindo para recepcionar os convidados.

idoneum, humanitati <ni>si bellum parum; sed cum discessum e<s>t ab utilitate ad voluptatem, tamen in eo ex dissimilitudine plus voluptatis quam ex similitudine s*a*epe capitur.

para o homem, outra para o espírito; pois para o homem sedento uma taça qualquer é o suficiente, mas não para o espírito, a não ser no caso de ela ser artisticamente bela; mas quando há movimento da utilidade para o prazer, frequentemente nisso mais prazer é atingido a partir da diferença do que a partir da semelhança.

32. Quo nomine et gemina conclavia dissimiliter pol*iu*nt et lectos non omnis paris magnitudine ac figura faciunt. Quod <si> esset analogia petenda supellectili, omnis lectos haberemus domi ad unam formam et aut cum fulcro aut sine eo, nec cum ad tricliniarem gradum, non item ad cubicularem; neque potius delectaremur supellectile distincta quae esset ex ebore <aliisve> rebus disparibus figuris quam grabatis, qui ἀνὰ λόγον ad similem formam plerumque eadem materia fiunt. Quare aut negandum nobis disparia esse iucunda aut, quoniam necesse est confiteri, dicendum verborum dissimilitudine<m>, quae sit in consuetudine, non esse vitandam.

32. Por essa razão ornamentam quartos semelhantes de maneira diferente, e não fazem todos os leitos com o mesmo tamanho e a mesma forma. Pois se a analogia fosse exigida para os mobiliários, teríamos todos os leitos da casa feitos de uma só forma, tanto com suportes como sem; como temos um com um degrau para o triclínio, deveríamos, da mesma forma, ter um para o quarto; e não teríamos mais prazer nos diferentes mobiliários que são enfeitados com figuras desiguais de marfim ou de outros materiais do que nos leitos pobres, que de maneira semelhante são feitos, a maior parte deles, da mesma forma e com o mesmo material. Ou deve ser negado por nós que os desiguais são agradáveis, ou deve ser dito – posto que isto é necessário admitir – que a diferença das palavras, que está no uso comum, não deve ser evitada.

XVII. 33. Quod si analogia sequenda est nobis, aut ea observanda est quae est in consuetudine aut quae non est. Si ea quae est sequenda est, praeceptis

XVII. 33. Mas se a analogia deve ser seguida por nós, deve ser observada a analogia que está no uso comum ou a que não está. Se seguirmos a que está presente

nihil opus est, quod, cum consuetudinem sequemur, ea nos sequetur; si quae non est in consuetudine, qu*a*eremus: ut quisque duo verba in quattuor formis finxer*i*t similiter, quamvis haec nolemus, tamen erunt sequenda, ut Iuppit<r>i, Marspitrem? Quas si quis servet analogias, pro insano sit reprehendendus. Non ergo ea est sequenda.

no uso, não há necessidade de preceitos, porque, quando seguimos o uso, a analogia nos seguirá; se seguirmos a analogia que não está no uso, perguntamos: quando alguém tiver criado duas palavras em quatro formas de maneira semelhante[56], ainda que não queiramos isso, contudo deverão ser seguidas, como *Iuppitri* e *Marspitrem*[57]? Se alguém preservasse essas analogias, deveria ser repreendido como louco. Logo, essa espécie de analogia não deve ser seguida.

XVIII. 34. Quod si oportet id es<se>, ut a similibus similiter omnia declinentur verba, sequitur, ut ab *d*issimilibus, dissimilia debeant fingi, quod non fit: nam et <ab> similibus alia fiunt similia, alia dissimilia, et ab dissimilibus partim similia partim dissimilia. Ab similibus similia, ut a bono et malo bonum malum; ab similibus dissimilia, ut ab lupus lepus lupo lepori. Contra ab dissimilibus dissimilia, ut Priamus Paris, Priamo Pari: ab dissimilibus similia, ut Iupiter ovis, Io*v*i ovi.

XVIII. 34. Mas se convém que seja assim, de modo que a partir de formas semelhantes sejam declinadas tantas palavras semelhantemente, segue-se que a partir de formas diferentes devam ser criadas novas formas diferentes, o que não ocorre: pois a partir de formas semelhantes surgem tanto formas semelhantes como outras diferentes, e a partir de formas diferentes uma parte é de formas semelhantes e outra de formas diferentes. Das que são semelhantes a partir de semelhantes, temos estes exemplos: de *bonus* 'bom' e *malus* 'mau'[58] surgem *bonum* e *malum*[59]; das que são diferentes a partir de semelhantes, temos: de *lupus* 'lobo' e *lepus* 'lebre'[60], são feitos *lupo* e

[56] Isto é, os casos genitivo, acusativo, dativo e ablativo a partir do nominativo.
[57] Dativo e acusativo, respectivamente. Nesses casos, nos exemplos dados por Varrão, a palavra *pater* forma a segunda parte de *Iuppiter* e *Marspiter*, o que não é comum. Segundo Kent (1951b, p. 396-397), tais exemplos são citados pelos gramáticos como formas que não devem ser usadas.
[58] Nominativos.
[59] Acusativos masculinos (ou formas neutras).
[60] Nominativos.

lepori[61]. Por outro lado, as formas diferentes feitas a partir de formas primárias diferentes são, por exemplo, de *Priamus* ‘Príamo’ e *Paris* ‘Páris’[62], *Priamo* e *Pari*[63]; e como exemplo de formas semelhantes a partir de formas diferentes, temos *Iupiter* ‘Júpiter’ e *ouis* ‘ovelha’[64], donde são feitos *Ioui* e *oui*.[65]

35. Eo iam magis analogias <esse negandum, quod non modo ab similibus> dissimilia finguntur, sed etiam ab isdem vocabulis dissimilia neque a dissimilibus similia, sed etiam eadem. Ab isdem vocabulis dissimilia fingi apparet, quod, cum duae sint Al*b*ae, ab una dicuntur Albani, ab altera Albenses; cum trinae fuerint Athenae, ab una dicti Athenae<i>, ab altera Athenaiis, a tertia Athen*a*eopolitae.

35. E devemos negar as analogias ainda mais pelo fato de que não apenas a partir de formas semelhantes são feitas formas diferentes, mas também a partir de nomes idênticos são feitas formas diferentes, e não somente formas semelhantes, mas formas idênticas são feitas a partir de nomes diferentes. A partir de palavras idênticas é evidente que são formadas palavras diferentes, pois, embora haja duas cidades chamadas *Alba*, os habitantes de uma são chamados de *Albani*[66], e os da outra são chamados *Albenses*[67]; embora tenha havido três cidades com o nome de *Athenae* ‘Atenas’, os habitantes de uma são chamados de *Athenaei*, os da outra *Athenaiis*, e os da terceira *Athenaepolitae*[68].

36. Sic ex diversis verbis multa facta in declinando inveniuntur eadem, ut cum

36. Assim, muitas formas feitas na declinação a partir de palavras diferentes

[61] Dativos (formas diferentes de dativos para palavras ditas semelhantes).
[62] Nominativos.
[63] Dativos.
[64] Nominativos.
[65] Dativos.
[66] Habitantes de *Alba Longa* (KENT, 1951b, p. 398).
[67] Habitantes de *Alba Fucens* ou *Fucentia* (idem, ibidem).
[68] Segundo KENT (idem, ibidem), as formas desses nomes são incertas, especialmente a do segundo.

dico ab Saturni Lua Luam, et ab solvendo luo luam. Omnia fere nostra <n>omina *viri*lia et muliebria multitudinis cum recto casu fiunt dissimilia, e*a*<de>m <in> dan*d*<i>: dissimilia, ut mares Terentiei, feminae Terentia<e>, eadem in dandi, vireis Terentieis et mulieribus Terentieis. Dissimile Plautus et Plautius, <Marcus et Marcius>; et co<m>mune, ut huius Plauti et Marci.

são encontradas como a mesma, como quando digo *Luam*[69] ‘Lua’ a partir de *Saturni Lua* ‘Lua[70] de Saturno’ e *luam* ‘dissolverei’ da ideia de *luo* ‘soltar’. Quase todos os nossos nomes masculinos e femininos são diferentes no plural do caso reto, mas iguais nas formas de dar[71]: são diferentes no caso reto os homens chamados *Terentiei* ‘Terêncios’ e as mulheres chamadas *Terentiae* ‘Terências’, mas são os mesmos nas formas de dar: *uireis Terentieis* ‘para os homens Terêncios’ e *mulieribus Terentieis* ‘para as mulheres Terências’[72]. São diferentes *Plautus* e *Plautius*, *Marcus* e *Marcius*; mas há a forma comum para os dois: *Plauti* e *Marci*[73].

XIX. 37. Denique si est analogia, quod in multis verbis e<s>t similitudo verborum, sequitur, quod in pluribus est dissimilitudo, ut non sit in sermone sequenda analogia.

XIX. 37. Enfim, ainda que exista analogia, porque em muitas palavras há semelhança de formas, segue-se que em mais palavras há diferença, e, portanto, a analogia não deve ser seguida na fala.

XX. 38. Postremo, si est in oratione, aut in omnibus eius partibus est aut in aliqua: *a*t in omnibus non est, in aliqua esse parum est, ut album esse *A*ethiopa non satis est quod habet candidos dentes: non est ergo

XX. 38. Portanto, se a analogia existe no discurso, existe ou em todas as suas partes ou em alguma parte; mas não existe em tudo, e não é suficiente que exista em alguma parte; pois o fato de um etíope ter dentes brancos não é suficiente para dizer

---

69 Acusativo de *Lua*.
70 Uma antiga deusa itálica. A conexão com Saturno é incerta.
71 I.e., dativos.
72 Dativos iguais para os dois gêneros.
73 *Plauti* é genitivo singular de *Plautus* e de *Plautius,* assim como *Marci* é genitivo singular tanto de *Marcus* como de *Marcius*. Mas também é possível encontrar Marcii e Plautii, mantendo a vogal que faz parte da raiz e a outra que é desinência de genitivo.

analogia.

que ele é inteiramente branco: logo, a analogia não existe.

XXI. 39. Cum ab similibus verbis quae declinantur similia fore polliceantur qui analogias esse dicunt, et cum simile tum denique dicant esse verbo verbum, ex eodem si genere eadem figura transitum de cassu in cassum similiter ostendi possit, qui haec dicunt utrumque ignorant, et in quo loco similitudo debeat esse, et quemadmodum spectari soleat, simile sit necne. Quae cum ignorant, sequitur ut, cum <de> analogia dicere <non> possint, sequi non debeamus.

XXI. 39. Já que aqueles que dizem que as analogias existem garantem que a partir de palavras semelhantes são declinadas formas semelhantes, e já que dizem que uma palavra é parecida com a outra somente se puder ser mostrado que a partir do mesmo gênero e da mesma forma ela passa de caso em caso de maneira semelhante, os que dizem isso mostram sua ignorância sobre o lugar em que a semelhança deve estar e o modo como a presença ou ausência da semelhança costuma ser observada. Como eles ignoram o assunto, segue-se que não devemos segui-los, já que não podem se pronunciar sobre a analogia.

40. Qu*a*ero enim, verbum utrum dicant vocem quae ex syllabis est ficta, eam quam audimus, an quod ea significat, quam intellegimus, an utrumque. Si vox voci esse debet similis, nihil refert, quod significat mas an femina sit, et utrum nomen an vocabulum sit, quod ill*i* interesse dicunt.

40. Pois eu pergunto se por palavra eles querem dizer a palavra pronunciada formada por sílabas – esta que ouvimos –, aquilo que a palavra pronunciada indica – o que entendemos –, ou ambos. Se a palavra pronunciada deve ser semelhante a outra pronunciada, não há diferença se o que indica é masculino ou feminino, e se é um nome próprio ou comum; e eles dizem que essas coisas importam.

41. Sin illud quod significatur debet esse simile, Diona et Theona quos dicunt esse p*a*ene ipsi geminos, inveniuntur esse dissimiles, si alter

41. Mas se aquilo que é indicado deve ser semelhante, *Dion* e *Theon*[74], que dizem ser eles mesmos quase idênticos, revelam-se diferentes, se um é menino e o outro

[74] No texto varroniano estão as formas de acusativo *Diona* e *Theona*.

erit puer, alter senex, aut unus albus et alter *A*ethiops, item aliqua re alia dissimile<s>. Sin ex utraque parte debet verbum esse simile, non cito invenietur qui<n> in altera utra re claudicet, nec Perpenna et Alfen<a> erit simile, quod alterum nomen virum, alterum mulierem significat. Quare quoniam ubi similitudo esse debeat nequeunt ostendere, impudentes sunt qui dicunt esse analogias.

velho, ou se um é branco e o outro etíope, e assim se são diferentes em alguma outra coisa. Mas se a palavra deve ser semelhante em ambas as partes, não será rapidamente encontrada uma que é inferior em uma parte ou em outra, nem *Perpenna* e *Alfena* serão semelhantes, pois o nome de um é masculino, e o outro significa nome de mulher. Por isso, já que não conseguem mostrar onde deve haver semelhança, são descarados os que dizem que existem analogias.

XXII. 42. Alterum illud quod dixi, quemadmodum simile <s>pectari oporteret, ignorare apparet ex eorum praecepto, quod dicunt, cum transierit e nominandi casibus in eos quos appellant vocandi, tum denique posse dici rectos esse similis aut dissimilis: esset enim ut si quis, Me*na*echmos geminos cum videat, dicat non posse iudicare similesne sint, nisi qui ex his sint nati considerarit nu*m* discrep*en*t inter se.

XXII. 42. De outro assunto que eu citei, de que modo será conveniente observar-se a semelhança, eles mostram ignorar o preceito, pois dizem que somente quando declinam a partir dos casos de nomear aqueles casos que chamam ‘de chamar’, então enfim pode ser dito que no caso reto são semelhantes ou diferentes: seria, pois, como se alguém, quando visse os gêmeos *Menaechmos* ‘Menecmos’[75], dissesse não poder julgar se são semelhantes, a não ser que examinasse seus filhos, para ver se eles se diferenciam entre si.

43. Nihil, inquam, quo magis minusve sit simile quod conferas cum altero, ad iudicandum extrinsecus oportet sumi. Quare cum ignorent, quemadmodum similitudo debeat sumi, de analogia dicere non possunt.

43. Nada que seja menos ou mais semelhante com relação a outra coisa com que você compare deve ser julgado além disso, porque eles não podem falar acerca da analogia se ignoram de que modo a semelhança deva ser atribuída. Sobre estas

[75] *Menaechmi*, peça de Plauto. Varrão compara os gêmeos da peça com os casos do latim: os irmãos são os nominativos, com terminações iguais, e os seus filhos são os outros casos derivados do nominativo.

Haec apertius dixissem, nisi brevius eo nunc mallem, quod infra sunt planius usurpanda. Quare quod ad universam naturam verborum attinet, haec attigisse modo satis est.

coisas eu deveria ter falado mais claramente, se eu não desejasse agora falar brevemente, porque tais assuntos devem ser tratados abaixo mais diretamente. Pois é suficiente tocar nesses assuntos até que estejam relacionados com toda a natureza das palavras.

XXIII. 44. Quod ad partis singulas orationis, deinceps dicam. Quoius quoniam sunt divisiones plures, nunc ponam potissimum *e*am qua dividitur oratio secund*um* naturam in quattuor partis: in *e*am quae habet casus et quae habet <tempora et quae habet> neutrum et in qua est utrumque. Has vocant quid*a*m appellandi, dicendi, adminiculandi, iungendi. Appellandi dicitur ut homo et Nestor, dicendi ut scribo et lego, iungendi ut <scribens et legens>, adminiculandi ut docte et commode.

XXIII. 44. A seguir falarei sobre o que concerne às partes individuais da oração. Visto que são muitas as divisões existentes, eu agora estabelecerei preferencialmente aquela em que a oração é dividida em quatro partes, segundo sua natureza: a que tem caso, a que tem tempo, a que não tem nenhum dos dois e a que tem ambos[76]. Alguns chamam essas partes de *appelandi* 'de nomear', *dicendi* 'de dizer', *adminiculandi* 'de auxiliar' e *iungendi* 'de juntar'[77]. Como exemplos da parte que se usa para nomear, temos *homo* 'homem' e *Nestor* 'Nestor'; da parte que se usa para dizer, temos *scribo* 'eu escrevo' e *lego* 'eu leio'; daquela parte que junta, temos palavras como *scribens* 'aquele que escreve' e *legens* 'aquele que lê' e da parte que se usa como auxílio, temos palavras como *docte* 'sabiamente' e *commode* 'convenientemente'.

45. Appellandi partes sunt quattuor, e quis dicta a quibusdam provocabula

45. As partes de nomear são quatro, das quais as palavras como *quis* 'quem'[78] e

[76] Particípios, que têm na mesma palavra a indicação de caso e tempo.
[77] A parte 'de auxiliar' inclui os advérbios, como modificadores indeclináveis; a de 'juntar' inclui os particípios, pois "juntam" flexão de caso e tempo e também a função de adjetivo e verbo (do grego μετοχή 'compartilhar').
[78] Forma masculina.

quae sunt ut quis, qu*a*e; <vocabula> ut scutum, gladium; nomina ut Romulus, Remus; pronomina ut hic, h*a*ec. Duo media dicuntur nominatus; prima et extrema articuli. Primum genus est infinitum, secundum ut infinitum, tertium ut finitum, quartum finitum.

quae ‘quem’[79] são chamadas por alguns de *prouocabula*; aquelas como *scutum* ‘escudo’ e *gladium* ‘espada’ são chamadas de *uocabula*; as como *Romulus* ‘Rômulo’ e *Remus* ‘Remo’ são ditas *nomina*; e as como *hic* ‘este’ e *haec* ‘esta’ são chamadas *pronomina*.[80] As duas partes do meio são ditas *nominatus* ‘coisas denominadas’; a primeira e a última, *articuli* ‘pronomes’. A primeira espécie é indeterminada, a segunda como indeterminada, a terceira é como determinada e a quarta determinada.

46. Haec singulatim triplicia esse debent quod <ad> sexum, multitudinem, casum: sexum, utrum virile an muliebre an neutrum sit, ut doctus docta doctum; multitudinem, unum an plura significet, ut hic hi, h*a*ec <hae>; casum, utrum recto sit ut Marcus, an obliquo ut Marco, an com<m>uni ut ovis.

46. Elas devem ser individualmente tríplices quanto ao gênero, número e caso: quanto ao gênero, podem ser masculinas, femininas ou neutras, como *doctus* ‘sábio’, *docta* ‘sábia’, *doctum* ‘sábio’; quanto ao número, significam um ou mais, como *hic* ‘este’ e *hi* ‘estes’, *hac* ‘esta’ e *hae* ‘estas’; quanto ao caso, podem ser retas, como *Marcus* ‘Marco’, oblíquas, como *Marco*, ou comuns[81], como *ouis* ‘ovelha’.

XXIV. 47. His d*i*<s>cretis partibus singulas perspice, quo facilius nusquam esse analogias quas sequi debeamus videas. Nempe esse oportebat vocis formas ternas, ut in hoc humanus humana humanum, sed habent quaedam binas, ut cervus cerva, qu*a*edam singulas, ut aper, et

XXIV. 47. Examine cada uma dessas partes separadas para que você veja mais facilmente que em parte alguma há analogias que devemos seguir. Certamente seriam necessárias as três formas de palavra, que há em *humanus* ‘humano’, *humana* ‘humana’ e *humanum* ‘humano’, mas algumas têm duas formas, como

[79] Forma feminina.
[80] Separação da classe dos pronomes em duas: *prouocabula* – pronomes que subordinam – e *pronomina* – pronomes que não subordinam. As duas juntas chamam-se *articuli*, traduzido como ‘pronomes’.
[81] I.e., não se distingue o caso, pois *ouis* pode ser nominativo/vocativo singular, genitivo singular ou acusativo plural, embora neste útimo o *i* seja longo.

sic multa. Non ergo est in huiuscemodi generibus analogia.

ceruus ‘cervo’ e *cerua* ‘cerva’, e outras têm uma só, como *aper* ‘javali’, e assim acontece com muitas. Logo, a analogia não existe nessas espécies de palavras.

XXV. 48. Et in multitudine ut unum significat pater, plures patres, sic omnia debuer*u*nt esse bina. Sed et singularia solum sunt multa, ut cicer, siser: nemo enim dicit cicera, sisera; et multitudinis sunt, ut salinae <balneae>: non enim ab his singulari specie dicitur salina et balnea. Neque ab eo quod dicunt balneum habet multitudinis consuetudo: nam quod est ut praedium balneum, debuerunt esse plura, ut praedia balnea, quod non est: non est ergo in his quoque analogia.

XXV. 48. E também quanto ao número, como *pater* no singular significa ‘pai’, e no plural *patres* ‘pais’, assim todas deveriam ter duas formas. Mas muitas são somente singulares, como *cicer* ‘grão-de-bico’ e *siser* ‘alcorevia’[82], pois ninguém diz |*cicera*| e |*sisera*|; e outras somente plurais, como *salinae* ‘salinas’ e *balneae* ‘banhos’, pois não se diz nenhuma forma de singular como |*salina*| e |*balnea*|. Nem a partir do singular *balneum* há o costume de usar um plural, pois como *praedium* ‘propriedade’ é semelhante a *balneum* ‘banho’, deveria haver as formas plurais como |*praedia*| e |*balnea*|, mas elas não existem: logo, não há analogia também nesses tipos de palavras.

XXVI. 49. Alia casus habent et rectos et obliquos, alia rectos solum, alia modo obliquos habent: utrosque ut Iuno, Iunonis, rectos modo ut Iupiter, Maspiter, obliquos solum ut Iovis, Iovem: non ergo in his est analogia.

XXVI. 49. Umas têm o caso reto e os oblíquos, algumas têm só o caso reto e outras só os oblíquos: as que têm ambas são como *Iuno*, *Iunonis* ‘Juno’, as que têm só o caso reto, como *Iupiter* ‘Júpiter’ e *Maspiter*[83] ‘Marte’[84], e as que têm só os oblíquos, como *Iouis* e *Iouem* ‘Júpiter’[85]: logo não há analogia nessas palavras.

[82] Ou chirivia, nome de uma planta.
[83] As formas *Maspiter* e *Marspiter* são encontradas.
[84] *Iupiter* e *Maspiter* são formas de nominativo e vocativo somente, formados com o sufixo *–piter* (=*pater*). Os outros casos são formados a partir do radical *Iou-* (isto é citado por Varrão logo abaixo, como exemplo de palavra que só possui casos oblíquos) e *Mart-*.
[85] Daí a outra forma também usada para nomear o deus Júpiter: *Jove*.

XXVII. 50. Nunc videamus in illa quadripertita. Primum si esset analogia in infiniteis articulis, ut est quis *quo*ius, sic diceretur quae qua*iu*s; et ut est quis *quo*i, sic diceretur qua quae: nam est proportione simile: ut deae bonae quae, si*c* dea bona qua est; et ut est quem quis, sic quos ques. Quare quod nunc dicitur qui homines, dici oportuit ques.

XXVII. 50. Agora vejamos aquelas que são divididas em quatro. Em primeiro lugar, se houvesse analogia nos pronomes indefinidos, como *quis* e *quoius*, diríamos *quae* e |*quaius*|*;* e como há *quis* e *quoi*, seria dito *qua* e *quae*, pois são semelhantes quanto à proporção: como há *deae bonae quae* ‘deusas boas que’, assim há *dea bona qua* ‘uma deusa boa que’; e como há *quem* e *quis*, assim deveria haver *quos* e |*ques*|. Então, em vez de dizer como agora dizemos *qui homines*, seria oportuno dizer |*ques*|.

XXVIII. 51. Pr*a*eterea ut est ab is <ei>, sic ab ea eae diceretur, quod nunc dicitur ei, <et> pronuntiaretur ut in *i*<e>is viris, sic e<ai>s mulieribus; et ut est in rectis casibus <is> ea, in obliquis esset eius eaius; nunc non modo in virili sicut in muliebri dicitur eius, sed etiam in neutris articulis, ut eius viri, eius mulieris, eius pabuli, cum discriminentur in rectis casibus is ea id. De hoc genere parcius tetigi, quod librarios haec sp<i>*no*siora ind*ili*gentius elaturos putavi.

XXVIII. 51. Além disso, como há a forma *ei* a partir de *is*, assim a partir de *ea* seria dito *eae*, mas atualmente diz-se *ei*, e como *ieis uiris*, seria pronunciado *eais mulieribus*; e como há nos casos retos *is* e *ea*, nos oblíquos haveria *eius* e |*eaius*|; mas agora diz-se *eius* não só para masculinos ou femininos, mas também para os neutros, como *eius uiri* ‘desse homem’, *eius mulieris* ‘dessa mulher’ e *eius pabuli* ‘desse pasto’, embora sejam distintos nos caso reto: *is*, *ea*, *id*. Nessa espécie toquei brevemente, pois julguei que os copistas não tomarão muito cuidado ao copiar esses assuntos mais espinhosos.

XXIX. 52. De nominati*bu*s qu*i* accedunt proxime ad <in>finitam naturam articulorum atque appellantur vocabula, ut homo equus, eorum

XXIX. 52. Sobre os nomes que chegam próximo da natureza indefinida dos pronomes e são chamados vocábulos[86], como *homo* ‘homem’ e *equus* ‘cavalo’, as

[86] Substantivos comuns.

declinationum genera sunt quattuor: unum nominandi, ut ab equo equile, alterum casuale, ut ab equo equum, tertium augendi, ut ab albo albius, quartum minuendi, ut <a> cista cistula.

espécies de declinações deles são quatro: a primeira é a forma de denominar, como de *equus* 'cavalo', temos *equile* 'estrebaria'; a segunda é relativa aos casos, como a partir de *equus*, temos *equum*[87]; a terceira é a forma de aumentar, como a partir de *albus* 'branco' temos *albius* 'mais branco' e a quarta, de diminuir, como de *cista* 'cesta' temos *cistula* 'cestinha'.

53. Primum genus, ut dixi, id est, cum <ab> aliqua parte orationis declinata sunt recto casu vocabul*a*, ut a balneis balneator. Hoc fere triplices habet radices, quod et a vocabulo oritur, ut a venatore venabulum, et a nomine, ut a Tibur*e* Tiburs, e*t* a verbo, *u*t a currendo cursor. In nullo horum analogiam servar*i* videbis.

53. A primeira espécie, como eu disse, é aquela em que os nomes no caso reto são declinados[88] a partir de alguma parte da oração, como *balneator* 'diretor dos banhos' é derivado de *balneae* 'banhos'. Ela tem geralmente três fontes, porque nasce ou do vocábulo, quando de *uenator* 'caçador' temos *uenabulum* 'venábulo'[89], ou do nome, como de *Tibur* 'Tíbur'[90] temos *Tiburs* 'tiburte', ou ainda a partir do verbo, como de *curro* 'correr' temos *cursor* 'corredor'. Em nenhum deles você verá a analogia ser preservada.

XXX. 54. Primum cum dicatur ut ab ove et sue ovile et suile, sic a bove bovile non dicitur; et cum simile sit avis et ovis, neque dicitur ut ab ave aviarium <ab ove oviarium, neque ut> ab ove ovile ab ave avile; et cum debuerit esse ut a cubatione

XXX. 54. Em primeiro lugar, de *ouis* 'ovelha' e *sus* 'porco' se diz *ouile* 'redil' e *suile* 'curral', mas não há a forma |*bouile*|[91] vinda de *bos* 'boi'; e embora *auis* 'ave' e *ouis* sejam similares, não é dito |*ouiarium*| de *ouis* como é dito *auiarium* 'aviário' de *auis*, nem é dito |*auile*| de *auis*

[87] Acusativo singular de *equus*.
[88] Ainda com o sentido de derivação.
[89] Um tipo de arma.
[90] Cidade próxima a Roma.
[91] A forma correta é *bubile*. Mas Carísio (I, 104, 28) afirma que Catão usou a forma *bouile* (KENT, 1951b, p. 412).

cubiculum si*c* a sessione sediculum, non est.

como é dito *ouile* de *ouis*; e como deveria haver, como há um *cubiculum* ‘quarto’ a partir de *cubatio* ‘repouso’, a partir de *sessio* ‘assento’ não há |*sediculum*|.

55. Quoniam taberna, ubi ven*i*t vinum, a vino vinaria, a creta cretaria, ab unguento unguentaria dicitur, ἀνὰ λόγον si essent vocabula, ubi caro venit, carnaria, ubi pelles, pelliaria, ubi calcei, calcearia diceretur, non laniena ac pellesuina et sutrina. Et sicut est ab uno uni, ab tribus trini, a quattuor quadrini, sic a duobus duini, non bini diceretur; nec non ut quadrigae trigae, sic potius duigae quam bigae. Permulta sunt huiusce generis, quae quoniam admonitus perspicere potest, omitto.

55. Como uma taberna onde vende-se vinho é chamada *uinaria* a partir de *uinum* ‘vinho’, a partir de *creta* ‘argila’ temos *cretaria* e de *unguentum* ‘perfume’ *unguentaria*. Se esses nomes existem de maneira análoga, seria dito de onde se vende *caro* ‘carne’, |*carnaria*|, de onde se vendem *pelles* ‘couros’, |*pelliaria*|, e de onde se vendem *calcei* ‘calçados’, |*calcearia*|, e não *laniena* ‘açougue’, *pellesuina* ‘loja de couros’ e *sutrina* ‘sapataria’. E assim como temos *uni* ‘um’[92] a partir de *unus*, *trini* ‘três cada um’ a partir de *tres*, *quadrini* ‘quatro cada um’ a partir de *quattuor*, da mesma forma deveria ser dito |*duini*| a partir de *duo*, e não *bini* ‘dois cada um’; e ainda como *quadrigae* ‘grupo de quatro’ e *trigae* ‘grupo de três’, deveria haver preferencialmente *duigae* a *bigae* ‘dupla’. Grande número de palavras é de tal espécie, mas eu as omito, visto que alguém mais preocupado com isso pode examiná-las.

XXXI. 56. Vocabula quae ab nominibus oriuntur, si ab similibus nominibus similia esse debent, dicemus, quoniam gemina sunt Parma

XXXI. 56. Quanto às palavras que são oriundas de nomes próprios, se devem ser semelhantes aquelas que vêm de nomes semelhantes, já que *Parma* ‘Parma’ e

[92] *Uni* é usado para modificar substantivos que são plurais na forma, mas singulares no significado.

Roma, <ut> Parmenses <sic Romenses>; aut quoniam est similis Roma Nola Parma, dicemus ut Romani Nolani sic Parmani; et a Pergamo, ab Ilio similiter Pergamenus Ilienus; aut ut Ilius et Ilia mas et femina, sic Pergamus et Pergama vir et mulier; et quoniam similia nomina sunt Asia Lib*y*a, dicemus Asiaticos et Lib*y*aticos homines.

Roma ‘Roma’ são iguais, assim como *Parmenses* diremos |*Romenses*|; ou já que há semelhança em *Roma, Nola* e *Parma*, diremos |*Parmani*|, assim como *Romani* e *Nolani*; e de *Pergamum* ‘Pérgamo’ e *Ilium* ‘Ílio’, diremos de maneira semelhante *Pergamenus* e |*Ilienus*|; ou como *Ilius* e *Ilia* são masculino e feminino respectivamente, da mesma forma |*Pergamus*| e |*Pergama*| seriam usados respectivamente para homem e mulher; e porque são semelhantes os nomes *Asia* e *Libya,* diremos homens *Asiatici* ‘asiáticos’ e homens |*Libyatici*| [93]‘líbios’.

XXXII. 57. Quae vocabula dicuntur a verbis, fiunt ut a scribendo scriptor, a legendo lector, haec quoque non servare similitudinem licet videre ex his: cum similiter dicatur ut ab amando amator, ab salutando salutator, <non est> a cantando cantator; et cum dicatur lassus sum metendo ferendo, ex his vocabula non reddunt proportionem, quo<niam> non fit ut messor fertor. Multa sunt item in hac specie in quibus potius consuetudinem sequimur quam rationem verborum.

XXXII. 57. Os vocábulos que são ditos a partir de verbos são como *scriptor* ‘escritor’, de *scribo* ‘escrever’, e *lector* ‘leitor’, de *lego* ‘ler’; que eles também não mantêm semelhança (a partir dos verbos) pode-se ver a partir do seguinte: apesar de existirem *amator* ‘amante’ de *amo* ‘amar’ e *salutator* ‘o que saúda’ de *saluto* ‘saudar’, sendo formados de maneira semelhante, não há |*cantator*|[94] ‘cantor’ a partir de *canto* ‘cantar’; e apesar de se dizer “estou cansado de *metere* ‘ceifar’” e “estou cansado de *ferre* ‘carregar’”, os vocábulos daí derivados não têm relação de proporção, porque |*fertor*| ‘carregador’ não se forma como *messor* ‘ceifador’. Nessas espécies de palavras, muitas são as

---

[93] A forma usada na época de Varrão era *Libyci*.

[94] A forma em uso era *cantor*, e *cantator* existia no latim tardio.

que usamos mais seguindo o uso comum do que a relação que elas têm com os verbos.

58. Pr*a*eterea cum sint ab eadem origine verborum vocabula dissimilia superiorum, quod simul habent casus et tempora, quo vocantur participia, et multa sint contraria ut amo amor, *leg*o *leg*or, ab amo et eiusmodi omnibus verbis oriuntur praesens et futurum *u*t amans et amaturus, ab eis verbis tertium quod debet fingi praeteriti, in lingua Latina reperiri non potest: non ergo est analogia. Sic a*b* a*m*or legor et eiusmodi verbis vocabulum eius generis praeteriti te<m>poris fit, ut amatus, neque praesentis et futuri ab his fit.

58. Além disso, há outros nomes que também se originam de verbos, mas são diferentes daqueles que já falamos, porque eles têm conjuntamente casos e tempos, donde são chamados de particípios. E como muitos verbos têm formas opostas[95], como *amo* ‘eu amo’ e *amor* ‘sou amado’, *lego* ‘leio’ e *legor* ‘sou lido’, de *amo* e de todos os verbos desta espécie[96] são desenvolvidos o presente e o futuro, como *amans* ‘que está amando’ e *amaturus* ‘que há de amar’, a partir desses verbos a terceira forma que deveria ser feita, o pretérito, não pode ser encontrada na língua latina: portanto, não há analogia. Então também a partir de *amor, legor* e verbos desse tipo[97], a palavra desta espécie é feita a partir do tempo pretérito, como *amatus* ‘amado’, mas delas nenhuma forma é feita do presente e do futuro.

59. Non est ergo analogia, praesertim cum tantus numerus vocabulorum in eo genere interierit quod dicimus. In his verbis quae contraria non habent, <ut> loquor et venor, tamen dicimus loquens et venans, locuturus <et venaturus, locutus et venatus>, quod

59. Logo, não há analogia, especialmente porque um grande número de palavras extinguiu-se nessa espécie que mencionamos. Nesses verbos que não têm ambas as vozes, como *loquor* ‘eu falo’ e *uenor* ‘eu caço’[98], nós dizemos *loquens* e *uenans*, *locuturus* e *uenaturus*, *locutus* e

[95] Voz ativa e voz passiva.
[96] Isto é, que estão na voz ativa.
[97] Isto é, que estão na voz passiva.
[98] Verbos depoentes.

secundum analogias non est, quoniam dicimus loquor et ven*o*r, <non loquo et veno>, unde illa erant superiora; e<o> minus servantur, quod ex his quae contraria verba non habent alia efficiunt terna, ut ea quae dixi, alia bina, ut ea quae dicam: currens ambulans, cursurus ambulaturus: tertia enim praeteriti non sunt, ut cursus sum, ambulatus sum.

uenatus. Isto não concorda com a analogia, visto que dizemos *loquor* e *uenor*, e não *loquo* e *ueno*, donde vêm as formas dadas acima. Quanto a isso, a analogia é menos preservada, porque alguns dos verbos que não têm duas vozes fazem três particípios cada, como aqueles que eu nomeei[99], e outros fazem somente dois cada[100], como os que agora vou nomear: *currens* ‘que corre’ e *ambulans* ‘que anda’, *cursurus* ‘prestes a correr’ e *ambulaturus* ‘prestes a andar’; as terceiras formas, estas do passado, não existem[101], como *cursus sum*, *ambulatus sum*.

60. Ne in his quidem, quae s*a*epius quid fieri ostendunt, servatur analogia: nam ut est a cantando cantitans, ab amando amitans non est et sic multa. Ut in his singularibus, sic in multitudinis: sicut enim cantitantes seditantes non dicuntur.

60. A analogia não é preservada nem mesmo naquelas formas que indicam que algo é feito com grande frequência, porque embora haja *cantitans* ‘que canta repetidamente’[102], de *cantare* ‘cantar’, não há |*amitans*| de *amare* ‘amar’, e muitas outras formas similares. A situação é a mesma nas formas de plural e naquelas de singular: pois são ditos *cantitantes* ‘que cantam repetidamente’, mas não *seditantes* ‘que sentam repetidamente’.

XXXIII. 61. Quoniam est vocabulorum genus quod appellant composititicium et negant conferri id oportere cum simplicibus de quibus adhuc dixi, de

XXXIII. 61. Já que há uma espécie de vocábulos que chamam de composicional e dizem que eles não devem ser juntados com os vocábulos simples dos quais falei

---

[99] Os depoentes.

[100] Verbos intransitivos, que não possuem voz passiva e, portanto, não possuem também particípio passivo.

[101] Segundo Kent, a lógica varroniana falha neste ponto, já que os verbos depoentes têm particípio perfeito, com forma passiva e significado ativo. Logo, não há razão para os verbos instransitivos de forma ativa não terem um particípio perfeito passivo na forma e de significado ativo. Kent lembra que alguns particípios dessa espécie são encontrados, como *adultus* ‘adulto’, a partir de *adolescere* ‘crescer’ (KENT, 1951b, p. 418).

[102] Verbo iterativo.

compositis separatim dicam. Cum ab tibiis et canendo tibicines dicantur, qu*a*erunt, si analogias sequi oporteat, cur non a cithara et psalterio et pandura dicamus citharicen et sic alia; si ab aede et tuendo <aeditumus dicatur, cur non ab atrio et tuendo> potius atritumus sit quam atriensis; si ab avibus capiendis auceps dicatur, debuisse aiunt a piscibus capiendis ut aucupem sic pisci<cu>pem dici.

até aqui, sobre os que são compostos eu falarei separadamente. Como a partir de *tibia* ‘flauta’ e *cano* ‘cantar’ são nomeados os *tibicines* ‘flautistas’, eles perguntam, já que convém seguir as analogias, por que a partir de *cithara* ‘cítara’, *psalterium* ‘saltério’ e *pandura* ‘alaúde de três cordas’ não dizemos |*chitaricen*| ‘citarista’[103] e assim os outros? Se a partir de *aedis* ‘templo’ e *tueor* ‘observar’ é nomeado o *aeditumus* ‘guardião do templo’, por que a partir de *atrium* ‘pátio’ e *tueor* não é dito |*atritumus*| ao invés de *atriensis* ‘porteiro’? E se a partir de *auis* ‘ave’ e *capio* ‘capturar’ dizemos *auceps* ‘caçador de aves’, não deveríamos dizer, a exemplo de *aucupem*, |*piscicupem*| ‘pescador’[104] a partir de *piscis* ‘peixe’ e *capio*?

62. Ubi lavetur aes *a*erarias, non aerelavinas nominari; et ubi fodiatur argentum argentifodinas dici, neque <ubi> fodiatur ferrum ferrifodinas; qui lapides c*a*edunt lapicidas, qui ligna, lignicidas non dici; neque ut aurificem sic argentificem; non doctum dici indoctum, non salsum insulsum. Sic ab hoc quoque fonte quae profluant, <analogiam non servare> animadvertere est facile.

62. O lugar onde o *aes* ‘bronze’ é *lauetur* ‘purificado’ chama-se *aeraria* ‘oficina’ e não |*aerelauina*|; e o lugar de onde a *argentum* ‘prata’ é *fodiatur* ‘extraída’ é chamado de *argentifodina* ‘mina de prata’, mas o lugar de onde se extrai *ferrum* ‘ferro’ não é chamado |*ferrifodina*|[105]; os que *caedunt* ‘cortam’ *lapides* ‘pedras’ são chamados *lapicidae* ‘aparelhadores de pedras’, mas os que cortam *ligna* ‘lenha’ não se chamam |*lignicidae*|[106]; e assim como há *aurifex* ‘ourives’, não há

[103] As formas usadas eram *citharista* (masc.) e *citharistria* (fem.), amabas vindas do grego.
[104] A forma usada era *piscator*.
[105] Mas sim, *ferrariae* ‘minas de ferro’.
[106] Mas sim, *lignatores* ‘lenhadores’.

|*argentifex*|[107]; aquele que não é *doctus* 'instruído' é chamado de *indoctus*, mas o que não é *salsus* 'engraçado' é chamado de *insulsus*. Assim, é fácil observar que as palavras que vêm dessa fonte também não conservam a analogia.

XXXIV. 63. Reliquitur de casibus, in quo Aristarchei suos contendunt nervos. XXXV. Primum si in his esset analogia, dicunt deb*ui*sse omnis nominatus et articulos habere totidem casus: nunc alios habere unum solum, ut litteras singulas omnes, alios tris, ut praedium praedii praedio, alios quattuor, ut mel mellis melli melle, alios quinque, ut quintus quinti quinto quintum quinte, alios sex, ut unus unius uni unum une uno: non esse ergo in casibus analogias.

XXXIV. 63. Falta tratar dos casos, assunto em que os seguidores de Aristarco[108]esforçam-se com vigor. XXXV. Primeiramente, se nesses houvesse analogia, eles[109] dizem que todos os nomes e pronomes deveriam ter o mesmo número de casos: mas atualmente alguns têm somente um, como todas as letras individuais[110]; uns têm três, como *praedium*, *praedii*, *praedio*[111] 'propriedade'; outros quatro, como *mel*, *mellis*, *melli*, *melle*[112] 'mel'; outros cinco, como *quintus*, *quinti*, *quinto*, *quintum*, *quinte*[113] 'quinto'; outros seis, como *unus*, *unius*, *uni*, *unum*, *une*, *uno*[114] 'um': portanto, não há analogia nos casos.

XXXVI. 64. Secundo quod *C*rates, cur quae singulos habent casus, ut litterae

XXXVI. 64. Segundo o que diz Crates[115], que as palavras que têm apenas um caso,

[107] O artifice que trabalhava com prata chamava-se *argentarius*.
[108] Aristarco de Samotrácia (216-144 a.C.), conhecido gramático de Alexandria, defensor do princípio da analogia.
[109] Os que não acreditam na regularidade.
[110] As letras do alfabeto, que não se declinam.
[111] I.e., três terminações de caso diferentes, pois *praedium* tem nominativo, vocativo e acusativo iguais (*praedium*), o que é comum aos neutros, e dativo e ablativo iguais (*praedio*). Assim, há somente três formas: *praedium* (nom./voc./acus.), *praedii* (gen.) e *praedio* (dat./abl.).
[112] Quatro formas diferentes para esta palavra neutra: *mel* (nom./voc./acus.), *mellis* (gen.), *melli* (dat.), *melle* (abl.).
[113] Cinco formas diferentes para este numeral ordinal: *quintus* (nom.), *quinti* (gen.), *quinto* (dat./abl.), *quintum* (acus.), *quinte* (voc.).
[114] Seis formas diferentes para este adjetivo, uma para cada caso: *unus* (nom.), *unius* (gen.), *uni* (dat.), *unum* (acus.), *une* (voc.), *uno* (abl.).
[115] Crates de Malos, gramático e filósofo grego contemporâneo de Aristarco, diretor da biblioteca de Pérgamo e defensor do princípio da anomalia.

Graecae, non dicantur alpha alphati alphatos, si idem mihi respondebitur quod *C*rateti, non esse vocabula nostra, sed penitus barbara, qu*a*eram, cur idem nostra nomina et Persarum et ceterorum quos vocant barbaros cum casibus dica<n>t.

como as letras gregas, não são ditas como *alpha, alphati, alphatos* 'alfa', se, da mesma forma para mim for respondido, como para Crates, que não são nomes nossos, mas palavras completamente estrangeiras[116], perguntarei por que dizem com casos não só os nossos nomes, mas também os persas e os outros que chamam de estrangeiros.

65. Quare si essent in analogia, aut ut Poenicum et *A*eg*y*ptiorum vocabula singulis casibus dicerent, aut pluribus ut Gallorum ac ceterorum; nam dicunt ala*uda* alau*das* et sic alia. Sin quod scrib*u*nt dicent, quod Poenicum si<n>t, singulis casibus ideo eas litteras Graecas nominari: sic Graeci nostra senis casibus non quinis dicere debebant; quod cum non faciunt, non est analogia.

65. Porque, se fossem análogos, seriam ditos ou com uma só forma, como os nomes dos fenícios e dos egípcios[117], ou com mais, como os dos gauleses e de outros; pois dizem *alauda*[118] e *alaudas*[119] 'cotovia' e assim outras palavras. Mas se, como escrevem, dizem que as letras gregas receberam nomes com um caso cada, pois elas são fenícias, assim os gregos deveriam dizer as nossas palavras em seis casos, e não em cinco; mas já que não o fazem, não há analogia.

XXXVII. 66. Quae si esset, negant ullum casum duobus modis debuisse dici; quod fit contra. Nam sine reprehensione vulgo alii dicunt in singulari hac ovi et avi, alii hac ove et ave; in multitudinis hae puppis restis et hae puppes restes; item quod in patrico casu hoc genus dispariliter

XXXVII. 66. Se ela existisse, diriam que nenhum caso deveria ser usado com duas formas; mas acontece o contrário. Pois sem censura uns dizem geralmente no singular *hac oui* 'esta ovelha' e *hac aui* 'esta ave'[120], outros dizem *hac oue* e *hac aue*[121]; no plural diz-se tanto *hae puppis* 'estas popas' e *hae restis* 'estas cordas'

---

[116] Isto é, que não são gregas nem romanas.
[117] Varrão tinha o conhecimento do que nenhuma dessas línguas possuía o sistema de casos.
[118] Nominativo.
[119] Genitivo.
[120] Ablativos singulares (-*i*).
[121] Outra forma de ablativo singular da terceira declinação para as palavras com tema consonântico (-*e*), mas que por vezes se usa com os temas em -*i*.

dicuntur civitatum parentum et civitatium parentium, in accusandi hos montes fontes et hos montis fontis.

como *hae puppes* e *hae restes*; assim, no caso paternal[122] as palavras dessa espécie são ditas de maneira desigual, como *ciuitatum* 'das cidades' e *parentum* 'dos pais', e *ciuitatium* e *parentium*, e no caso acusativo são ditas as formas *hos montes* 'estes montes' e *hos fontes* 'estas fontes' assim como *hos montis* e *hos fontis*[123].

XXXVIII. 67. Item cum, si sit analogia, debeant ab similibus verbis similiter declinatis similia fieri et id non fieri ostendi possit, despiciendam eam esse rationem. Atqui ostenditur: nam qui potest similius esse quam gens, mens, dens? Cum horum casus patricus et accusativus in multitudine sint disparil*e*s: nam a primo fit gentium et gentis, utrubique ut sit <I>, ab secundo mentium et ment*e*s, ut in priore solo sit I, ab tertio dentum et dentes, ut in neutro sit.

XXXVIII. 67. Da mesma forma, se houvesse analogia, deveriam surgir a partir de verbos semelhantes declinados semelhantemente formas declinadas semelhantes, e como pode ser mostrado que isso acontece, então essa teoria deve ser rejeitada. Ora é mostrado: pois o que pode ser mais semelhante que *gens* 'gente', *mens* 'mente' e *dens* 'dente'? Pois os seus casos genitivo e acusativo no plural são diferentes: a partir da primeira palavra surgem *gentium* e *gentis*, ambos com *I*, a partir do segundo surgem *mentium* e *mentes*, em que só a primeira forma tem *I*, e a partir do terceiro surgem *dentum*[124] e *dentes*, em que nenhum recebe tal vogal.

68. Sic item quoniam simile est recto casu surus lupus lepus, rogant, quor non dicatur proportione suro lupo lepo. Sin respondeatur similia non esse quod ea vocemus dissimiliter

68. Assim, da mesma forma, porque o caso reto é similar em *surus* 'estaca', *lupus* 'lobo' e *lepus* 'lebre', perguntam por que não são ditas de maneira proporcional as formas *suro, lupo* e |*lepo*|[125]. Mas se fosse

[122] Caso genitivo.
[123] Outra forma de acusativo plural da terceira declinação para as palavras com tema consonântico (-*is*).
[124] Forma que aparece somente em Varrão. Outros autores usam *dentium*.
[125] Como dativos ou ablativos. As formas usadas de *lepus* são *lepori* (dat.) e *lepore* (abl.)

sure lupe lepus (sic enim respondere voluit Aristarc*h*us Crateti: nam cum scripsisset similia esse Philomedes Heraclides Melicertes, dixit non esse similia: in vocando enim cum <E> brevi dici Philomede<s>, cum E longo Heraclide, cum <A> brevi Melicert*a*), in hoc dicunt Aristarc*h*um non intellexisse quod qu*a*eretur s*e* non solvere.

respondido que não são semelhantes porque chamamos de maneira diferente *sure*, *lupe* e *lepus*[126] (pois assim Aristarco quis responder a Crates: como este escreveu que *Philomedes*, *Heraclides* e *Melicertes* eram semelhantes, aquele disse que não eram, já que, ao chamá-los, era dito *Philomedes*, com *E* breve, *Heraclide*, com *E* longo, e *Melicerta*, com *A* breve[127]), nisto, diziam que Aristarco não percebeu que não resolvia o que lhe perguntaram.

69. Sic enim, ut quicque in obliquis casibus discrepavit, dicere potuit propter eam rem rectos casus no*n* esse similis; quom qu*a*eratur duo inter se similia sint necne, non debere extrinsecus adsum<i> cur similia s*i*nt.

69. Pois assim, como quando a palavra difere nos casos oblíquos, ele[128] pôde dizer que por essa razão os casos retos não são semelhantes; mas quando é perguntado se dois nominativos entre si são ou não semelhantes, não se deve tomar de fora o porquê de serem semelhantes.

70. Item si esset analogia, similiter ut dicunt aves oves sues, dicerent item avium ovium suium. Si analogia est, inquit, cur populus dicit Dei Penates, Dei Consentes, cum sit ut hic reus fer<re>us deus, sic hei re<e>i fer<re>ei de<e>i?

70. Além disso, se a analogia existisse, assim como dizem de maneira semelhante *aues* ‘aves’, *oues* ‘ovelhas’ e *sues* ‘porcos’, diriam da mesma forma *auium*, *ouium* e |*suium*|[129]. Se há analogia, ele[130] pergunta, por que o povo diz *Dei Penates* ‘deuses penates’ e *Dei Consentes* ‘deuses reunidos’[131], embora no caso reto *deus* ‘deus’ seja como *reus* ‘réu’ e *ferreus* ‘férreo’, e, sendo assim, os plurais

[126] No vocativo.
[127] Vocativos.
[128] Aristarco.
[129] *Auium* e *ouium* são genitivos plurais usados. A forma de genitivo plural para *sues* é *suum*.
[130] Crates.
[131] Os doze maiores deuses: Júpiter, Netuno, Vulcano, Marte, Mercúrio, Apolo, Juno, Ceres, Vesta, Vênus, Diana e Minerva. *Consentes* significa ‘os que estão reunidos’.

deveriam ser |*reei*|, |*ferreei*| e |*deei*|[132]?

71. Item qu*a*erunt, si sit analogia, cur appellant omnes aedem Deum Consentium et non Deorum Consentium? Item quor dicatur mille denarium, non mille denariorum? Est enim hoc vocabulum figura ut Va*t*inius, Manilius, denarius: debet igitur dici ut Va*t*iniorum Maniliorum denariorum; et non equum puplicum mille assarium esse, sed mille assariorum: ab uno enim assario multi assarii, ab eo assariorum.

71. E dessa forma eles perguntam: se há analogia, por que todos chamam o templo de *Deum Consentium* ‘dos deuses reunidos’ e não de |*Deorum Consentium*|[133]? Assim, por que se diz *mille denarium* ‘mil denários’, e não |*mille denariorum*|? Pois este vocábulo[134] é semelhante na forma a *Vatinius* e *Manilius*: logo, assim como *Vatinorium* e *Maniliorum*, deveria ser dito |*denariorum*|; e não dizem que um cavalo comum vale |*mille assarium*|, mas *mille assariorum* ‘mil asses’: desse modo, a partir de um *assarius* temos muitos *assarii*, e assim surge *assariorum*.

72. Item secundum illorum rationem debemus secundis syllabis longis Hectórem Nestórem: est enim ut qu*a*estor praetor Nestor qu*a*estorem praetorem Nestórem, qu*a*estóris praetóris Nestóris; et non debuit dici quibus das, *h*is das: est enim ut *h*i qui his quis, a<u>t sicut quibus hibus.

72. Da mesma forma, segundo a teoria deles, devemos alongar as segundas sílabas de *Hectorem* e *Nestorem*: pois a palavra é *Nestor* ‘Nestor’, como *quaestor* ‘questor’ e *praeto*r ‘pretor’[135]; *Nestorem*, como *quaestorem* e *praetorem*[136]; *Nestoris*, como *quaestōris* e *praetōris*[137]; e não deveria ser dito *quibus das* ‘você dá para aqueles’ e *his das* ‘aos quais você dá’: pois *his* e *quis* são como *hi* e *qui*, ou

[132] Os plurais usados são *rei*, *ferrei* e *dei*.
[133] O genitivo plural em *-um* é uma forma mais antiga que o genitivo plural em *-orum*, e permaneceu em várias palavras do contexto jurídico e religioso, e também nos pesos e medidas, como a seguir, em *denarium*. (KENT, 1951b, p. 427)
[134] *Denarius.*
[135] Nominativos singulares.
[136] Acusativos singulares.
[137] Genitivos singulares.

então *hibus* deve ser como *quibus*[138].

73. Cum dicatur da patri famili*as*, si analogias sequi vellent, non debuerunt dicere hic pater familias, quod est ut Atiniae Catiniae familiae, sic una Atinia Catinia familia. Item plures patres familias dicere non debuerunt, sed, ut Sisenna scribit, patres familiarum.

73. Apesar de ser dito *da patri familias* ‘dá para o pai da família’, se quisessem seguir as analogias, não deveriam dizer *hic pater familias*[139] ‘este pai da família’, pois deveria ser *familiae*[140], como *Atiniae* e *Catiniae*, assim uma *Atina*, uma *Catina* e uma *familia*. Da mesma forma, não deveriam dizer o plural *patres familias*, mas, como Sisenna[141] escreve, *patres familiarum*.

74. Neque oportebat consuetudinem n*a*tare alios dicere boum greges, alios boverum, et signa alios Ioum, alios Ioverum, cum esset ut Iovis bovis struis et Iovem bovem struem Iovi bovi strui; nec cum haec convenirent in obliquis casibus, dubitare debuerunt in rectis, in quibus nunc in consuetudine aliter dicere, pro Ious Iupiter, pro b<o>us bos, pro strus stru*e*s.

74. Nem convinha o uso variar, alguns dizerem *boum greges* ‘um rebanho de bois’, e outros *bouerum greges*, e alguns *signa Ioum* ‘estátuas de Júpiter’, outros *signa Iouerum*, já que eram *Iouis* ‘de Júpiter’, *bouis* ‘do boi’, *struis* ‘da pilha’[142]; *Iouem, bouem, struem*[143]; *Ioui, boui, strui*[144]. E como eles concordam nos casos oblíquos, não deveriam variar os casos retos, nos quais agora em consenso cada um se diz de forma diferente: para *Iouis* há *Iupiter*; para *bous, bos* e para *strues, strus*.

XXXIX. 75. Deinceps dicam de altero genere vocabulorum, in quo contentiones fiunt, ut albu*m* albius

XXXIX. 75. A seguir falarei de outra espécie de palavras[145], da qual surgem as comparações[146], como *album* ‘branco’,

[138] A forma *hibus* é encontrada somente em Plauto (*Curculio*, 506).
[139] Genitivo de um latim mais antigo que o da época de Varrão.
[140] Como a forma de genitivo singular da primeira declinação (-*ae*).
[141] Lúcio Cornélio Sisenna (119-67 a.C.), orador e estadista, escreveu um texto sobre a época de Sula.
[142] Genitivos.
[143] Acusativos.
[144] Dativos.
[145] Adjetivos e advérbios.
[146] Neste parágrafo, Varrão começa a apresentar exemplos de formações regulares e irregulares nos graus comparativo e superlativo.

albissumum, in quo i*t*<em> analogias non servari apparet: nam cum sit simile salsum caldum et dicatur ab his salsius caldius, salsissimum caldissimum, debuit dici, quoniam simile est bonum malum, ab his bonius et malius, bonissimum et malissimum. Nonne dicitur bonum melius optimum, <malum peius pessimum>?

albius ‘mais branco’ e *albissumum* ‘branquíssimo’, em que, da mesma forma, não parece que conservam analogias: pois já que *salsum* ‘salgado’ e *caldum*[147] ‘quente’ são similares e se diz a partir deles *salsius* ‘mais salgado’ e *caldius* ‘mais quente’, *salsissimum* ‘salgadíssimo’ e *caldissimum* ‘quentíssimo’, porque *bonum* e *malum* são semelhantes deveriam ser ditos |*bonius*| e |*malius*|, |*bonissimum*| e |*malissimum*|. Mas não são estas formas as usadas: de *bonum*, *melius* ‘melhor’ e *optimum* ‘o melhor’; de *malum*, *peius* ‘pior’ e *pessimum* ‘o pior’.

76. In aliis verbis nihil <de>est, ut dulcis dulcior dulcissimus, in aliis primum, ut peium <a> peius pessimum, in aliis medium, ut caesior <a> caesius c*a*esi<s>sumus, in aliis bina sunt quae <de>sint ab eadem voce declinata, et ea ita ut alias desint secundum et tertium, ut in hoc mane manius manissime, alias ut duo prima absint, ut ab optimum optius optum, alias ut primum et tertium desit, ut a melius melum melissumum.

76. Em algumas palavras nada falta, como *dulcis* ‘doce’, *dulcior* ‘mais doce’, *dulcissimus* ‘dulcíssimo’, em outras falta a primeira forma, como |*peium*|, de *peius* ‘pior’ e *pessimum* ‘o pior’; em outras falta a forma do meio, como |*caesior*|, de *caesius* ‘esverdeado’ e *caesissimus* ‘o mais esverdeado’; em outras ainda faltam duas formas que a partir da mesma palavra declinada, de forma que, em algumas, faltam a segunda e a terceira formas, como |*manius*| e |*manissime*| a partir de *mane* ‘de manhã’; em outras as duas primeiras estão ausentes, como |*optius*| e |*optum*| a partir de *optimum* ‘o melhor’; e em outras a primeira e a terceira formas estão ausentes, como |*melum*| e |*melissumum*| a partir de *melius* ‘melhor’.

---

[147] Forma sincopada de *calidum*, comum na fala à época de Varrão.

77. Pr*a*eterea si dicerentur similiter, cum similia essent <m>acer tener et macerrimus tenerrimus, non discreparet in his macrior teneri*or*, neque alia trisyllaba <alia quadrisyllaba> fierent; et si in his dominaretur similitudo, diceremus ut candidissimus candidissima, pauperrumus pauperrima, sic candidus candida, pauper paupera; et ut dicimus doctus docta, doctissimus doctissima, sic diceremus frugalissumus frugalissima, frug<al>us et frug<al>a.

77. Além disso, se falassem de forma semelhante, então já que *macer* 'magro' e *tener* 'tenro' fazem *macerrimus* 'macérrimo' e *tenerrimus* 'tenríssimo', não seriam distintas nas suas formas *macrior* 'mais magro' e *tenerior* 'mais tenro', e algumas palavras não teriam três sílabas e outras quatro; e se nisso dominasse a semelhança, então diríamos, como *candidissimus* 'o mais branco' e *candidissima* 'a mais branca', *pauperrumus* 'paupérrimo' e *pauperrima* 'paupérrima', assim como *candidus* 'branco' e *candida* 'branca', também *pauper* 'pobre' e |*paupera*|[148]; e como dizemos *doctus* 'sábio' e *docta* 'sábia', *doctissimus* 'o mais sábio' e *doctissima* 'a mais sábia', assim diríamos |*frugalissimus*| 'o mais econômico' e |*frugalissima*| 'a mais econômica', |*frugalus*| 'econômico' e |*frugala*| 'econômica'.

78. Et si proportione esse<nt> verba, *u*t uno vocabulo dicimus virum et mulierem sapientem et diligentem et sapientiorem et diligentiorem, sic diceremus item, cum pervenissemus ad summum, quod nunc facimus aliter: nam virum dicimus sap<i>entissimum et diligentissimum, feminam sapientissimam et diligentissimam. Quod ad vocabulorum huius generis exempla

78. E se existissem palavras em proporção, como com um só nome chamamos um homem ou uma mulher de *sapiens* 'sábio/a' e *diligens* 'cuidadoso/a', *sapientior* 'mais sábio/a' e *diligentior* 'mais cuidadoso/a', assim deveríamos dizer quando alcançamos o grau máximo, o que agora fazemos de outro modo: pois dizemos *uir sapientissimus* 'o homem mais sábio' e *uir diligentissimus* 'o homem mais cuidadoso', mas *femina*

[148] Forma hipotética para o feminino. Mas *pauper* serve para os três gêneros.

pertinet, multa sunt reliqua; sed ea quae dicta, ad iudicandum satis sunt, quo*r* analogias in collatione verborum sequi non debeamus.

sapientissima ‘a mulher mais sábia’ e *femina diligentissima* ‘a mulher mais cuidadosa’. Como exemplos dos vocábulos dessa espécie há muitas formas restantes; mas essas que foram ditas são suficientes para se julgar por que não devemos seguir as analogias na comparação das palavras.

XL. 79. Magnitudinis vocabula cum possint esse terna, ut cista cistula cistella, in <aliis> medi*a* non sunt, ut in his macer macricolus macellus, niger nigricolus nigellus. Item minima in quibusdam non sunt, ut avis avicula av<i>cella, caput capitulum capitellum. In hoc genere vocabulorum quoniam multa desunt, dicendum est non esse in eo potius sequendam quam consuetudinem rationem. Quod ad vocabulorum genera quattuor pertinet, ut in hoc potius consuetudinem quam analogias dominari facile animadverti possit, dictum est.

XL. 79. A respeito dos nomes que indicam tamanho[149], eles podem ter três formas, como *cista* ‘cesto’, *cistula* ‘cestinho’ e *cistella*, mas em alguns não há a forma do meio, como em *macer* ‘magro’, |*macricolus*|, *macellus* e *niger* ‘negro’, |*nigricolus*|, *nigellus*. Igualmente em certos vocábulos a última não existe, como *auis* ‘ave’, *auicula*, |*auicella*| e *caput* ‘cabeça’, *capitulum*, |*capitellum*|. Nesta espécie de vocábulos, visto que muitas formas faltam, deve-se dizer que não há o que ser seguido além do uso comum. Aquilo que é pertinente às quatro espécies de vocábulos foi dito, e pode-se observar facilmente que o uso comum reina mais que as analogias.

XLI. 80. Sequitur de nominibus, quae differunt a vocabulis ideo quod sunt finita ac significant res proprias, ut Paris *H*elena, cum vocabula sint infinita ac res com<m>unis designent, ut vir mulier; e quibus sunt alia nomina ab nominibus, ut Il*i*um ab Ilo

XLI. 80. O que se segue diz respeito aos nomes próprios, que diferem dos nomes comuns pela razão de que são definidos e significam coisas próprias, como *Paris* ‘Páris’ e *Helena* ‘Helena’, já que os nomes comuns são indefinidos e designam coisas comuns, como *uir* ‘homem’ e *mulier*

[149] Na verdade, os vocábulos que indicam diminuição.

et Il*i*a ab Il*i*o, alia a vocabulo, ut ab albo Albius, ab atro Atrius. In neutris servata est analogia: nam et cum sit a Romulo Roma, proportione non est quod debuit esse <Romula, non Roma>.

'mulher'; destes existem alguns nomes a partir de outros nomes, como *Ilium* a partir de *Ilus*[150] e *Ilia*[151] a partir de *Ilium* 'Troia', e outros a partir de nomes comuns, como *Albius*[152] a partir de *albus* 'branco' e *Atrius* a partir de *atrus* 'negro'. Em nenhum dos dois a analogia é preservada: pois embora *Roma* 'Roma' surja a partir de *Romulus* 'Rômulo', não há relação de porporção, pois deveria ser *Romula*, e não *Roma*.

81. <Item Perpenna debuit esse> Perpenni filia, non Perpennae <filius. Nam> Perpenna mulieris nomen esse debuit et nata esse a Perpenno, quod est ut Ar*v*ernus Percelnus Perpennus, Ar*v*erna Percelna Perpenna. Quod si Marcus Perpenna virile est nomen et analogia sequenda, Lucius *A*elia et Quintus Mucia virilia nomina esse debebunt; item quae dicunt ab Rhodo, Andro, Cyzico Rhodius, <Andrius>, Cyzicenus, similiter Cyzicius dici <debebat>, et civis unus quisque: no*n* ut Athen*a*eus dicitur rhetor nomine, etsi non sit Atheniensis.

81. Da mesma forma, *Perpenna*[153] deveria ser filha de *Perpennus*, e não filho de *Perpenna*. Pois *Perpenna* deveria ser nome de mulher e significar nascida de *Perpennus*, pois é como *Aruernus* e *Percelnus*, cujos femininos são *Aruerna* e *Percelna*, assim deveria haver *Perpennus* e *Perpenna*. Porque se *Marcus Perpenna* é nome masculino e a analogia fosse seguida, *Lucius Aelia* e *Quintus Mucia* deveriam ser usados como nomes masculinos[154]; da mesma forma os que se dizem de *Rhodus*, *Andros* e *Cyzicus* são *Rhodius*, *Andrius* e *Cyzicenus*, mas, se fossem semelhantes, deveria ser dito *Cyzicius*, e assim para todos os cidadãos: pois certo orador é chamado de *Athenaeus* mesmo não sendo ateniense.

82. In hoc ipso analogia non est, quod

82. Nisto mesmo não há analogia, pois

[150] Nome do avô de Príamo.
[151] Mãe de Rômulo e Remo.
[152] Nome da família de Tibulo.
[153] Nome de família romana, de origem etrusca. É um nome masculino da primeira declinação.
[154] Mas são usadas as formas *Aelius* e *Mucius*.

alii nomina habent ab oppidis, alii aut non habent aut non ut debent habent.

alguns têm nomes a partir de cidades, outros ou não têm ou não os têm como devem.

83. Habent plerique libertini a municipio manumissi, in quo, ut societatum et fanorum servi, non servarunt proportione rationem, et Romanorum liberti debuerunt dici ut a Faventia Faventinus, ab Reate Reatinus sic a Roma Romanus, ut nomin*e*ntur libertini orti <a> publicis servis Romani, qui manumissi ante quam sub magistratu<u>*m* nomina, qui eos liberarunt, succedere c<o>eperunt.

83. E muitos libertos que foram oferecidos por um município livre têm o nome a partir da cidade; nisto, os escravos das sociedades e dos templos não observaram a regra com a mesma proporção; e os libertos dos romanos deveriam ser chamados de *Romani* ‘romanos’, a partir de *Roma*, assim como os libertos de *Fauentia* chamam-se *Fauentini* e os de *Reate* ‘Reate’, *Reatini* ‘reatinos’; assim, os libertos filhos de escravos públicos deveriam ser nominados *Romani*, os que foram libertados antes de começarem a receber os nomes dos magistrados que os libertaram.

84. Hinc quoque illa nomina Lesas, Ufenas, Carrinas, M*a*ecenas, quae cum essent ab loco ut Urbinas, et tamen Urbin<i>us, ab his debuerunt dici ad nostrorum nominum <similitudinem Lesius Ufenius Carrinius Maecenius> ***[155]

84. A partir disso há também aqueles nomes como *Lesas*, *Ufenas*, *Carrinas* e *Maecenas*, que, embora sejam nomeados a partir de um lugar, como *Urbinas*, que contudo resulta em *Urbinius*, deveriam ser ditos conforme a semelhança dos nossos nomes: *Lesius*, *Ufenius*, *Carrinius* e *Maecenius* ***

[155] Aqui há uma lacuna no texto (vide nota 4 in KENT, 1951b, p. 438).

LIBER IX

LIVRO IX

I. 1. ***[156] <Insignis eorum est error qui malunt quae> nesciunt docere quam discere quae ignorant: in quo fuit Crates, nobilis grammaticus, qui fretus Chr*y*sippo, homine acutissimo qui reliquit περὶ ἀνωμαλίας *II*I libr*os*, contra analogian atque Aristarc*h*um est nixus, sed ita, ut scripta indicant eius, ut neutrius videatur pervidisse voluntatem, quod et Chr*y*sippus de inaequabilitate cum scribit sermon*i*s, propositum habet ostendere similes res dissimilibus verbis et dissimil*e*s simil*ibus* esse vocabulis notatas, id quod est verum, et *quod* Aristarchus, de aequabilitate *cum* scribit e*i*<us>de<m>, verborum similitudinem quandam <in> inclinatione sequi iubet, quoad patiatur consuetudo.

I. 1. *** Famoso erro é o daqueles que preferem ensinar o que não sabem a aprender o que desconhecem: neste erro caiu Crates, um nobre gramático, apoiado em Crisipo, homem muito engenhoso que deixou três livros “Sobre Anomalias”, contra a analogia e contra Aristarco, mas, como indicam os seus escritos, não pareceu ter compreendido a intenção de ambos, pois também Crisipo, quando escreve sobre a desigualdade dos discursos, tem o propósito de mostrar que coisas parecidas são denotadas por palavras diferentes e que coisas diferentes são denotadas por vocábulos parecidos, o que é verdade, e Aristarco, quando escreve sobre a igualdade da mesma coisa, ordena seguir certa semelhança das palavras na sua mudança, como permite o uso.

2. Sed ii qui in loquendo partim sequi iube<n>t nos consuetudinem partim rationem, non tam discrepant, quod consuetudo et analogia coniunctiores sunt inter se quam iei credunt,

2. Mas aqueles que nos ordenam, ao falar, em parte seguir o uso e em parte a relação não estão totalmente em desacordo, pois o uso e a analogia estão mais unidos entre si do que eles julgam,

3. quod est nata ex quadam consuetudine analogia et ex hac <consuetudine item anomalia. Quare quod> consuetudo ex dissimilibus et

3. pois a analogia nasceu de um certo uso na fala, e também desse uso nasceu a anomalia. Porque o uso consiste em palavras similares e diferentes e suas formas declinadas, nem a

[156] É provável que poucas linhas do texto estejam faltando: o que é dito no começo deste livro indica isso. (KENT, 1951b, p. 440)

similibus verbis eorumqu*e* declinationibus constat, neque anomalia neque analogia est repudianda, nisi si non est homo ex anima, quod ex corpore et anima.

anomalia nem a analogia devem ser rejeitadas, ao menos que o homem não tenha alma, porque ele é feito tanto de corpo como de alma.

4. Sed ea quae dicam quo facilius pervideri possint, prius de trinis copulis discernendum (nam confusim ex utraque parte pleraque dicuntur, qu*o*rum alia ad aliam referri debent summam): primum de copulis naturae et <u>suis: haec enim duo sunt quo derigunt<ur> diversa, quod aliud est dicere <esse> verborum analogias, aliud dicere uti oportere analogiis; secundum de copulis multitudinis ac finis, utrum omnium verborum dicatur esse analogia<r>*um* usus an maioris partis; tertium de copulis personarum, qui eis debe<a>nt uti, quae sunt plures.

4. Mas para que as coisas que direi possam ser mais facilmente compreendidas, primeiro sobre três relações se deve discernir (pois muitas coisas são ditas confusamente de duas maneiras, e delas alguns se referem a um princípio e outras a outros princípios): primeiramente as relações da natureza e o uso: pois essas duas coisas são aquelas a partir das quais levantam-se coisas diversas, porque uma coisa é dizer que há analogia nas palavras, outra é dizer que é necessário utilizar essas analogias; em segundo lugar, as relações de extensão e limite, se se deve dizer que o uso das analogias está ou em todas as palavras ou na maior parte delas; em terceiro lugar, as relações das pessoas, como a maior parte delas deve utilizar a analogia.

5. Alia enim populi universi, alia singulorum, et de ieis non eadem oratoris et poetae, quod eorum non idem ius. Itaque populus universus debet in omnibus verbis uti analogia et, si perperam est consuetus, corrigere se ipsum, cum orator non debeat in omnibus uti, quod sine offensione non potest facere, cum poeta transilire lineas impune possit.

5. Pois algumas formas são do uso de todo o povo, outras dos indivíduos, e dessas, as do orador e as do poeta não são iguais, pois suas leis não são as mesmas. Assim, todo o povo deve utilizar a analogia em todas as palavras, e, se houver uma forma incorreta no uso, deve corrigir a si próprio; enquanto o orador não deve utilizar analogia em tudo, pois não pode fazer isso sem ofensa, e o poeta pode impunemente ultrapassar os

limites.

6. Populus enim in sua potestate, singuli in illius: itaque ut suam quisque consuetudinem, si mala est, corrigere debet, sic populus suam. Ego populi consuetudinis non sum ut dominus, at ille meae est. Ut rationi optemperare debet gubernator, gubernatori unus quisque in navi, sic populus rationi, no*s* singuli populo. Quare ad quamcumque summam in dicendo referam si animadvertes, intelleges, utrum dicatur analogia esse an uti oportere <ea; itemque intelleges si ad analogiam usum loquendi oportea>t redigere, tu*m* dici id in populum aliter ac <in singulos nec> i<de>*m* de omnibus dici in eum qui sit in populo.

6. Pois o povo tem poder sobre si mesmo e os indivíduos estão sob o poder do povo: assim, tal como cada um deve corrigir o seu uso, se ele é errado, assim o povo deve corrigir o seu. Eu não sou como que o senhor do uso do povo, mas ele é o senhor do meu. Como o piloto deve obedecer à razão, e cada um no navio deve obedecer ao piloto, assim o povo deve obedecer à razão, e nós indivíduos, ao povo. Porque se você observar cada coisa essencial que eu referir sobre o ato de falar, entenderá se se diz que a analogia existe ou é necessário utilizá-la; e desse modo você entenderá se a maneira de falar deve ser atribuída à analogia, e então que o que se diz para o povo é diferente do que é dito para os indivíduos e que o que é dito a partir de todos não significa da mesma forma para aquele que é uma parte do povo.

II. 7. Nunc iam primum dicam pro universa analogia, cur non modo <non> videatur esse reprehendenda, sed etiam cur in usu quodammodo sequenda; secundo de singulis criminibus, quibus rebus possint quae dicta sunt contra solvi, dicam ita ut generatim comprehenda*m* et ea quae in priore libro sunt dicta et ea quae possunt dici atque illic praeterii.

II. 7. Agora falarei, em primeiro lugar, a favor de toda analogia: por que ela não apenas não parece ser como algo que deve ser repreendido, mas também por que no uso de alguma maneira deve ser seguida; depois tratarei dos crimes individuais contra ela e dos modos pelos quais possam ser solucionadas as coisas que são ditas contra ela, de modo que possa abranger tanto aquelas coisas que foram ditas no primeiro livro, como aquelas que podem ser ditas mas omiti.

III. 8. Primum quod aiunt, qui bene

III. 8. Em primeiro lugar, os que dizem

loqui velit consuetudinem sequi oportere, non rationem similitudinum, quod, alter*a*m si neglegat, sine offensione facere non possit, alter*a*m si sequatur, quod sine reprehensione non sit futurum, e<r>ra<n>t, quod qui in loquendo consuetudinem qua oportet uti sequitur, <eam sequitur> non sine ratione.

que aquele que quer falar bem deve seguir o uso e não a relação de semelhança – porque se despreza um, sem ofender não pode fazê-lo, e se segue a outra, não o fará sem que haja repreensão – erram, pois os que seguem na fala o uso onde convém usar o seguem não sem observar a relação.

IV. 9. Nam vocabula ac verba quae declinamus similiter, ea in consuetudine esse videmus et ad ea<m> conferimus et, si quid est erratum, non sine ea corrigimus. Nam ut, qui triclinium constrarunt, si quem lectum de tribus unum imparem posuerunt aut de paribus nimium aut parum produxerunt, una corrigimus et ad consuetudinem co<m>munem et ad aliorum tricliniorum analogias, sic si quis in oratione in pronuntiando ita declinat verba ut dicat disparia, quod peccat redigere debemus ad ceterorum similium verborum rationem.

IV. 9. Pois vemos que os nomes e verbos que declinamos de maneira semelhante existem no uso e comparamos outros com tal uso, e se há algum errado, não o corrigimos sem o uso. Pois, como aqueles que organizaram o triclínio[157], se colocaram um leito maior ou menor do que os outros dois, ou, entre leitos iguais, um muito longe ou muito perto, nós corrigimos de acordo com o uso comum e ao mesmo tempo com as analogias de outros triclínios; assim, se alguém no discurso declina as palavras para pronunciar de modo diferente, porque ele erra, devemos corrigi-lo de acordo com a relação de outras palavras semelhantes.

---

[157] *Triclinium*: sala de jantar com três leitos usados para jantar. Os romanos colocavam esses leitos ou sofás em três lados de um quadrado, onde ficava a mesa de jantar. Tais móveis deveriam ser simetricamente colocados e ter forma idêntica. (KENT, 1951b, p. 446-447)

V. 10. Cum duo peccati genera sint in declination*e*, unum quod in consuetudinem perperam receptum est, alterum quod nondum est et perperam dicatur, unum dant non oportere dici, quod <non> sit in consuetudine, alterum non conceditur quin ita dicatur, ut si<t> similiter, cum id faciant, ac, si quis puerorum per delicias pedes male ponere atque imitari vatias c<o>eperit, hos corrigi oportere si conceda<n>t, contra si quis in consuetudine ambulandi iam factus sit vatia aut conpernis, si eum corrigi non conceda<n>t.

10. Há duas espécies de erros na declinação, uma que foi incorretamente recebida no uso, a outra que ainda não foi recebida e seria chamada de incorreta: uma mostram que não é necessário dizer, pois não existe no uso, a outra não admitem que seja dita desse modo; quando fazem isso é como se eles permitissem que os meninos devessem ser corrigidos caso algum deles por teimosia começasse a guiar seus pés sem jeito e imitar alguém com as pernas tortas, e, ao contrário, não permitissem que fosse corrigido alguém que no uso de andar já tenha as pernas tortas ou as coxas juntas.

11. Non sequitur, ut stulte faciant qui pueris in geniculis alligent serperastra, ut eorum depravata corrigant crura? Cum *v*ituperandus non sit medicus qui e longinqua mala consuetudine aegrum in meliorem traducit, quare reprehendendus sit qui orationem minus valentem propter malam consuetudinem traducat in meliorem?

11. Não se segue que agem estupidamente os que amarram talos nos joelho das crianças para endireitar suas pernas tortas? Já que o médico não é criticado por fazer com que um doente que tinha um mau hábito antigo fique melhor, por que deve ser repreendido aquele que transforma um discurso menos forte por causa do mau uso em um melhor?

VI. 12. Pictores Apelles, Protogenes, sic alii artufices egregii non reprehendundi, quod consuetudinem M*i*conos, Dior*is*, Arimm*a*e, etiam superiorum non sunt secuti: Aristophanes improbandus, qui potius in quibusdam veritatem quam

VI. 12. Os pintores Apelles e Protógenes[158], assim como outros artistas distintos, não devem ser repreendidos porque não seguiram o uso de Mícon[159], Dioris e Arima[160] e de outros mais antigos: então Aristófanes deve ser censurado, ele que seguiu mais a verdade em certas coisas do

[158] Pintores gregos da época de Alexandre.
[159] Escultor e pintor de Atenas do séc. V a.C.
[160] Desconhecidos. (KENT, 1951b, p. 449)

consuetudinem secutus?

que o uso?

VII. 13. Quod si viri sapientissimi, et in re militari et in aliis rebus multa contra veterem consuetudinem cum essent <a>usi, laudati, despiciendi sunt qui potiorem dicunt oportere esse consuetudinem ratione.

VII. 13. Mas se os homens mais sábios foram louvados porque tanto no assunto militar como em outros assuntos ousaram fazer muitas coisas que estavam contra o uso antigo, devem ser desprezados os que dizem que é necessário seguir o uso mais que a relação.

VIII. 14. An cum quis perperam consuerit quid facere in civitate, non modo <non> patiemur, sed etiam p<o>ena afficiemus, idem si quis perperam consuerit dicere verbum, non corrigemus, cum id fiat sine p<o>ena?

VIII. 14. Ou como quando alguém tiver se acostumado a fazer algo errado na sua condição de cidadão, não apenas não suportaremos, mas também o puniremos; da mesma forma, se alguém tiver se acostumado a dizer incorretamente uma palavra, não o corrigiremos, embora isso aconteça sem castigo algum?

IX. 15. Et hi qui pueros in ludum mittunt, ut discant quae nesciunt verba quemadmodum scribant, idem barbatos qui ignorabunt verba quemadmodum oporteat dici non docebimus, ut sciant qua ratione conveniat dici?

IX. 15. E aqueles que mandam as crianças para a escola para aprenderem como escrever as palavras que elas não conhecem, assim, da mesma forma, não deveremos ensinar a esses anciões barbudos, que não sabem como as palavras devem ser ditas, para que saibam de acordo com qual regra convém pronunciá-las?

X. 16. Sed ut nutrix pueros a lacte non subito avellit a consuetudine, cum a cibo pristino in meliorem traducit, sic maior*e*s in loquendo a *min*us commodis verbis ad ea quae sunt cum ratione modice traducere oportet. Cum sint <in> consuetudine contra ratione<m> alia verba ita ut ea facile tolli possint, alia ut videantur esse fixa,

X. 16. Mas como a mulher que amamenta não afasta as crianças do leite subitamente pelo seu costume, quando faz passar do alimento anterior para um melhor, de tal maneira no ato de falar convém passar os mais velhos, de palavras menos convenientes para aquelas que são convenientes segundo a teoria. Já que existem no uso palavras contra a teoria, que

quae leviter h*a*erent ac sine offensione commutari poss*u*nt s*tat*im ad rationem corrigi oportet, quae autem sunt ita ut in praesentia corrigere nequeas quin ita dicas, his oportet, si possis, non uti: sic enim obsolescent ac postea iam obliterata facilius corrigi poterunt.

podem ser facilmente abolidas, e outras que parecem ser fixas, convém corrigir imediatamente de acordo com a teoria as que estão fixas e que sem descontentamento podem ser mudadas, porém as que no presente você não possa corrigir sem que as diga, essas é necessário, se você puder, não utilizar: pois assim cairão em desuso e depois, já esquecidas, mais facilmente poderão ser corrigidas.

XI. 17. Quas novas verbi declinationes ratione introductas respuet forum, his boni poetae, maxime sc*a*enici, consuetudine subigere aures populi debent, quod poetae multum possunt in hoc: propter eos quaedam verba in declinatione melius, quaedam deterius dicuntur. Consuetudo loquendi est in motu: itaque sole<n>t fieri et melior*a* deteriora <et deteriora> meliora; verba perperam dicta apud antiquos aliquos propter poetas non modo nunc dicuntur recte, sed etiam quae ratione dicta sunt tum, nu*n*<c> perperam dicuntur.

XI. 17. Ao que o fórum rejeitar as novas declinações da palavra introduzidas de acordo com a teoria, com estas os bons poetas, especialmente os dramáticos, coagirão os ouvidos do povo por meio do uso, pois os poetas têm muito poder nisso: por causa deles certas palavras são ditas melhores na declinação, outras são ditas de modo pior. O costume de falar está em movimento: assim costuma acontecer de melhores palavras transformarem-se em piores e de piores em melhores; não apenas palavras ditas incorretamente por algumas pessoas mais velhas por causa dos poetas são agora ditas corretamente, mas também aquelas que eram ditas antes segundo a teoria, agora são ditas incorretamente.

XII. 18. Quare qui ad consuetudinem nos vocant, si ad rectam, sequemur: in eo quoque enim est analogia; si ad eam invitant quae est depravata, nihilo magis sequemur, nisi cum erit necesse, qua*m* in ceteris rebus mala exempla:

XII. 18. Portanto, aqueles que nos chamam para o uso, se for para o uso correto, nós seguiremos: pois nisto também há analogia; se nos convidam para um uso que está corrompido, não o seguiremos, a não ser quando for necessário, mais do que

nam ea quoque, cum aliqua vis urget, inviti sequemur. XIII. Neque enim L*y*sippus artificum priorum potius <secutus> est vitiosa quam artem; sic populus facere debet, etiam singuli, sine offensione quod fiat populi.

seguimos nas outras coisas maus exemplos: pois esses também, quando alguma força urge, seguiremos mesmo a contra-gosto. XIII. Pois nem Lísipo[161] seguiu mais as coisas corrompidas dos primeiros artífices que a arte deles; assim o povo deve fazer, e também cada indivíduo, sem que haja ofensa do povo.

19. Qui amissa <non> modo qu*a*erant, sed etiam quod indicium dent, idem, ex sermone si quid deperiit, non modo nihil impendunt ut requirant, sed etiam contra indices repugnant ne restituatur?

19. Os que não apenas buscam coisas perdidas, mas também dão informações, do mesmo modo, se algo perdeu-se do discurso, em nada se esforçam para indagar, mas também resistem por poutro lado em buscar informações para que seja restaurado?

20. Verbum quod novum et ratione introductum quo minus recipiamus, vitare non debemus. XIV. Nam ad usum in vestimentis aedificiis supellectili novitati non impedit vetus consuetudo: quem enim amor assuetudinis potius in pannis possessorem retinet, quem ad nova vestimenta traducit? XV. An non s*a*epe veteres leges abrogatae novis cedunt?

20. Não devemos evitar receber a palavra nova que é introduzida pela teoria. XIV. Pois o costume não impede o uso da novidade nas vestes, nas construções e no mobiliário: pois quem prefere pelo amor do hábito se manter em farrapos, se o hábito o leva às novas vestimentas? XV. Ou as leis antigas não caem anuladas frequentemente em favor das novas?

XVI. 21. Nonne inusitatis formis vasorum recentibus e Graecia a*d*latis obliteratae antiquae consuetudinis s*i*norum et capularum species? His formis vocabulorum incontaminati<s> uti nolent qua*s* docu<e>rit ratio

XVI. 21. Acaso as formas antigas de vasos e copos não foram esquecidas por causa do uso das novas formas de vasos trazidos recentemente da Grécia? Não quererão eles utilizar essas formas de palavras puras que a razão ensina, por causa do uso antigo? E

161 Escultor grego da época de Alexandre.

propter consuetudinem veterem? Et tantum inter duos sensus interesse volunt, ut oculis semper aliquas figuras supellectilis novas conquirant, contra auris expertis velint esse?

eles desejarão alegar que há tantas diferenças entre os dois sentidos, de modo que para os olhos sempre procurarão novas formas de mobiliário, mas, ao contrário, para os ouvidos querem ser privados de novidades?

XVII. 22. Quotus quisque iam servo*s* habet priscis nominibus? Quae mulier suum instrumentum vestis atque auri veteribus vocabulis appellat? Sed ind*o*ctis non tam irascendum quam huiusce pravitatis patronis.

XVII. 22. Quão poucos agora têm escravos com nomes primitivos? Que mulher chama seu conjunto de roupas e de ouro com antigos vocábulos? Mas não devemos nos indignar com os ignorantes tanto quanto com os protetores desse vício.

23. Si enim usquequaque non esset analogia, tum sequebatur, ut in verbis quoque non esset, non, cum esset usquequaque, ut est, non esse in verbis. XVIII. Quae enim est pars mundi quae non innumerabiles habeat analogias? Caelum an mare an terra, quae in his?

23. Pois se a analogia não existisse em parte alguma, então se seguiria que nas palavras também não existiria; não seria o caso, uma vez que existisse em toda parte, como acontece, não existiria nas palavras. Pois qual parte do mundo não tem inumeráveis analogias? No céu, no mar ou na terra, quais analogias existem nestes lugares?

24. Nonne in caelo ut ab aequinoctiali circulo ad solstitialem et hinc ad septemtrionalem divisum, sic contra paribus partibus idem a bruma versum contraria parte? Non quantum pol*u*<s> superior abest a septemtrionali cir<culo et is a solstitiali, quem sol cir>cumit cum i*t* ad solstitium, tantundem abest inferior ab eo quem ἀνταρτικὸν vocant astrologi et is a brumal*i*? Non, quemadmodum quodque signum exortum hoc anno, quotquot annis eodem modo exoritur?

24. Acaso não há uma divisão no céu da Linha do Equador até o Trópico de Câncer e daí até o Círculo Setentrional, e assim não há também o contrário, a partir do Trópico de Capricónio para a outra direção, dividido igualmente em partes iguais? Não acontece que quando o pólo norte se afasta do Círculo Setentrional e este do Trópico de Câncer, no qual o sol dá a volta quando vai para o solstício de verão, tão longe o pólo sul se afasta a partir do que os astrônomos chamam de antártica, e este a partir do Trópico de Capricórnio? Não é verdade que,

do modo como cada astro nasceu neste ano, do mesmo modo nascerá nos outros anos?

25. Num aliter sol a bruma venit ad aequinoctium, ac contra cum ad solstitium venit, ad aequinoctialem circulum et inde ad brumam? Nonne luna, ut ab sole discedit ad aquilonem et inde redit in eandem viam, sic inde fertur ad austrum et regreditur inde? Sed quid plura de astris, ubi difficilius reperitur quid sit aut fiat in motibus dissimiliter?

25. Por acaso o sol vem de uma maneira a partir do solstício de inverno para o equinócio, e de outra, quando vem para o solstício, para o círculo do equinócio e daí para o solstício de inverno? Acaso a lua não se afasta do sol para o norte e daí volta pelo mesmo caminho, assim daí é levada para o sul e volta de lá? Mas por que continuar falando dos astros, dificilmente se descobriria diferença que exista ou surja a partir de seus movimentos?

XIX. 26. At in mari, credo, motus non habent similitudines geminas, qui in XXIII<I> horis lunaribus cotidie quater se mutant, ac cum sex horis *a*estus creverunt, totidem decreverunt, rursus idem, itemque ab his. An hanc analogian ad diem servant, ad mensem non item, alios motus sic item cum habeant al*i*is inter se convenientes? De quibus in libro quem de *A*estuariis feci scripsi.

XIX. 26. Mas no mar, eu creio, os movimentos não têm semelhanças duplas[162]; os que cotidianamente mudam quatro vezes nas 24 horas lunares, e toda vez que as marés cresceram em seis horas, e baixaram em outras tantas horas, de novo crescem da mesma forma, e assim baixam. Ou eles conservam esta analogia para o dia, mas não para o mês da mesma forma, já que têm igualmente outros movimentos que concordam entre si? Sobre tais assuntos eu escrevi no livro que fiz “Sobre as marés”.

XX. 27. Non in terra in sationibus servata analogia? Nec cuius modi in praeterito tempore fructuum genera reddidit, similia in praesenti reddit, et cuius modi tritico iacto reddidit segetes, sic *h*ordeo sato proportione reddidit parilis? Non, ut Europa habet

XX. 27. Pois na terra a analogia não é conservada nas plantações? Ela não nos oferece agora frutos semelhantes aos que ofereceu no passado? Ela não oferece a colheita do trigo quando ele foi semeado, e assim a colheita da cevada quando ela foi plantada na mesma proporção? A Europa

[162] Afirmação sarcástica.

flumina lacus, montis campos, sic habet Asia?

não tem rios e lagos, montes e campos, assim como a Ásia?

XXI. 28. Non in volucribus generatim servatur analogia? Non ex aquilis aquilae atque ut ex turdis qui procreantur turdi, sic ex reliquis sui cuiusque generis? XXII. An aliter hoc fit quam in aere in aqua? Non hic conchae inter se generatim innumerabili numero similes? Non pisces? An e mur*a*ena fit lupus aut merula? Non bos ad bovem collatus similis, et qui ex his progenerantur inter se vituli? Etiam ubi dissimilis fetus, ut ex <asino et> equa mulus, tamen ibi analogia: quod ex quocumque asino et equa nascitur id est mulus aut mula, ut ex equo et asina hinnulei.

XXI. 28. A analogia não é preservada entre as espécies de aves? A partir das águias não são procriadas águias, como a partir dos tordos[163] são procriados tordos, e assim a partir das outras aves surgem seres da sua própria espécie? XXII. Ou de uma forma acontece no ar e de outra na água? As conchas não são entre si semelhantes na espécie, embora existam em incontável número? Não são assim os peixes? Ou a partir da moreia surge o lobo-marinho ou a pescada? Então não existem bois semelhantes, quando comparados, e assim também os bezerros que foram gerados a partir deles? Até mesmo quando o filhote é diferente, como a partir do jumento e da égua nasce o mulo, aí também há analogia: pois em qualquer lugar nasce um mulo ou uma mula a partir de um jumento e uma égua, como a partir de um cavalo e de uma jumenta nasce um bardoto.

XXIII. 29. Non sic ex viro et muliere omnis similis partus, quod pueri et puellae? Non horum ita inter se omnia similia membra, ut separatim in suo utroque genere similitudine sint paria? Non, omnes cum sint ex anima et corpore, partes quo*o*que horum proportione similes?

XXIII. 29. Assim não acontece com os nascidos do homem e da mulher, pois daí vêm os meninos e as meninas? Pois não têm membros semelhantes, de modo que em cada um dos gêneros há semelhança? Como são todos feitos de alma e corpo, assim não são semelhantes as partes da alma e do corpo?

30. Quid ergo cum omnes animae

30. Por que, então, já que todas as almas dos

[163] Tordo (*Turdus pilris*): espécie de ave de tamanho médio, de cor castanha com pintas e canto melodioso, hoje em dia muito encontrada em Portugal.

hominum s*i*nt diuisae in octonas partes, hae inter se non proportione similes? Quinque quibus sentimus, sexta qua cogitamus, septuma qua progeneramus, octava qua voces mittimus? Igitur quoniam qua loquimur voce oratio e*st*, hanc quoque necesse est natura habere analogias: itaque habet.

homens são divididas em oito partes, elas não são entre si semelhantes analogamente? São cinco com as quais sentimos[164], a sexta com que pensamos, a sétima com que procriamos, a oitava com que emitimos as palavras? Logo, visto que o discurso é feito pela palavra com que falamos, é necessário que este também possua analogias por natureza: e assim possui.

XXIV. 31. An non vides, ut Graeci habeant eam quadripertitam, unam in qua si<n>t casus, alteram in qua tempora, tertiam in qua neutrum, quartum in qua utrumque, sic nos habere? E*c*quid verba nescis ut apud illos sint alia finita, alia n*on*, sic utra<que> esse apud nos?

XXIV. 31. Ou você não vê que, como os gregos têm o discurso divido em quatro partes, uma em que há os casos, a outra em que há os tempos, a terceira na qual não há nenhum e a quarta em que há ambos, da mesma forma nós temos? Acaso você não sabe que entre as palavras umas são definidas[165], outras não, e que ambas existem entre nós?

32. Equidem non dubito, qui<n> animadvert*eris* item in ea innumerabilem similitudin*u*m numerum, ut trium temporum verb<i> aut trium personarum. XXV. Quis enim potest non una animadvertisse in omni oratione esse ut legebam lego legam si<c> lego legis legit, cum haec eadem dicantur alias ut singula, alias ut plura significentur? Quis est tam tardus qui illas quoque non animadvert<er>it similitudines, quibus

32. Certamente não duvido que você tenha observado no discurso um número incontável de semelhanças, como os três tempos verbais ou as três pessoas. XXV. Pois quem pode não perceber que em todo discurso há *legebam* ‘eu lia’, *lego* ‘eu leio’, *legam* ‘eu lerei’[166], assim como *lego* ‘eu leio’, *legis* ‘você lê’, *legit* ‘ele lê’[167], e que as mesmas formas são ditas de um modo para significar singular, de outro para significar plural? Quem é tão lento que não observou também as semelhanças que

[164] Os cinco sentidos.
[165] Remete a VIII, 45.
[166] Os três tempos.
[167] As três pessoas.

utimur <in> imperando, quibus in optando, quibus in interrogando, quibus in infectis rebus, quibus in perfectis, sic in aliis discriminibus?

usamos nas ordens[168], as que usamos nos desejos, nas perguntas, nas ações não acabadas e nas ações acabadas[169] e semelhantemente nos outros grupos de palavras?

XXVI. 33. Quare qui negant esse rationem analogiae, non vide<n>t naturam non solum orationis, sed etiam mundi; qui autem vident et sequi negant oportere, pugnant contra naturam, non contra analogian, et pugnant volsillis, non gladio, cum pauca excepta verba ex pelago sermonis <po>puli minus <usu> trita afferant, cum dicant propterea analogias non esse, similiter ut, si quis viderit mutilum bovem aut luscum hominem claudicantemque equum, neget in bovum hominum et equorum natura similitudines proportione constare.

XXVI. 33. Assim, os que negam que há um sistema de analogia não veem não só a natureza do discurso, mas também a do mundo; os que, porém, veem e dizem que não convém segui-la, lutam contra a natureza, não contra a analogia, e lutam com pinças, não com espada, já que mostram umas poucas palavras não muito familiares ao uso do povo, tiradas do mar do discurso, e dizem que, por esta razão, não existem analogias, como se alguém que tivesse visto um boi mutilado, um homem caolho ou um cavalo manco negasse que há semelhanças na natureza dos bois, homens e cavalos.

XXVII. 34. Qui autem duo genera esse dicunt analogiae, unum naturale, quod ut ex *s*atis nascuntur <lentibus> lent*e*s sic e*x* <lupino> lupinum, alterum voluntarium, ut in fabrica, cum vident sc*a*enam ut in dexteriore parte sint ostia, sic esse in sinisteriore simili ratione factam, de his duobus generibus naturalem esse analogian, ut sit in motibus caeli, voluntariam non

XXVII. 34. Os que, porém, dizem que existem duas espécies de analogia, uma natural (como, por exemplo, as lentilhas nascem de lentilhas plantadas e o lobo nasce a partir de um lobo) e outra voluntária (como, por exemplo, em uma oficina, quando veem que palco tem portas na parte direita e pensam que tem portas na parte esquerda pela mesma razão), dizem que dessas duas espécies a analogia natural é a

[168] Formas imperativas.
[169] Referência ao aspecto verbal. Varrão divide os tempos verbais segundo seu aspecto (quando denotam ações acabadas ou inacabadas), como será melhor explicado no cap. 5 desta dissertção.

esse, quod ut quo<i>que fabro lubitum sit possit facere partis sc*a*enae: sic in hominum partibus esse analogias, quod ea<s> natura faciat, in verbis non esse, quod ea homines ad suam quisque voluntatem fingat, itaque de eisdem rebus alia verba habere Graecos, alia S*y*ros, alia Latinos: ego declinatus verborum et voluntarios et naturalis esse puto, voluntarios quibus homines vocabula impos*u*erint rebus quaedam, ut ab Romulo Roma, ab T*ibu*re T*i*burtes, naturales ut ab impositis vocabulis quae inclinantur in tempor*a* aut in casus, ut ab Romulo Romuli Romulum et ab dico dicebam dixeram.

que realmente existe, como existe nos movimentos do céu, mas que a voluntária não existe, pois cada operário pode fazer as partes de um palco de teatro de acordo com a sua vontade: assim há analogias nas partes dos homens, pois a natureza as fez, mas nas palavras não há, porque cada um dos homens a modela de acordo com sua própria vontade, assim como para algumas coisas os gregos têm certas palavras, os sírios têm outras e os latinos outras: eu julgo que a declinação das palavras é tanto voluntária como natural, voluntária nas coisas para que os homens estabeleceram vocábulos, como de *Romulus* ‘Rômulo’, *Roma* “Roma’, e de *Tiburs* ‘Tíbur’, *Tiburtes* ‘tiburtes’, e natural na declinação dos tempos ou dos casos a partir das palavras impostas, como de *Romulus* ‘Rômulo’, *Romuli*[170] e *Romulum*[171], e de *dico* ‘eu digo’, *dicebam* ‘eu dizia’ e *dixeram* ‘ eu tinha dito’.

35. Itaque in voluntariis declinationibus inconstantia est, in naturalibus constantia; quae utrasque quoniam iei non debeant negare esse in oratione, qu*o*m in mundi partibus omnibus sint, et declinationes verborum innumerabiles, dicendum est esse in his analogias. Neque ideo statim ea in omnibus verbis est sequenda: nam si qua perperam declinavit verba consuetudo, ut ea

35. E assim nas declinações voluntárias há inconstância, e nas naturais, constância; e já que eles não devem negar que ambas existem no discurso, pois estão em todas as partes do mundo, e as declinações das palavras são incontáveis, deve ser dito que existem analogias nas palavras. E não por isso ela deve ser seguida em todas as palavras: pois se o uso declinou certas palavras de modo errado, de modo que elas não podem ser expressas de outra forma

[170] Genitivo singular.
[171] Acusativo singular.

aliter <non possint efferri> sine offensione multorum, hinc rationem verborum praetermittendam ostendit loquendi ratio.

sem a reprovação de muitos, a lógica de falar mostra que por isso a lógica das palavras deve ser colocada à parte.

XXVIII. 36. Quod ad universam pertinet causam, cur similitudo et sit in oratione et debeat observari et quam ad finem quoque, satis dictum. Quare quod sequitur de partibus singulis deinceps expediemus ac singula crimina quae dicunt <contra> analogias solvemus.

XXVIII. 36. Pois aquilo que diz respeito à causa pela qual a semelhança está no discurso e deve ser observada, e também para que fim, sobre isso já se disse o bastante. Explicaremos a seguir o que é relativo às partes individuais e resolveremos os erros individuais que apontam contra as analogias.

37. In quo animadvertito natura quadruplicem esse formam, ad quam in declinando accommodari debeant verba: quod debeat subesse res qu*a*e, designetur, et ut sit *e*a res in usu, et ut vocis natura ea sit quae significavit, ut declinari possit, et similitudo figura<e> verbi ut sit ea quae ex se declinat*u* genus prodere certum poss*i*t.

37. No que foi observado, quanto à natureza há quatro formas em que as palavras devem ser acomodadas na declinação: pois deve haver alguma coisa subjacente para ser designada, e essa coisa deve estar no uso, e a natureza do falar que a designou deve possibilitar que seja declinada, e a semelhança da figura da palavra com outras deve ser aquela que a partir de si possa mostrar certa espécie de declinação.

38. Quo neque a terra terrus ut dicatur postulandum est, quod natura non subest, ut in hoc alterum maris, alterum feminae debeat esse; sic neque propter usum, ut Terentius significat unum, plures Terentii, postulandum est, ut sic dicamus faba et fabae: non enim in simili us<u> utrumque; neque ut dicimus ab Terentius Terentium, sic postulandum ut inclinemus ab A et B,

38. Pois se não se deve exigir que seja dito |*terrus*| a partir de *terra* 'terra', já que não há algo natural mostrando que nisto um deva ser masculino e o outro feminino; assim, por causa do uso, como *Terentius* significa um Terêncio e *Terentii* mais que um Terêncio, não se deve exigir que, desse modo, devemos dizer *faba* 'grão'[172] e *fabae* 'grãos': pois os dois não são relativos ao mesmo uso; nem se deve exigir que, como

---

[172] *faba* é usado também com a ideia de plural.

quod non omnis vox natura habet declinatus.

dizemos *Terentium* a partir de *Terentius*, que assim declinemos formas a partir das letras A e B, pois nem toda palavra pronunciada naturalmente tem declinação.

39. Neque in forma collata qu*a*erendum solum, quid habeat in figura simile, sed etiam nonnunquam in eo quem habeat effectum. Sic enim lana Gallicana et Apula videtur imperito similis propter speciem, cum peritus Apulam emat pluris, quod in usu firmior sit. Haec nunc strictim dicta apertiora fient infra. Incipiam hinc.

39. A semelhança que a palavra tem na sua forma deve ser procurada não só em comparação com uma figura semelhante, mas também algumas vezes no efeito que tem. Assim, para o ignorante a lã gaulesa e a lã apuliana parecem semelhantes por causa da sua aparência, já o perito compra a apuliana por um preço maior porque no uso ela é mais durável. Estas coisas que eu disse agora sucintamente serão ditas abaixo[173] mais claramente. Começarei daqui.

XXIX. 40. Quod rogant ex qua parte oporteat simile esse verbum, a *v*oce an a significatione, respondemus a voce; sed tamen nonnunquam qu*a*erimus genere similiane sint quae significantur ac nomen virile cum virili conferimus, feminae cum muliebri: non quod id quod significant vocem commoveat, sed quod nonnunquam in re dissim<ili par>ilis figurae formas in simil*i* imponunt disp*a*riles, ut calcei muliebres sint an viriles dicimus ad similitudinem figurae, cum tamen sciamus nonnunquam et mulierem habere calceos viriles et virum muliebris.

XXIX. 40. Perguntam a partir de que parte a palavra convém ser semelhante, se a partir da forma pronunciada ou do significado[174]; respondemos que é a partir da forma pronunciada; contudo, às vezes perguntamos se as coisas designadas são semelhantes na espécie e comparamos um nome masculino com outro masculino e um feminino com outro feminino: não porque isso que significam afeta a forma pronunciada, mas porque às vezes em alguma coisa diferente impõem formas de uma figura parecida, e em algo parecido formas desiguais, como dizemos sapatos de homem ou sapatos de mulher pela semelhança da forma, embora saibamos que às vezes a mulher usa sapatos de homem e o

[173] A partir do §92.
[174] Retoma VIII, 40.

homem, sapatos de mulher.

41. Sic dici virum Perpennam ut A*lf*enam muliebri forma et contra parietem ut abietem esse forma similem, quo<m> alterum vocabulum dicatur virile, alterum muliebre et utrumque natura neutrum si*t*. Itaque ea virilia dicimus non quae v*i*rum significant, sed quibus proponimus hic et hi, et sic muliebria in quibus dicere poss*u*mus haec aut hae.

41. Assim dizemos que um homem se chama *Perpenna*, como *Alfena*, com forma feminina, e, ao contrário, *paries* ‘parede’, como *abies* ‘abeto’, como sendo formas semelhantes, embora o primeiro vocábulo se diga como masculino, e o segundo como feminino, e ambos sejam por natureza neutros. Assim, as palavras que usamos como masculinas não são as que significam um homem, mas as que anunciamos depois de *hic* ‘este’ e *hi* ‘estes’, e assim as coisas femininas podemos anunciá-las depois de *haec* ‘esta’ ou *hae* ‘estas’.[175]

XXX. 42. Quare nihil est, quod dicunt Theona et Diona non esse similis, si alter est *A*ethiops, alter al*b*us, si analogia rerum dissimilitudines adsumat ad discernendum vocis verbi figuras.

XXX. 42. Portanto isto não leva a nada, porque dizem que Theon e Dion não são semelhantes, se um é etíope e o outro é branco, se a analogia adota as diferenças das coisas para distinguir as formas da palavra pronunciada[176].

XXXI. 43. Quod dicunt simile sit necne nomen nomini impudenter Aristarc*h*um praecipere oportere spectare non solum ex recto, sed etiam ex eorum vocandi casu, esse enim deridiculum, si similes inter se parentes sint, de filiis iudicare: errant, quod non ab eo<rum> obliquis casibus fit, ut recti simil*i* facie ostendantur, sed

XXXI. 43. Pois dizem que Aristarco agiu atrevidamente ao dizer que, para ver se um nome é semelhante a outro nome, você deveria observar não só a partir do caso reto, mas também do caso de chamar[177], pois as mesmas pessoas dizem que é um absurdo julgar a partir dos filhos se os pais são semelhantes entre si: eles erram, pois não é a partir dos seus casos oblíquos que os

[175] As formas do pronome *hic*, *haec* e *hoc* são usadas pelos gramáticos para indicar o caso, número e gênero de uma palavra.

[176] *uox* designa a palavra como um som, a pronúncia, e *uerbum* representa a palavra como algo que tem significado. A *uox uerbi*, citada neste parágrafo, significa o som ou uma série de sons que representam o símbolo do significado. (KENT, 1951b, p. 469)

[177] Vocativo.

propter eos facilius perspici similitudo potest eorum quam vim habeat, ut lucerna in tenebris allata non facit <ut> quae ibi sunt posita similia sint, sed ut videantur, quae sunt quoius <mo>di sint.

casos retos são mostrados como tendo aparência semelhante, mas por causa deles pode ser mais facilmente examinada qual força existe na semelhança dos retos, como uma lâmpada no escuro, quando acesa, não faz com que as coisas postas ali sejam semelhantes, mas as mostra como elas realmente são.

44. Quid similius videtur quam in his est extrema littera crux P*hry*x? Quas, qui audit voces, auribus discernere potest nemo, cum easdem non esse similes ex <declin>a*t*is verbis intellegamus, quod cum sit cruces et P*hry*ges et de his extremis syllabis exemp*t*um sit E, ex altero fit ut ex C et S crux, ex altero G et S P*hry*x. Quod item apparet, cum est demptum S: nam fit unum cruc*e*, alterum P*hryge*.

44. O que parece mais semelhante que a última letra nas palavras *crux* ‘cruz’ e *Phryx* ‘frígio’? Ninguém que ouve as formas pronunciadas pode distingui-las com os ouvidos[178], embora saibamos a partir das palavras declinadas que elas não são semelhantes, pois quando observamos *cruces* e *Phryges* e a letra E é removida do final, de uma surge *crux*, a partir de C e S, e da outra surge *Phryx*, a partir de G e S. Pois igualmente aparece quando é suprimido o S: pois uma faz a forma *cruce* e a outra *Phryge*[179].

XXXII. 45. Quod aiunt, cum in maiore parte orationis non sit similitudo, non esse analogian, dupliciter stulte dicunt, quod et in maiore parte est et si in minore parte sit, tamen sit, nisi etiam nos calceos negabunt habere, quod in maiore parte corporis calceos non habeamus.

XXXII. 45. Aqueles que afirmam que não existe analogia, já que na maior parte do discurso não há semelhança, dizem duas vezes de modo ignorante, pois ela existe na maior parte do discurso, e, mesmo se existisse na menor parte, ainda existiria: caso contrário, eles falariam que nós não calçamos nenhum sapato porque na maior parte do nosso corpo nós não usamos nenhum sapato.

XXXIII. 46. Quod dicunt nos

XXXIII. 46. Aos que dizem que nós

[178] Varrão se refere à confusão que se faz entre letras e sons.
[179] Formas de ablativo singular.

dissimilitudinem <potius gratam acceptamque habere quam similitudinem>: itaque in vestitu in supellectile delectari varietate, non paribus subuculis uxoris, respondeo, si varietas iucunditas, magis varium esse in quo alia sunt similia, alia non sunt: itaque sicut abacum argento ornari, ut alia <paria sint, alia> disparia, sic orationem.

consideramos a diferença mais agradável e aceitável do que a semelhança – e assim nas vestes e nos mobiliários nós apreciamos a variedade, não tendo as nossas mulheres vestidas com túnicas iguais –, eu respondo: se a variedade é agradável, então há mais variedade naquilo em que algumas coisas são semelhantes e outras não: e assim, da mesma forma que uma mesa é enfeitada com peças de prata, e umas são iguais e outras diferentes, assim é também o discurso.

47. Rogant, si similitudo sit sequenda, cur malimus habere lectos alios ex ebore, alios ex testudine, sic item genere aliquo alio. Ad quae dico non dis<similitudines solum nos, sed> similitudines quoque sequi saepe. Itaque ex eadem supellectili licet videre: nam nemo facit triclinii lectos nisi paris et materia et altitudine et figura. Qui<s> facit mappas triclinaris non similis inter se? Quis pulvinos? Quis denique cetera, quae unius generis sint plura?

47. Eles perguntam por que, se a semelhança deve ser seguida, preferimos ter alguns leitos feitos de marfim e outros de cascas de tartaruga, e assim com outros tipos de material. A isso respondo que nós não seguimos só as diferenças, mas também com frequência as semelhanças. E assim é permitido ver a partir do mesmo mobiliário: pois ninguém faz três leitos para a sala-de-jantar senão iguais tanto na matéria como na altura e na forma. Quem não faz guardanapos semelhantes entre si? Quem não faz almofadas assim? Quem enfim faz de outra forma coisas em que haja muitos itens de uma só espécie?

48. Cum, inqui<um>t, utilitatis causa introducta sit oratio, sequendum non quae habebit similitudinem, sed quae utilitatem. Ego utilitatis causa orationem factam concedo, sed ut vestimenta: quare ut hic similitudines

48. Já que, como eles dizem, o discurso foi introduzido por causa da utilidade, deve ser seguido não aquele que tiver semelhança, mas o que tiver utilidade. Eu admito que o discurso tenha sido feito por causa da utilidade, mas da mesma forma como foram

sequ*i*mur, ut virilis tunica sit virili similis, item toga togae, sic mulierum stola ut sit stola<e> proportione et pallium pallio simile, sic cum sint nomina utilitatis causa, tamen virilia inter se similia, item muliebria inter se sequi debemus.

feitas as vestes: porque, como nele seguimos as semelhanças, assim também uma túnica de homem é semelhante à outra, uma toga é semelhante a uma toga, uma estola de mulher é semelhante proporcionalmente a uma estola, e um pálio a um pálio; logo, como as palavras que são nomes de pessoas existem por causa da utilidade, contudo devemos seguir os nomes masculinos que sejam entre si semelhantes, assim como os femininos.

XXXIV. 49. Quod aiunt ut persedit et perstitit sic <periacuit et> percubuit quoniam non si<n>t, non esse analogian, *e*t in hoc e<r>rant: quod duo posteriora ex prioribus declinata non sunt, cum analogia polliceatur ex duobus similibus similiter declinatis similia fore.

XXXIV. 49. O que eles dizem, que não há analogia porque, como *persedit* ‘sentou-se’ e *perstitit* ‘ficou de pé’, não existe |*periacuit*| e |*percubuit*|[180]’, nisto erram: pois os dois verbos no pretérito não têm formas no presente a partir dos quais são declinados[181], enquanto a analogia promete que somente a partir de duas palavras semelhantes declinadas semelhantemente haverá formas semelhantes.

XXXV. 50. Qui dicunt quod sit ab Romulo Roma et non Romula neque ut ab ove ovil*i*a sic a bove bovil*i*a, <non> esse analogias, errant, quod nemo pollicetur e vocabulo vocabulum declinari recto casu singulari in rectum singularem, sed ex duobus vocabulis similibus casus similiter declinatos similes fieri.

XXXV. 50. Os que dizem que não há analogias porque a partir de *Romulus* há *Roma* e não *Romula*, e assim como a partir de *ouis* ‘ovelha’ há *ouilia* ‘redis’, mas de *bos* ‘boi’ não há *bouilia*, erram, pois ninguém professa que um vocábulo é declinado a partir de outro vocábulo do caso reto singular em outro reto singular, mas que a partir de dois vocábulos semelhantes

[180] O prefixo *per-* nesses verbos tem sentido temporal: *persedeo* (*per* + *sedeo*) ‘permanecer/ficar sentado’; *persto* (*per* + *sto*) ‘permanecer/ficar em pé’ (também com a acepção de ‘persistir’). Varrão chama a atenção para o fato de outros verbos desse tipo, como *iaceo* ‘deitar’, ‘jazer’ e *cubo* ‘deitar’, ‘dormir’, não receberem o prefixo *per-*, que daria a ideia de ‘permanecer deitado’.

[181] Isto é, não existem os verbos *periaceo* e *percubo*.

os casos são declinados de maneira semelhante.

XXXVI. 51. Dicunt, quod vocabula litterarum Latinarum non declinentur in casus, non esse analogias. Hi ea quae natura declinari non possunt, eorum declinatus *r*equirunt, proinde et non e*o*<rum> dicatur esse analogia quae ab similibus verbis similiter esse<nt> declinata. Quare non solum in vocabulis litterarum haec non requirenda analogia, sed <ne> in syllaba quidem ulla, quod dicimus hoc BA, huius BA, sic alia.

XXXVI. 51. Também dizem que, porque os nomes das letras latinas não são declinados em casos, não há analogias. Eles perguntem acerda da declinação das palavras que por natureza não podem ser declinadas, como se não disséssemos que existe analogia para aquelas formas que são declinadas de maneira semelhante a partir de palavras semelhantes. Por isso não só nos vocábulos das letras esta espécie de analogia não deve ser procurada, mas nem mesmo em sílaba alguma, pois dizemos *hoc BA*, *huius BA*, e assim outras.

52. Quod si quis in hoc quoque velit dicere esse analogias rerum, tenere potest: ut eni<m> dicunt ipsi alia nomina, quod quinque habeant figuras, habere quinque casus, alia quattuor, sic minus alia, dicere poterunt esse litteras ac syllabas in voce quae singulos habeant casus, in rebus pluris; quemadmodum inter se conferent ea quae quaternos habebunt vocabulis casus, item ea inter se qua<e> ternos, sic qu*a*e singulos habebunt, ut conferant inter se dicentes, ut sit hoc A, huic A, esse hoc E, huic E.

52. Se alguém nisto também quer dizer que existem as analogias das coisas, pode se manter: pois como os mesmos dizem que alguns nomes, porque têm cinco formas, têm cinco casos, e outros quatro, e outros ainda menos, poderão dizer que as letras e sílabas que têm um só caso na pronúncia têm várias nas coisas[182]; deste modo compararão entre si as palavras que terão quatro casos nos vocábulos, e assim as que terão três, de modo que comparem entre si então as que terão um, dizendo que *hoc A* e *huic A* é como *hoc E* e *huic E*.

XXXVII. 53. Quod dicunt esse quaedam verba quae habeant declinatus, ut caput <capitis, nihil

XXXVII. 53. Ao que eles dizem, que certas palavras que têm declinações, como *caput* ‘cabeça’ e *capitis*, *nihil* ‘nada’ e *nihili*, das

[182] Isto é, as palavras invariáveis são declinadas em uma forma somente, mas são usadas em todos os casos.

nihili>, quorum par reperiri quod non possit, non esse analogias, respondendum sine dubio, si quod est singulare verbum, id non habere analogias: minimum duo esse debent verba, in quibus sit similitudo. Quare in hoc tollunt esse analogias.

quais não se pode encontrar uma forma igual, e que, portanto, não há analogia, deve ser respondido que sem dúvida uma palavra que é a única de tal espécie não segue a analogia: deve haver no mínimo duas palavras em que exista semelhança. Logo, neste caso eles eliminam a possibilidade de existência das analogias.

54. Sed ni*hil*um vocabulum recto casu apparet in hoc:

54. Mas o vocábulo *nihilum* aparece no caso reto neste verso[183]:

Quae dedit i*ps*a cap*i*t neque dispendi facit
[hilum,

O que ela deu ela mesma pega e não sofre perda
[alguma,

quod valet nec dispendii facit quicquam. Idem hoc obliquo apud Plautum:

pois é o mesmo que *nec dispendi facit quicquam* ‘nada de perda ela sofre’. A mesma palavra está no verso de Plauto, no caso oblíquo:

Video enim te nihili pendere prae Philolacho
omnis homines,

Pois vejo que para você, diante de Filolaco, nenhum
homem tem valor,[184]

quod est ex ne et hili: quare dictus est nihili qui non hili erat. Casus t*an*tum commutantur de quo dicitur, <ut> de homine: dicimus enim hic homo nihili et huius hominis nihili et hunc hominem nihili. Si in illo commutaremus, diceremus ut hoc linum et li*b*um, sic nihilum, non hic nihili, et <ut> huic lino et li*b*o, sic nihilo, non huic nihili. Potest dici

pois é a partir de *ne* e *hili*: por isso é dito *nihili* ‘de nenhum valor’ o que era *non hili*. Os casos são mudados apenas sobre o que se diz, como sobre o homem: pois dizemos *hic homo nihili* ‘este homem de nada’, *huius hominis nihili*[185] e *hunc hominem nihili*[186]. Se na forma de *nihili* fizéssemos alguma mudança, como em *hoc linum* ‘este linho’ e *hoc libum* ‘esta libação’, diríamos *nihilum*, e

[183] Ênio, *Ann*. 14 Vahlen. (KENT, 1951b, p. 477)
[184] Plauto, *Most*. 245. (KENT, 1951b, p. 479)
[185] Genitivo singular.
[186] Acusativo singular.

patricus casus, ut ei praepon*a*ntur nomina plura, ut hic casus Terentii, hunc casum Terentii, hic miles legionis, huius militis legionis, hunc militem legionis.

não *hic nihili*, e, como *huic lino* e *huic libo*[187], diríamos *nihilo*, e não *huic nihili*. O caso paternal[188] pode ser dito depois de diversos nomes, como *hic casus Terentii* ‘este acidente de Terêncio’ e *hunc casum Terentii*[189]; *hic miles legionis* ‘este soldado da legião’, *huius militis legionis*[190], *hunc militem legionis*[191].

XXXVIII. 55. Negant, cum omnis natura sit aut mas aut femina aut neutrum, <non> debuisse ex singulis vocibus ternas figuras vocabulorum fieri, ut albus alba album; nunc fieri in multis rebus binas, ut Metellus Metella, *Aemi*<li>us *Aemi*<li>a, nonnulla singula, ut tragoed*us*, com<o>ed*us*; sic esse Marcum, Numerium, at Marcam, at Numeriam non esse; dici cor*v*um, turdum, non dici cor*v*am, turdam; contra dici pantheram, merulam, non dici pantherum, merulum; nullius n*ostrum* filium et filiam non apt*e* discerni marem ac feminam, ut Terentium et Terentiam, contra deorum liberos et servorum non i*t*idem, ut Iovis filium et filiam, Iovem et Iovam; item magnum numerum vocabulorum in hoc genere non servare analogias.

XXXVIII. 55. Eles dizem que, como a natureza é masculina, feminina ou neutra, deveria haver as três formas para cada uma das palavras, como *albus* ‘branco’, *alba* e *album*; que agora há somente duas formas em muitas coisas, como *Metellus* e *Metella*, *Aemilius* e *Aemilia*, e algumas com uma forma, como *tragoedus* ‘autor[192] trágico’ e *comoedus* ‘autor cômico’; que assim há *Marcus* e *Numerius*, mas não há |*Marca*| e |*Numeria*|, também se diz *coruus* ‘corvo’ e *turdus* ‘tordo’, mas não |*corua*| e |*turda*|; ao contrário, diz-se *panthera* ‘pantera’ e *merula* ‘melro’, mas não |*pantherus*| e |*merulus*|; não há nenhum dos nossos filhos e filhas que não seja convenientemente distinguido como homem e mulher, como *Terentius* e *Terentia*. Ao contrário, os filhos dos deuses e escravos não são igualmente distinguidos, como o filho e a filha de Júpiter seriam *Iouis* e |*Ioua*|; e assim grande

[187] Dativo singular.
[188] Genitivo.
[189] No acusativo, sem alteração de *Terentii* (‘de Terêncio’).
[190] No genitivo.
[191] No acusativo.
[192] Ou ‘ator’.

número de vocábulos desta espécie não preserva as analogias.

56. Ad h*a*ec dicimus, omnis orationis quamvis res naturae subsit, tamen si ea in usu<m> non pervenerit, eo non pervenire verba: ideo equus dicitur et equa: in usu enim horum discrimin*a*; corvus et corva non, quod sine usu id, quod dissimilis natura<e>. Itaque quaedam al<i>ter olim ac nunc: nam et tum omnes mares et feminae dicebantur columbae, quod non erant in eo usu domestico quo nunc, <et nunc> contra, propter domesticos usus quod internovimus, appellatur mas columbus, femina columba.

56. Quanto a isso dizemos que, embora subsista uma coisa da natureza para toda oração, as palavras não alcançam o propósito se ela não alcançar o uso: dessa forma diz-se *equus* ‘cavalo’ e *equa* ‘égua’, pois no uso ambos são diferenciados, mas *coruus* e |*corua*| não, porque nesse caso a diferença não tem uso para nós. Por essa razão algumas coisas foram anteriormente denominadas de outra maneira da que são agora: pois antes todas as pombas, machos e fêmeas, eram chamadas de *columbae*, já que elas não eram domesticadas como são agora, e, por outro lado, agora, porque nós necessitamos fazer a distinção para seu uso doméstico, o macho é chamado *columbus* e a fêmea *columba*.

57. Natura cum tria genera transit et id est in usu discriminat*u*<m>, tum denique apparet, ut est in doct*us* et docta et doctum: doctrina enim per tria haec transire potest et usus docuit discriminare doctam rem ab hominibus et in his marem ac feminam. In mare et femina et neutro neque natura mar*is* transit neque feminae neque neutra, et ideo non dicitur feminus femina feminum, sic reliqua: itaque singularibus ac secretis vocabulis appellati sunt.

57. Quando a natureza atravessa os três gêneros e isto é discriminado no uso, então por fim torna-se claro, como acontece em *doctus* ‘homem sábio’, *docta* ‘mulher sábia’ e *doctum* ‘coisa sábia’: pois a doutrina pode transitar pelos três e o uso ensinou a diferenciar uma coisa sábia dos humanos, e entre esses, o masculino do feminino. No masculino, no feminino e no neutro, a naureza do masculino não se desloca, nem a do feminino, nem a do neutro, e por isso não se diz |*feminus*|, *femina* e |*feminum*|, e assim os outros: logo são chamados por vocábulos singulares e separados.

58. Quare in quibus rebus non subest similis natura aut usus, in his vocabulis huiusce modi ratio qu*a*eri non debet: ergo dicitur ut surdus vir, surda mulier, sic surdum theatrum, quod omnes tres <res> ad auditum sunt comparatae; contra nemo dicit cubiculum surdum, <quod> ad silentium, non ad auditum; at si fenestram non habet, dicitur c*a*ecum, ut c*a*ecus et c*a*eca, quod omnia <non> habent <quod> lumen habere debent.

58. Portanto, nesses nomes das coisas a que não subjaz uma semelhança da natureza ou do uso, uma relação desse tipo não deve ser procurada: logo, como é dito *surdus uir* ‘homem surdo’ e *surda mulier* ‘mulher surda’, assim há *surdum theatrum* ‘teatro silencioso’, pois todas as três coisas são comparadas em relação ao que é ouvido; ao contrário, ninguém diz *cubiculum surdum* ‘quarto silencioso’, pois é destinado ao silêncio, e não ao que é ouvido; mas se o quarto não tem janela, é dito *caecum* ‘cego’, como *caecus* ‘homem cego’ e *caeca* ‘mulher cega’, pois todos não possuem a luz que deveriam possuir.

59. Mas et femina habent inter se natura quandam societatem, <nullam societatem> neutra cum his, quod sunt diversa; inter *s*e quoque de his perpauca sunt quae habeant quandam com<m>unitatem. Dei et servi nomina quod non item ut libera nostra transeunt, eadem e<s>t causa, quod ad usum attinet <et> institui opus fuit de liberis, de reliquis nihil attinuit, quod in servis gentilicia natura non subest in usu, in nostri<s> nominibus qui sumus in Latio et liberi, necessaria. Itaque ibi apparet analogia ac dicitur Terentius vir, Terentia femina, Terentium genus.

59. O macho e a fêmea têm certa associação entre si por natureza, mas nenhuma associação é feita entre eles e a natureza neutra, pois são diversos; e também dentre esses neutros são muito poucos os que têm coisas comuns entre si. Quanto aos nomes de um deus ou de um escravo não variarem igualmente como os nossos nomes de homens livres, a causa é a mesma, pois a variação e ligada ao uso e teve de ser estabelecida em relação aos livres, mas sobre o restante não teve consequência, pois entre os escravos a natureza familiar não está estabelecida no uso, mas é necessária nos nossos nomes, nós que estamos no Lácio e somos livres. E aí a analogia está evidente e diz-se *Terentius* para um homem, *Terentia* para uma mulher e *Terentium* para

a família.

60. In praenominibus ideo non fit item, quod haec instituta ad usum singularia, quibus discernerentur nomina gentilicia, ut ab numero Secunda, Tertia, Quarta <in mulieribus>, in viris ut Quintus, Sextus, Decimus, sic ab aliis rebus. Cum essent duo Terentii aut plures, discernendi causa, ut aliquid singulare haberent, notabant, forsitan ab eo, qui mane natus diceretur, ut is Manius esset, qui luci, Lucius, qui post patris mortem, Postumus.

60. Por essa razão não acontece da mesma forma nos prenomes, pois estes foram instituídos para o uso individual, para que através deles os nomes gentilícios[193] fossem distinguidos, como pelo número temos, por exemplo, *Secunda* ‘Segunda’, *Tertia* ‘Terceira’ e *Quarta* ‘Quarta’ entre as mulheres, *Quintus* ‘Quinto’, *Sextus* ‘Sexto’ e *Decimus* ‘Décimo’ entre os homens, e assim a partir de outras coisas. Quando houvesse dois Terêncios ou mais, para distingui-los, para que tivessem algo de singular, os marcavam a partir disso, e então um seria dito *Manius* ‘Mânio’ porque nascera *mane* ‘de manhã’, e o outro *Lucius* ‘Lúcio’ porque nascera *luci*, e *Postumus* ‘Póstumo’ o que no amanhecer nascera *post* ‘depois’ da morte do pai.

61. E quibus <ae>que cum item accidisset feminis, proportione ita appellata declinarant praenomina mulierum antiqua, Mania, Lucia, Postuma: videmus enim Maniam matrem Larum dici, Luciam Vol*u*mniam Saliorum Carminibus appellari, Postumam a multis post patris mortem etiam nunc appellari.

61. Se essas coisas acontecessem igualmente com as mulheres, assim declinaram os prenomes das mulheres regularmente nas formas antigas, como *Mania* ‘Mânia’, *Lucia* ‘Lúcia’ e *Postuma* ‘Póstuma’: pois vemos que Mânia é como chamam a mãe dos Lares, *Lucia Volumnia* era assim chamada nos *Carmina Saliorum*, e também agora por muitos é chamada *Postuma* aquela que nasceu depois da morte do pai.

62. Quare quocumque progressa est natura cum usu vocabul*i*, similiter

62. Por isso, uma vez que a natureza avançou com o uso do vocábulo,

[193] Os nomes gentilícios fazem referência à família (*gens*).

proportione propagata est analogia, cum in quibus declinatus voluntarii maris et feminae et neutri, quae voluntaria, non debeant similiter declinari, sed in quibus naturales, sint declinatus hi qui esse reperiuntur. Quocirca in tribus generibus nominum in<i>que tollunt analogias.

semelhantemente a analogia foi espalhada proporcionalmente. Assim, das palavras em que há declinações voluntárias de masculino, feminino e neutro, as que são voluntárias na declinação não devem ser declinadas de maneira semelhante, mas naquelas em que há declinações naturais existem declinações regulares que são encontradas. Por isso nos três gêneros dos nomes eles[194] desprezam as analogias injustamente.

XXXIX. 63. Qui autem eas reprehendunt, quod alia vocabula singularia sint solum, ut cicer, alia multitudinis solum, ut scalae, cum debuerint omnia esse duplicia, ut equus equi, analogiae fundamentum esse obliviscuntur naturam et usu<m>. Singulare est quod natura unum significat, ut equus, aut quod coniuncta quodammodo ad unum usu, ut bigae: itaque <ut> dicimus una Musa, sic dicimus unae bigae.

XXXIX. 63. Os que condenam essas analogias, porque alguns vocábulos existem somente no singular, como *cicer* ‘grão-de-bico’, e outros só no plural, como *scalae* ‘escada’, quando todos deveriam ter duas formas, como *equus* ‘cavalo’ e *equi* ‘cavalos’, esquecem que os fundamentos da analogia são a natureza e o uso. O que é singular por natureza significa um só, como *equus*, ou significa coisas que são conjuntas de algum modo para um só uso, como *bigae* ‘biga’: assim, como dizemos *una Musa* ‘uma musa’, dizemos também *unae bigae* ‘uma biga’[195].

64. Multitudinis vocabula sunt unum infinitum, ut Musae, alterum finitum, ut duae, tres, quattuor: dicimus enim ut hae Musae sic unae bigae et binae et trinae bigae, sic deinceps. Quare tam

64. Os vocábulos plurais são indefinidos, como *Musae* ‘musas’[196], ou definidos, como *duae Musae* ‘duas musas’, *tres Musae* ‘três musas’, *quattuor Musae* ‘quatro musas’[197]: pois, como dizemos *hae Musae* ‘estas

[194] Crates e seus seguidores.
[195] *Bigae*: carro puxado por dois cavalos.
[196] Representa o coletivo, em que o número não é especificado.
[197] Neste caso há especificação do número de musas.

unae et uni et una quodammodo singularia sunt quam unus et una et unum; hoc modo mutat, quod altera in singularibus, altera in coniunctis rebus; et ut duo tria sunt multitudinis, sic bina trina.

musas’, dizemos também *unae bigae* ‘uma biga’, *binae bigae* ‘duas bigas’, *trinae bigae* ‘três bigas’ e assim sucessivamente[198]. Portanto *unae*, *uni* e *una* são de certo modo tão singulares quanto *unus*, *una* e *unum*; a palavra muda deste modo porque uma forma é dita sobre coisas individuais e a outra sobre coisas conjuntas; e como *duo* e *tria* são plurais, assim são *bina* e *trina*.

65. Est tertium quoque genus singulare ut in multitudine, uter, in quo multitudinis ut utrei; uter poeta singulari, utri poetae multitudinis est. Qua explicata natura apparet non debere omnia vocabula multitudinis habere par singulare: omnes enim numeri ab duobus susum versus multitudinis sunt neque eorum quisquam habere potest singulare compar. Iniuria igitur postulant, si qua sint singularia, oportere habere multitudinis.

65. Há também uma terceira espécie que é singular, mas expressa por plural, *uter*, ‘qual dos dois’, em que o plural é, por exemplo, *utrei*; *uter poeta* ‘qual dos dois poetas’ é singular, *utri poetae* ‘qual dos dois grupos de poetas’ é plural. Como a natureza disso foi explicada, está evidente que os vocábulos plurais não devem todos ter um semelhante no singular: pois todos os números a partir de dois para cima são plurais e nenhum deles pode ter uma forma singular igual. Eles afirmam erroneamente que, se tais são singulares, devem ter plurais.

XL. 66. Item qui reprehendunt, quod non dicatur ut unguentum unguenta vinum vina sic acetum aceta garum gara, faciunt imperite: qui ibi desiderant multitudinis vocabulum, quae sub mensuram ac pondera potius quam sub numerum succedunt: nam in plumbo, a<r>*g*e<n>to, cum incrementum accessit, dicimus

XL. 66. Assim, os que condenam porque não é dito |*aceta*| e |*gara*| como plurais de *acetum* ‘vinagre’ e *garum* ‘salmoura’, apesar de ser dito *unguenta* e *uina* como plurais de *unguentum* ‘perfume’ e *uinum* ‘vinho’, fazem isso inabilmente: eles desejam encontrar um vocábulo no plural nas coisas que se submetem às categorias de

[198] Como a palavra *bigae* já está no plural, para indicar mais de uma, deve haver números antes dela que modifiquem a quantidade. Neste caso, usa-se um número distributivo, como *bini, binae, bina*.

multum, sic multum plumbum, argentum; non plumba, argenta, cum quae ex hisce fiant, dicamus plumbea et argentea (aliud enim cum argenteum: nam id tum cum iam vas: argent<e>um enim, si pocillum aut quid item): quod pocilla argentea multa, non quod argentum multum.

medida e peso mais do que às de número: pois em *plumbum* ‘chumbo’ e *argentum* ‘prata’, quando há um aumento, dizemos *multum* ‘muito’, assim *multum plumbum* ‘muito chumbo’ e *multum argentum* ‘muita prata’, e não |*plumba*| ‘chumbos’ e |*argenta*| ‘pratas’, já que as coisas feitas a partir deles são chamadas *plumbea* ‘artigos de chumbo’ e *argentea* ‘artigos de prata’[199] (pois é outra coisa quando algo é feito de prata, porque a prata já virou um vaso; então é um *argenteum* ‘algo argênteo’, seja copo ou algo similar): portanto nós falamos *pocilla argentea multa* ‘muitos copos de prata’, e não |*argentum multum*|.

67. Ea, natura in quibus est mensura, non numerus, si genera in se habe<n>t plura et ea in usum venerunt, a genere multo, sic vina et unguenta, dicta: alii generis enim vinum quod Chio, aliu*d* quod Lesbo, sic ex regionibus aliis. <Ae>que ipsa dicuntur nunc melius unguenta, cui nunc genera aliquot. Si item discrimina magna essent olei et aceti et sic ceterarum rerum eiusmodi in usu co<m>muni, dicerentur sic olea et <aceta ut> vina. Quare in utraque *r*e <i>nique rescindere conantur analogias, et cum in dissimili usu similia vocabula qu*a*er*a*nt et cum item ea quae metimur atque ea quae numeramus dici putent oportere.

67. Essas coisas em que por natureza há medida, e não número, se existem em várias espécies que foram incorporadas ao uso, são ditas a partir da pluralidade, assim *uina* ‘vinhos’ e *unguenta* ‘perfumes’: pois existem vinhos de uma espécie, o qual é procedente de Quios, outro que é de Lesbos, e igualmente os de outras regiões. Igualmente, os próprios perfumes são ditos agora no plural, agora que há várias espécies de perfumes. Se da mesma forma fossem distinguidos no uso comum os óleos e vinagres e outros produtos desse tipo, seria dito |*olea*| e |*aceta*|, como *uina*. Portanto, em ambos os casos eles tentam anular as analogias injustamente, já que esperam que as palavras sejam semelhantes

[199] Adjetivos derivativos substantivados.

apesar de serem diferentes no uso, e já que julgam que as coisas que medimos e as que enumeramos deveriam ser ditas da mesma forma.

XLI. 68. Item reprehendunt analogias, quod dicantur multitudinis nomine publicae balneae, non balnea, contra quod privati dicant unum balneum, quo*m* plura balnea <non> dicant. Quibus responder*i* potest non esse reprehendendum, quod scalae et aquae caldae, pleraque cum causa, multitudinis vocabulis sint appellata neque eorum singularia in usum venerint; idemque item contra. Primum balneum (nomen e<s>t Graecum), <cum> introiit in urbem, publice ibi consedit, ubi bina essent coniuncta aedificia lavandi causa, unum ubi viri, alterum ubi mulieres lavarentur; ab eadem ratione domi suae quisque ubi lavatur balneum dixerunt et, quod non erant duo, balnea dicere non consuerunt, cum hoc antiqui non balneum, sed lavatrinam appellare consuessent.

XLI. 68. Da mesma forma condenam as analogias, porque se diz no plural *balneae* ‘banhos públicos’, e não |*balnea*|[200], e ao contrário os que são privados dizem *balneum* ‘banho privado’, e não usam o plural |*balnea*|. Para eles pode ser respondido que não há o que ser condenado, pois *scalae* ‘escada’ e *aquae caldae* ‘águas quentes’, geralmente com razão, são chamados pelos vocábulos plurais e as suas formas singulares não vieram pelo uso; e assim o contrário. O primeiro banho (o nome é grego), quando introduzido na cidade, ali foi estabelecido publicamente, num lugar onde existissem dois edifícios juntos para lavar-se, um onde os homens se lavavam, outro onde as mulheres o faziam; pela mesma razão cada pessoa chamou o local destinado ao banho na sua casa de *balneum* e, porque não eram dois, não se acostumaram a dizer *balnea*, embora os ancestrais estivessem acostumados a chamá-lo de *lauatrina* ‘lavatório’, e não *balneum*.

69. Sic aquae caldae ab loco et aqua, quae ibi scateret, cum ut colerentur venissent in usum nostris, cum aliae ad alium morbum idoneae essent, eae cum plures essent, ut Puteolis et in

69. Assim, as águas quentes, a partir do lugar e da água que dali jorrava, tornaram-se frequentes no nosso uso, já que umas eram boas para tratar alguma doença, e como elas existiam em grande número,

[200] Singular.

Tuscis, quibus utebantur, multitudinis potius quam singulari vocabulo appellarunt. Sic scalas, quod ab scandendo dicuntur et singulos gradus scanderent, magis erat quaerendum, si appellassent singulari vocabulo scalam, cum origo nominatus ostenderet contra.

como em Puteoli e na Etrúria, as chamavam pelo plural mais do que pelo singular. Assim também acontece com as *scalae* ‘escadas’: porque são nomeadas a partir de *scando* ‘subir’, e havia vários degraus individuais para subir, deveria haver maior dificuldade para responder se tivessem chamado pelo vocábulo singular *scala*, já que a origem do nome mostra o contrário.

XLII. 70. Item reprehendunt de casibus, quod quidam nominatus habent rectos, quidam obliquos, quod dicunt utrosque in vocibus oportere. Quibus idem responderi potest, in quibus usus aut natura non subsit, ibi non esse analogiam ***

XLII. 70. Da mesma forma condenam a respeito dos casos, pois certos nomes têm somente casos retos e outros oblíquos, porque dizem que é necessário haver as duas formas nas palavras. Igualmente pode ser respondido a eles que não há analogia nas coisas às quais o uso ou a natureza subjazem***[201]

71. Sed ne in his <quidem> vocabulis quae declinantur, si transeunt e recto casu in rectum casum: quae tamen fere non discedunt ab ratione sine iusta causa, ut hi qui gladiatores Faustin*i*: nam quod plerique dicuntur, ut tris extremas syllabas habeant easdem, Cascelliani, <Caeciliani>, Aquiliani, animadvert*a*nt, unde oriuntur, nomina dissimilia Cas*c*ellius, C*a*ecilius, Aquilius, <Faustus: quod si esset> Faustius, recte dicerent Faustianos; si<c> a Scipione quidam male dicunt Scipioninos: nam est Scipionarios.

71. Mas nem mesmo nos vocábulos que são declinados, se passam do caso reto para o caso reto: porém esses em geral não se afastam da teoria sem justa causa, como os gladiadores que se chamam *Faustini*, pois apesar de muitos serem chamados dessa forma, tendo as três últimas sílabas iguais, *Cascelliani*, *Caeciliani*, *Aquiliani*, que eles observem que os nomes de onde são oriundos (*Cascellius*, *Caecilius*, *Aquilius* e *Faustus*) são diferentes, pois se houvesse |*Faustius*|, diriam corretamente *Faustiani*; assim a partir de *Scipio*[202] dizem errado *Scipionini*, pois o certo é *Scipionarii*. Mas,

[201] Segundo Kent, parece haver uma lacuna aqui, já que estão faltando os habituais exemplos que comprovam o contrário do que os anomalistas pensam. (KENT, 1951b, p. 492)
[202] *Scipio, -onis*.

Sed, ut dixi, quod ab huiuscemodi cognominibus raro declinantur cognomina neque in usum etiam perducta, natant quaedam.

como eu disse, alguns hesitam na forma, porque os cognomes raramente são declinados a partir dos cognomes dessa espécie e também não foram ainda conduzidos para o uso.

XLIII. 72. Item dicunt, cum sit simile stultus luscus et dicatur stultus stultior stultissimus, non dici luscus luscior luscissimus, sic in hoc genere multa. Ad quae dico ideo fieri, quod natura nemo lusco magis sit luscus, cum stultior fieri videatur.

XLIII. 72. Da mesma forma dizem que, apesar de *stultus* 'tolo' e *luscus* 'caolho' serem semelhantes, e ser dito *stultus*, *stultior* 'mais tolo', *stultissimus* 'tolíssimo', não é dito |*luscior*| 'mais caolho' e |*luscissimus*| 'caolhíssimo', e assim em muitas palavras desse tipo. Em resposta, eu digo que isso acontece porque ninguém é por natureza mais caolho que um homem caolho, como acontece com alguém que é mais tolo que um homem tolo.

XLIV. 73. Quod rogant, cur <non> dicamus mane manius manissime, item de vesper*i*: in tempore vere magis et minus esse non potest, ante et post potest. Itaque prius est hora prima quam secunda, non magis hora. Sed magis mane surgere tamen dicitur: qui primo mane surgit, <magis mane surgit> quam qui non pri<m>o: ut enim dies non potest esse magis quam <dies, sic mane non magis quam> mane; itaque ipsum hoc quod dicitur magis sibi non constat, quod magis mane significat primum mane, magis vespere novissimum vesper.

XLIV. 73. Perguntam por que não dizemos *mane* 'manhã', |*manius*|, |*manissime*|, e da mesma forma com *uesper* 'tarde', eu digo que na verdade no tempo não pode existir mais e menos, mas sim antes e depois. E assim a *prima hora* 'primeira hora' vem antes da segunda, e não é |*magis hora*| 'maior hora'. Contudo se diz levantar *magis mane* 'mais cedo de manhã': o que se levanta na primeira parte da manhã preferem dizer que se levanta *magis mane* 'mais de manhã' do que aquele que não se levanta na primeira parte, pois como o dia não pode ser dito mais que um dia, assim a manhã não pode ser dita mais que a manhã; e dessa forma o mesmo que é dito *magis* não é coerente consigo mesmo, pois *magis*

mane significa *primum mane* ‘a primeira parte da manhã’, e *magis uespere* significa *nouissimum uesper* ‘a última parte da tarde’.

XLV. 74. Item ab huiuscemodi <dis>similitudinibus reprehenditur analogia, quod cum sit anus cadus simile et sit ab anu anicula anicilla, a cado duo reliqua quod non sint propagata, sic non dicatur a piscina piscinula piscinilla. Ad <haec respondeo> huiuscemodi vocabul*is* analogias esse, ut dixi, ubi magnitudo animadvertenda sit in unoquoque gradu eaque sit in usu co<m>muni, ut est cista cistula cistella et canis catulus catellus, quod in pecoris usu non est. Itaque consuetudo frequentius res in binas dividi partis ut maius et minus, ut lectus et lectulus, arca et arcula, sic alia.

XLV. 74. Assim é condenada a analogia nas diferenças dessa espécie, pois embora *anus* ‘velha’ e *cadus* ‘vasilha’ sejam semelhantes e haja, a partir de *anus*, *anicula* e *anicilla*[203], a partir de *cadus* as outras duas não são reproduzidas, e também não é dito |*piscinula*| e |*piscinilla*| a partir de *piscina* ‘aquário’. Para isso eu respondo que há analogias nos vocábulos dessa espécie, como falei, quando a grandeza deve ser observada em cada grau e isso aparece no uso comum, como em *cista* ‘cesta’, *cistula* e *cistella* ‘cestinha’ e *canis* ‘cão’, *catulus* e *catellus* ‘cãozinho’; já nos rebanhos não há esse uso[204]. E assim o uso é mais frequente nas coisas divididas em duas partes, maior[205] e menor, como *lectus* ‘leito’ e *lectulus* ‘pequeno leito’, *arca* ‘caixa’ e *arcula* ‘caixinha’, e assim outros.

XLVI. 75. Quod dicunt casus alia non habere rectos, alia obliquos et ideo non esse analogias, falsum est. Negant habere rectos ut in hoc frugis frugi frugem, item *c*ole<m> *c*olis *c*ole, obliquos non habere ut in hoc

XLVI. 75. Sobre o que dizem alguns, que algumas palavras não têm caso reto, outras oblíquo, e que por isso não há analogias, isto é falso. Eles dizem que não há casos retos em palavras como *frugis*, *frugi*, *frugem*[206] ‘cereal’, e *colem*, *colis*, *cole*[207]

---

[203] Diminutivos de *anus*.

[204] Nenhuma das palavras latinas que denotam ovelhas, cabras, gado ou cavalos tinha diminutivo na época de Varrão, mas o próprio autor usa *equulus* e *equula*. Em Plauto, encontramos as palavras *agnellus* ‘cordeirinho’, *haedillus* ‘cabrito’ e *vitellus* ‘bezerro’ como termos afetuoso, mas eles são encontrados uma só vez. (KENT, 1951b, p. 496)

[205] No tamanho normal.

[206] Genitivo, dativo e acusativo, respectivamente.

[207] Acusativo, genitivo e ablativo, respectivamente.

Diespiter Diespitri Diespitrem, Maspiter Maspitri Maspitrem.

‘caule’, e não há oblíquos em *Diespiter* ‘Júpiter’, |*Diespitri*|, |*Diespitrem*| e em *Maspiter* ‘Marte’, |*Maspitri*| e |*Maspitrem*|.[208]

76. Ad haec respondeo et priora habere nominandi et posteriora obliquos. Nam et frugi rectus est natura frux, at secundum consuetudinem dicimus ut haec avis, haec ovis, sic haec frugis; sic secundum naturam nominandi est casus *col*s, secundum consuetudinem *c*olis, cum utrumque conveniat ad analogian, quod et id quod in consuetudine non est cuius modi debeat esse apparet, et quod est in consuetudine nunc in recto casu, eadem est analogia ac pleraque, quae ex multitudine cum transeunt in singulare, difficulter efferuntur ore. Sic cum transiretur ex eo quod dicebatur haec oves, una non est dicta ovs sine *I*, sed additum I ac factum ambiguum verbum nominandi an patrici esse<t> casus. Ut ovis, et avis.

76. A isso eu respondo que tanto os primeiros têm caso de nominar quanto os últimos têm casos oblíquos. Pois o caso reto de *frugi* é *frux* por natureza, mas segundo o uso dizemos *haec frugis*, como *haec auis*, *haec ouis*; o caso de nomear do segundo é por natureza *cols*, mas segundo o uso dizemos *colis*, e ambos concordam com a analogia, pois é evidente que *cols* seria o que deveria estar no uso, mas não está, e naquilo que está no uso agora no caso reto há a mesma analogia como em muitas palavras, que são difíceis de pronunciar quando vêm do plural para o singular[209]. Assim, quando a passagem foi feita a partir do que era dito *haec oues*, não foi dito *ous* sem I, mas foi adicionado o I e foi feita uma palavra ambígua que pode ser o caso de nomear ou o caso paternal[210]. Como *ouis*, é também *auis*.

77. Sic in obliquis casibus cur negent esse Diespitri Diespitrem non video, nisi quod minus est tritum in consuetudine quam Diespiter; quod in nihil argumentum est: nam tam casus qui non tritus est quam qui est. Sed

77. Logo, não vejo porque dizem que nos casos oblíquos não há |*Diespitri*| e |*Diespitrem*|, a não ser porque sejam menos conhecidos no uso que *Diespiter*. Não há argumento algum, pois o caso que não é habitual é tão caso quanto aquele que é. Mas

[208] Só os casos nominativo e vocativo possuem a forma pater: *Dies* + *pater* = *Diespiter* ‘Júpiter’; *Mars* + *pater* = *Maspiter* ou *Marspiter* ‘Marte’.
[209] Nesses casos, o nominativo singular termina em -*s* e o plural em -*es*.
[210] O genitivo.

est<o> in casuum serie alia vocabula non habere nominandi, alia de obliquis aliquem: nihil enim ideo quo minus siet ratio percellere poterit hoc crimen.

admitamos que na série dos casos alguns vocábulos não têm o de nominar, outros não têm algum dos oblíquos: pois nenhuma relação existiria que pudesse destruir esse crime.

78. Nam ut signa quae non habent caput aut aliquam aliam partem, nihilo minus in reliquis membris eorum esse possunt analogiae, sic in vocabulis casuum possunt item fieri <iacturae. Potest etiam refingi> ac reponi quod aberit, ubi patietur natura et consuetudo: quod nonnunquam apud poetas invenimus factum, ut in hoc apud N*a*evium in Clastidio:

78. Pois como certas imagens não têm cabeça ou alguma outra parte, sem, por isso, derrubar a analogia nos seus membros restantes, assim pode acontecer nos vocábulos algumas perdas de casos. E também pode ser refeito ou reposto o que faltar, onde a natureza e o uso permitirem, o que vemos acontecer algumas vezes entre os poetas, como neste verso de Névio, no *Clastidium*:

Vita insepulta laetus in patriam redux[211].

Com vida insepulta, feliz, o que volta para a pátria.[212]

XLVII. 79. Item reprehendunt, quod dicatur haec strues, hic Hercul*e*s, hic homo: debuisset enim dici, si esset analogia, hic Hercul, haec strus, hic hom<en. N>on haec ostendunt no<mi>*n*a non analogian esse, sed obliquos casus non habere caput ex sua analogia. Non, ut si in Alexandri statua imposueris caput Philippi, membra conveniant ad rationem, si*c* et Alexandri membrorum simulacr*o* caput quod respondeat item sit? Non,

XLVII. 79. Eles também condenam porque é dito *haec strues* ‘esta pilha’, *hic Hercules* ‘este Hércules’, *hic homo* ‘este homem’: pois, se houvesse analogia, deveria ser dito *hic Hercul*, *haec strus*, *hic homen*[213]. Esses nomes não mostram que não há analogia, mas que os casos oblíquos não têm nominativo a partir de sua analogia[214]. Não acontece que, se na estátua de Alexandre você colocasse a cabeça de Filipe e os membros fossem simétricos em proporção, assim a cabeça que corresponde à imagem

[211] *Redux*, não encontrado em nenhum outro lugar no nominativo singular. (KENT, 1951b, p. 500)
[212] *Trag. Rom. Frag., Praet.* II Ribbeck. (KENT, 1951b, p. 500)
[213] Como acontece com as palavras *sus*, *animal* e *nomen* (genitivos *suis*, *animalis* e *nominis*).
[214] Isto é, os nominativos não são formados regularmente a partir dos casos oblíquos, mas desses nominativos de vários tipos os casos oblíquos são formados regularmente. (KENT, 1952b, p. 500)

si quis tunicam in usu ita consuit, ut altera pla*g*ula sit angustis clavis, altera latis, utraque pars in suo genere caret analogia.

dos membros de Alexandre seria igualmente simétrica[215]? E se alguém costura uma túnica em que uma parte foi feita com pregas apertadas, e a outra com pregas largas, cada uma delas não carece de analogia dentro de sua espécie.[216]

XLVIII. 80. Item negant esse analogias, quod alii dicunt cupressus, alii cupressi, item de ficis platanis et plerisque arboribus, de quibus alii extremum US, alii EI faciunt. Id est falsum: nam debent dici E et I, fici ut nummi, quod est ut nummi<s> fici<s>, ut nummorum ficorum. Si essent plures ficus, essent ut manus; diceremus ut manibus, sic ficibus, et ut manuum, sic ficuum, neque has ficos diceremus, sed ficus, ut non manos appellamus, sed <manus, nec> consuetudo diceret singularis obliquos casus huius fici neque hac fico, ut non dici<t> huius mani, sed huius manus, <n>e*c* hac mano, sed hac manu.

XLVIII. 80. Da mesma forma afirmam que não existem analogias porque uns dizem *cupressus* ‘cipreste’[217], outros *cupressi*[218], e da mesma forma acontece com as figueiras, os plátanos e outras árvores, em que alguns falam a última sílaba em US, outras em EI. Isso é falso, pois deve ser dito com E e I[219], *fici* como *nummi*[220] ‘moedas’, pois *ficis* é como *nummis*[221], e *ficorum* como *nummorum*[222]. Se o plural fosse |*ficus*|, seria como *manus*[223]; diríamos |*ficibus*|, assim como *manibus*, e |*ficuum*|, como *manuum*, e não diríamos *has ficos*[224], mas *has* |*ficus*|, assim como não falamos |*manos*|, mas *manus*, nem no uso os casos oblíquos singulares seriam ditos *huius fici*[225] e *hac fico*[226], como não se usa *huius* |*mani*|, mas *huius manus*, nem *hac* |*mano*|, mas *hac*

---

[215] Quer dizer, as cabeças ou nominativos podem variar, mas os membros ou casos oblíquos são uniformes. (KENT, 1952b, p. 500-501)

[216] As túnicas com pregas largas eram usadas pelos senadores e as com pregas apertadas pelos cavaleiros. Assim, embora as duas metades citadas no exemplo não pertençam à mesma túnica, cada uma tem um precedente regular. (KENT, 1952b, p. 501)

[217] Como sendo da quarta declinação.

[218] Como sendo da segunda declinação.

[219] Varrão escreve que a terminação de nominativo plural da segunda declinação é -EI e não -I.

[220] Da segunda declinação.

[221] Ablativos plurais.

[222] Genitivos plurais.

[223] Da quarta declinação.

[224] Acusativo plural.

[225] Genitivo singular.

[226] Ablativo singular.

manu.

XLIX. 81. Etiam illud putant esse causae, cur non sit analogia, quod Lucilius scribit:

Decu<s>is,
Sive decusibus est.

Qui errant, quod Lucilius non debuit dubitare, quod utrumque: nam in aere usque ab asse ad centussis numerus aes adsignificat, et eius numero finiti casus omn*e*s ab dupondio sunt, quod dicitur a multis duobus modis hic dupondius et hoc dupondium, ut hoc gladium et hic gladius; ab tressibus virilia multitudinis hi tresses et "his tressibus confido," singulare "hoc tressis habeo" et "hoc tres<s>is confido," sic deinceps a<d> centussis. Deinde numerus aes non significa*t*.

XLIX. 81. Também pensam que há um motivo para a analogia não existir, no seguinte que Lucílio[227] escreve:

É *decusis*
Ou *decusibus*[228].

Eles erram, porque Lucílio não devia duvidar, já que ambas as formas existem: pois na moeda de bronze, a partir de um asse até cem asses, o número indica dinheiro, e todos os casos são limitados pelo número correspondente, pois é dito por muitos de dois modos, *hic dupondius* e *hoc dupondium*[229] 'estes dois asses', assim como *hoc gladium* e *hic gladius* 'esta espada'; a partir de *tressis* 'três asses', há o masculino plural *hi tresses* e *his tressibus*, como em "*his tressibus confido*" 'eu confio nestes três asses', e o singular como em "*hoc tressis habeo*" 'tenho estes três asses' e "*hoc tressis confido*" 'confio estes três asses'[230], e assim sucessivamente até cem asses. Depois o número não indica mais dinheiro.

82. Numeri qui *a*es non significant, usque a quattuor ad centum, triplicis habent formas, quod dicuntur hi quattuor, hae quattuor, haec quattuor; cum perventum est ad mille, quartum

82. Os números que não indicam dinheiro, de quatro até cem, têm formas tríplices[231], pois são ditos *hi quattuor* 'estes quatro homens', *hae quattuor* 'estas quatro mulheres', *haec quattuor* 'estas quatro

[227] Lucílio, 1153-4 Marx.
[228] Moeda que vale dez asses.
[229] Tanto no masculino como no neutro.
[230] É uma das poucas vezes que Varrão apresenta como exemplo uma oração que parece estar no uso comum, e não nos poetas. Outros exemplos estão em IX, 83.
[231] Uma forma invariável que concorda com os três gêneros.

assumit singulare neutrum, quod dicitur hoc mille denarium, a quo multitudinis fit milia denari*um*.

coisas'; quando alcança-se mil, assume uma quarta forma[232], de singular neutro, pois se diz *hoc mille denarium* 'mil denários'[233], a partir do qual se faz o plural *milia denarium* 'milhares de denários'.

83. Quare *quo*<nia>m ad analogias quod pertineat non <opus> est ut omnia similia dicantur, sed ut in suo quaeque genere similiter declinentur, stulte qu*a*erunt, cur as et dupondius et tressis non dicantur proportione, cum a*s* sit simple*x*, d*u*pondius fictus, quod duo asses pendebat, tressis ex tribus aeris quod sit. Pro assibus nonnunquam aes dicebant antiqui, a quo dicimus assem tenentes "hoc aere aeneaque libra" et "mille *a*eris legasse."

83. Já que no que diz respeito às analogias não é necessário que todas as palavras sejam ditas semelhantes, mas que sejam declinadas semelhantemente de acordo com seu tipo, tolamente perguntam por que *as*, *dupondius* e *tressis* não são ditos analogamente, já que *as* é singular, *dupondius* representa o que pesava dois asses, e *tressis* a partir de três unidades de um asse. Em vez de *asses*, os antigos às vezes diziam *aes*, e da mesma forma, quando temos um *as*, ainda dizemos "*hoc aere aeneaque libra*" 'com esse bronze e uma libra de cobre' e "*mille aeris legasse*" 'ter deixado mil'.

84. Quare quod ab tressis usque ad centussis numeri ex <partibus> eiusdem modi sunt compositi, eiusdem modi habent similitudinem: dupondius, quod dissimilis est, ut debuit, dissimilem habet rationem. Sic as, quoniam simplex est ac principium, et unum significat et multitudinis habet suum infinitum: dicimus enim asses, quos cum finimus, dicimus dupondius et tressis et sic porro.

84. Portanto, porque os números de *tressis* até *centussis* são compostos de partes do mesmo tipo, eles possuem semelhança do mesmo tipo: *dupondius*, porque é diferente, tem declinação diferente, como deve ser. Assim, um *as*, já que é singular e é o princípio, significa singular e tem seu plural indefinido, pois dizemos *asses*, os quais, quando limitamos, dizemos *dupondius* e *tressis* e assim por diante.

---

[232] *Mille*, além de adjetivo plural indeclinável, que concorda com os três gêneros, é também um substantivo neutro no singular, que se constrói com genitivo e tem plural declinável.

[233] *Denarius* era uma moeda de prata usada em Roma que equivalia à *drachma* dos gregos.

85. Sic videtur mihi, quoniam finitum et infinitum habeat dissimilitudinem, non debere utrumque item dici, eo magis quod in ipsis vocabulis ubi additur certus numerus miliar<i>is aliter atque in reliquis dicitur: nam sic loquontur, hoc mille denarium, non hoc mille denari<orum>, et haec duo milia denari*um*, non duo milia denari<orum>. Si esset denarii in recto casu atque infinitam multitudinem significaret, tunc in patrico denariorum dici oportebat; et non solum in denariis, victoriatis, *d*rachmis, nummis, sed etiam in viris idem servari oportere, cum dicimus iudicium fuisse triumvirum, decem<virum, centum>virum, non <triumvirorum, decemvirorum>, centumvirorum.

85. Deste modo me parece que, já que o definido e o indefinido têm diferença, não devem ser ditos ambos da mesma forma, ainda mais porque nesses vocábulos, quando são adicionados a um número definido em milhares, outra forma é usada, diferente das usadas em outras expressões: pois assim falam *hoc mille denarium* ‘estes mil denários’, e não *hoc mille |denariorum|*, e *haec duo milia denarium* ‘estes dois mil denários’, e não *duo milia |denariorum|*[234]. Se usassem *denarii*, no caso reto, e significasse plural indefinido, então seria melhor dito |*denariorum*| no caso genitivo; e não só nos denários, *uictoriatii*[235], dracmas e *nummi*, mas também em *uiri*, quando dizemos que houve uma decisão dos *triumvirum* ‘triúnviros’, *decemvirum* e *centumvirum*, e não |*triumvirorum*|, |*decemvirorum*| e |*centumvirorum*|.

86. Numeri antiqui habent analogias, quod omnibus est una regula, duo actus, tres gradus, sex decuriae, qua<e> omnia similiter inter se respondent. Regula est numerus novenarius, quod, ab uno ad novem cum pervenimus, rursus redimus ad unum et V<IIII>; hinc et LX<XXX> et n*o*ngent*a* ab una sunt natura novenaria; sic ab octonaria, et

86. Os números antigos possuem analogias, pois para todos há uma regra, dois atos, três graus, seis grupos de dez[236], e todos entre si se correspondem semelhantemente. A regra é o número nove, pois quando chegamos a partir de um até nove, de novo voltamos para o um e VIIII; daí tanto LXXXX ‘noventa’ quanto novecentos são de uma única natureza por serem divisíveis por nove; e assim outros por serem divisíveis

[234] Para nomes que denotam pesos e medidas, a forma mais antiga de genitivo (terminando em -*um*) foi usada por muio tempo, antes da forma em -*orum* se tornar a mais comum.
[235] Moedas de prata com a deusa *Victoria*.
[236] Essas ideias serão explicadas a seguir: a regra, ainda neste parágrafo, os dois atos, os três graus e os seis grupos de dez, no próximo parágrafo (87).

deo<r>sum versus ad singularia perveniunt.

por oito, e os da sequência para baixo chegam até os singulares.

87. Actus primus est ab uno <ad> DCCCC, secundus a mille ad n*o*ngenta milia; quod idem valebat unum et mille, utrumque singulari nomine appellatur: nam ut dicitur hoc unum, haec duo, <sic hoc mille, haec duo> milia et sic deinceps multitudinis in duobus actibus reliqui omnes item numeri. Gradus singularis est in utroque actu ab uno ad novem, denari*u*s gradus <a> decem ad LX<XXX>, centenarius a centum <ad> DCCCC. Ita tribus gradibus sex decuriae fiunt, tres miliariae, tres minores. Antiqui his numeris fuerunt contenti.

87. O primeiro ato é de um a DCCCC ‘novecentos’, o segundo de mil a novecentos mil; porque um e mil são valores semelhantes, e ambos são chamados no singular: pois como é dito *hoc unum* ‘este um’ e *haec duo* ‘estes dois’, assim dizemos *hoc mille* ‘este mil’ e *haec duo milia* ‘estes dois mil’ e assim sucessivamente todos os outros números em dois atos são plurais da mesma forma. O grau unitário está em ambos os atos, de um até nove, o grau decimal de dez até noventa, o grau centenário de cem até novecentos. Assim, seis grupos de dez são feitos a partir dos três graus – três nos milhares, três nos números menores. Os antigos se contentaram com esses números.

88. A*d* hos tertium et quartum actum <addentes> ab decie<n>s <et ab deciens miliens> minores imposuerunt vocabula, neque ratione, sed tamen non contra est eam de qua scribimus analogiam. Nam deciens cum dicatur hoc deciens ut mille hoc mille, ut sit utrumque sine casibus vocis, dicemus ut hoc mille, huius mille, sic hoc deciens, huius deciens, neque eo minus in altero, quod est mille, praeponemus hi mille, horum mille, <sic hi deciens, horum deciens>.

88. Para esses, seus descendentes impuseram nomes a partir de *deciens* ‘milhão’ e *deciens miliens* ‘mil milhões’, e os nomes não foram formados por relação com os numerais mais baixos, mas não estão contra a analogia sobre a qual escrevemos. Pois *deciens* é dito *hoc deciens*, assim como *mille* é dito *hoc mille*[237], e ambos são indeclináveis; logo diremos *hoc deciens* como *hoc mille* e *huius deciens* como *huius mille*, e nem por isso não dizemos, pois é *hi mille*, *horum mille*, e assim *hi deciens*, *horum deciens*.

[237] No neutro.

L. 89. Quoniam in eo est nomen co<m>mune, quam vocant ὁμωνυμίαν, obliqui casus ab eodem capite, ubi erit ὁμωνυμία, quo minus dissimiles fiant, analogia non prohibet. Itaque dicimus hic Argus, cum hominem dicimus, cum oppidum, Graec<e Graec>an<i>ce*v*e hoc Argos, cum Latine <hi> Argi. Item faciemus, si eadem vox nom*e*n et verbum significa*b*it, ut et in casus et in tempora dispariliter declinetur, ut faciemus a Meto quod nomen est Metonis Metonem, quod verbum est metam metebam.

L. 89. Quando um nome comum tem um caso reto e mais de um significado, o que chamam de ὁμωνυμίαν ‘homonímia’, a analogia não impede que sejam diferentes os casos oblíquos que começam onde estiver a homonímia. Assim, quando falamos de um homem, dizemos *hic Argus*[238], quando falamos de uma cidade, dizemos em grego ou ao modo grego *hoc Argos*[239], embora em latim seja *hi Argi*[240]. Da mesma forma, se a mesma palavra significar um nome e um verbo, faremos a declinação tanto em casos como em tempos, de maneira diferente para cada uma, como *Metonis*[241] e *Metonem*[242] a partir de *Meto*[243], que é um nome, e *metam* ‘colherei’ e *metebam* ‘colhia’ a partir de *meto* ‘eu colho’, que é um verbo.

LI. 90. Reprehendunt, cum ab eadem voce plura sunt vocabula declinata, quas συνωνυμίας appellant, ut Alc<m>*a*eus et Alc<m>*a*eo, sic Ger*y*on, Ger*y*on<e>us, Ger*y*ones. In hoc genere quod casus perperam permutant quidam, non reprehendunt analogiam, sed qui eis utuntur imperite; quod quisque caput prenderit, sequi debet eius consequenti<s> casus in declinando ac

LI. 90. Eles condenam quando a partir da mesma pronúncia há mais vocábulos declinados, ao que chamam de συνωνυμίας ‘sinonímias’, como *Alcmaeus* e *Alcmaeo*, e assim *Geryon*, *Geryoneus* e *Geryones*. Quanto ao fato de algumas pessoas alterarem os casos incorretamente nessa classe, eles não condenam a analogia, mas os que de maneira errada os utilizam; pois cada um que tome o caso reto deve seguir os casos consequentes dele ao

[238] Masculino singular.
[239] Neutro singular. A homonímia não é perfeita, já que as formas são *Argus* e *Argos*. O neutro *Argos* existe em latim somente no nominativo e no acusativo.
[240] Masculino plural.
[241] Genitivo singular.
[242] Acusativo sigular.
[243] Nominativo singular – nome masculino.

non facere, cum dixerit recto casu Alc<m>*a*eus, in obliquis Alc<m>*a*eoni et Alc<m>*a*eonem; quod si miscuerit et non secutus erit analogias, reprehendendum.

declinar, e não deve usar *Alcmaeoni* e *Alcmaeonem* nos oblíquos quando disse no caso reto *Alcmaeus*; pois se misturar as declinações e não seguir as analogias, deve ser repreendido.

LII. 91. <Reprehendunt> Aristarchum, quod haec nomina Melicertes et Philomedes similia neget esse, quod vocandi casus habet alter Melicerta, alter Philomede<s>, sic qui dicat lepus et lupus non esse simile, quod alterius vocandi casus sit lupe, alterius lepus, sic socer, macer, quod in transitu fiat ab altero tris*y*llabum soceri, ab altero bisyllabum macri.

LII. 91. Condenam Aristarco, porque ele disse que os nomes *Melicertes* e *Philomedes* não são semelhantes, pois no caso de chamar um é *Melicerta*, outro *Philomedes*[244], e também os que dizem que *lepus* ‘lebre’ e *lupus* ‘lobo’ não são semelhantes, pois o caso de chamar de um é *lupe* e o outro é *lepus*, e ainda os que dizem o mesmo de *socer* ‘sogro’ e *macer* ‘magro’, pois na mudança[245] surge a partir de um a palavra trissílaba *soceri* e a partir do outro a dissílaba *macri*.

92. De hoc etsi supra responsum est, cum dixi de lana, hic quoque amplius adiciam similia non solum a facie dici, sed etiam ab aliqua coniuncta vi et potestate, quae et oculis et auribus latere soleant: itaque s*a*epe gemina facie mala negamus esse similia, si sapore sunt alio; sic equos eadem facie nonnullos negamus esse similis, <s>i natione s<unt> ex procreante dissimil*es*.

92. Sobre isso, ainda que tenha sido respondido acima quando eu falei sobre a lã, acrescentarei algumas coisas: a semelhança das palavras não é só dita a partir da sua forma, mas também a partir de uma força e poder que o acompanham, que costumam estar escondidos dos olhos e dos ouvidos: e assim muitas vezes dizemos que duas maçãs que têm aparência idêntica não são semelhantes, se quanto ao gosto forem diferentes; da mesma forma dizemos que certos cavalos que têm a mesma aparência não são semelhantes, se são procedentes de raças diferentes.

---

[244] Nesses casos, os nominativos em grego terminam em -ης, mas os vocativos terminam em -α e -ες, respectivamente.

[245] Na declinação.

93. Itaque in hominibus emendis, si natione alter est melior, emimus pluris. Atque in hisce omnibus similitudines non sumimus tantum a figura, sed etiam aliu<n>de, ut in equis aetas, ut in <asin>is cuius modi faciant pullos, ut in pomis quo sint suco. Si igitur idem sequitur in similitudine verborum quis, reprehendundus non est.

93. E da mesma forma, ao comprar homens que são comprados, pagamos mais por um que é melhor na nacionalidade. E em todos esses assuntos não assumimos as semelhanças somente a partir da aparência, mas também a partir de outras coisas, como, nos cavalos, a idade, nos asnos, de que modo eles fazem os filhotes, e, nos frutos, o suco que sai a partir deles. Logo, se alguém prossegue igualmente na semelhança das palavras, não deve ser repreendido.

94. Quare similitudin*u*m discernendarum causa nonnunquam ut pronomen assumitur, sic casum aliquem assumi<mus>, ut in his nemus, lepus, hic lepus, hoc nemus: itaque discedunt ac dicuntur hi lepores, haec nemora. Sic aliud si quid assumptum erit extrinsecus, quo similitudo penitus perspici possit, non nim<is> erit remotum ab natura: neque enim magnetas lapides duo inter se similes sint necne, perspicere possis, nisi minutum extrinsecus prope apposueris ferrum, quod similes lapides similiter ducunt, dissimiliter dissimiles.

94. Portanto, como um pronome algumas vezes é um auxílio para distinguir as semelhanças, assim tomamos alguns casos, como em *nemus* ‘bosque’ e *lepus* ‘lebre’, *hic lepus* e *hoc nemus*[246]: e assim afastam-se e são ditos *hi lepores* ‘estas lebres’ e *haec nemora* ‘estes bosques’[247]. Assim também, se algo é tomado de fora para que a semelhança possa ser examinada profundamente, não estará excessivamente distante da natureza: pois você não pode examinar se duas pedras magnéticas são semelhantes entre si, a não ser que as traga para perto do lado de fora um pedaço de ferro, pois pedras semelhantes atraem-se semelhantemente e diferentes diferentemente.

95. Quod ad nominatuom analogia<m> pertinet, ita deli<q>*u*atum arbitror, ut omnia quae

95. O que é pertinente à analogia dos nomes julgo desta forma esclarecido, de forma que todas as coisas que foram ditas para

[246] *hic* mostra que *lepus* é masculino e *hoc* indica que *nemus* é neutro. Sem os pronomes, as duas palavras parecem ser do mesmo tipo, por causa de sua terminação em *-us*.

[247] Nominativos plurais.

dicuntur contra ad respondendum ab his fontibus sumi possit. LIII. Quod ad verborum temporalium rationem attinet, cum partes sint quattuor, tempora, person*ae*, gener*a*, division*es*, ex omni parte quoniam reprehendunt, ad singula respondebo.

responder a estas objeções possam ser obtidas por estas fontes. LIII. O que é relativo à disposição dos verbos, cujas partes são quatro – tempos, pessoas, gêneros e divisões[248] –, uma vez que eles criticam de toda e qualquer parte, eu responderei a cada uma delas.

LIV. 96. Primum quod aiunt analogias non servari in temporibus, cum dicant legi lego legam et sic simil*i*<ter> alia: nam quae sint ut leg*i* rem perfectam significare, duo reliqua lego et legam inchoatam, iniuria reprehendunt: nam ex eodem genere et ex divisione idem verbum, quod sumptum est, per tempora traduci <infecti> potest, ut discebam disco discam, et eadem perfecti, ut didiceram didici didicero. LV. Ex quo licet scire verborum ratione<m> constare, sed eos, qui trium temporum verba pronuntiare velint, <in>scienter id facere;

96. Primeiro, quanto a eles dizerem que as analogias não são preservadas nos tempos, pois as pessoas dizem *legi* ‘eu li’, *lego* ‘eu leio’, *legam* ‘eu lerei’ e da mesma forma outros verbos, e quando dizem ser um erro que *legi* signifique uma coisa terminada, e as outras duas, *lego* e *legam,* coisas começadas, tratam do assunto usando exemplos errados: pois o mesmo verbo que é extraído do mesmo grupo e da mesma divisão pode ser levado através dos tempos do *infectum*, como *discebam* ‘eu aprendia’, *disco* ‘eu aprendo’, *discam* ‘eu aprenderei’, e pelos tempos do *perfectum*, como *didiceram* ‘eu aprendera’, *didici* ‘eu aprendi’, *didicero* ‘eu terei aprendido’. LV. Por causa disso, pode-se saber que existe a sistematicidade dos verbos, mas aqueles que querem pronunciar os verbos nos três tempos fazem isto de modo ignorante;

97. i*t*em illos qui reprehendunt, quod dicamus amor amabor amatus sum: non enim debuisse in una serie unum

97. da mesma forma o fazem aqueles que criticam porque dizemos *amor* ‘eu sou amado’, *amabor* ‘eu serei amado’, *amatus*

[248] *Genus* representa um grupo (neste caso, de verbos) que são conjugados de maneira semelhante. Mas também tem a ver com modo, pois no texto de Varrão começam a se delinear os conceitos de indicativo, subjuntivo e imperativo. Já as *diuisiones* citadas pelo autor têm relação com o aspecto verbal, e são duas: uma incluindo os tempos de ações incompletas e outra os tempos de ações completas.

verbum esse duplex, cum duo simplicia essent. Neque ex divisione si unius modi ponas verba, discrepant inter se: nam infecta omnia simplicia similia sunt, et perfecta duplicia inter se paria in omnibus verbis, ut haec amabar amor amabor, amatus <eram amatus sum amatus> ero.

sum 'eu fui amado', pois não deveria haver um verbo vindo de duas formas, enquanto os outros dois são formados por uma única. Ainda que você escrevesse os verbos a partir da divisão de um único tipo, eles estariam em discrepância entre si, já que todas as formas do *infectum* são, da mesma maneira, vindas de um verbo, e as formas do *perfectum* são, entre si, vindas de dois, em todas as formas verbais, como estas: *amabar* 'eu era amado', *amor* 'sou amado', *amabor* 'eu serei amado'; *amatus eram* 'eu fora amado', *amatus sum* 'eu fui amado', *amatus ero* 'eu terei sido amado'.

98. Quare item male dicunt ferio feriam percussi, quod est ordo <ferio> feriam feriebam, percussi percus*ser*o percus*ser*am. Sic deinceps in reliquis temporibus reprehendenti responderi potest.

98. Portanto, da mesma forma, usam mal o exemplo *ferio* 'eu bato', *feriam* 'eu baterei', *percussi*[249] 'eu bati', porque a ordem[250] é *ferio*, *feriam*, *feriebam* 'eu batia', *percussi*, *percussero* 'eu terei batido', *percusseram* 'eu havia batido'. Logo, desta maneira pode-se responder àqueles críticos com relação a outros tempos.

LVI. 99. Similiter errant qui dicunt ex utraque parte verba omnia commutare syllabas oportere aut nullum, in his pungo pungam pupugi, tundo tundam tutudi: dissimilia enim conferunt, verba infecti cum perfectis. Quod si infecta modo conferrent, omnia verbi principia incommutabilia viderentur, ut

99. Erram de modo similar os que dizem que convém mudar as sílabas nas duas divisões em todos os verbos ou em nenhum, como em *pungo* 'eu furo', *pungam* 'eu furarei', *pupugi* 'eu furei'; *tundo* 'eu bato', *tundam* 'eu baterei', *tutudi* 'eu bati': pois eles estão comparando coisas diferentes, verbos do *infectum* com verbos do

[249] O autor quer dizer que usam mal o exemplo de alguns perfeitos irregulares, pois eles são, na verdade, vindos de outros verbos. Na falta de um verbo para expressar o tempo perfeito (como acontece com *ferio*, que é encontrado somente no presente), usa-se outro (neste caso, *percussi*, cujo tempo presente é pouco usado), mas este obedece ao paradigma dos perfeitos. Isto não seria, portanto, uma irregularidade total.
[250] Nesta parte Varrão muda a ordem usada para citar os tempos verbais. (KENT, 1951b, p. 518)

in his pungebam pungo pungam et contra ex utraque parte commutabilia, si perfecta ponerent, ut pupugeram pupugi pupugero.

perfectum. Mas se comparassem somente os não acabados, todas os inícios do verbo pareceriam imutáveis, como em *pungebam*, *pungo, pungam* e, por outro lado, mutáveis, se considerassem os acabados, como *pupugeram* ‘eu furara’, *pupugi* ‘eu furei’, *pupugero* ‘terei furado’.

LVII. 100. Item male conferunt fui sum ero, quod fui est perfectum, cuius series sibi, ut debet, in omnibus p*artibu*s constat, quod est fueram fui fuero; de infectis sum quod nunc dicitur olim dicebatur esum et in omnibus personis constabat, quod dicebatur esum es est, eram eras erat, ero eris erit; sic huiusce modi cetera servare analogiam videbis.

100. Da mesma forma equivocada reúnem *fui* ‘fui, *sum* ‘sou’ e *ero* ‘serei’, porque *fui* é do *perfectum*, cujas sequências estão em acordo interno entre todas as partes, como deve ser, porque é *fueram* ‘fora’, *fui* ‘fui’, *fuero* ‘terei sido’; no que se refere aos tempos do *infectum*, o que agora é dito *sum*, em certa época era dito *esum*, e em todas as pessoas era coerente, porque era dito *esum*, *es, est*[251]*; eram, eras, erat*[252]; *ero, eris, erit*[253]; desta forma você verá que os outros verbos deste modo preservam a analogia.

LVIII. 101. Etiam in hoc reprehendunt, quod quaedam verba neque personas habent ternas neque tempora terna: id imperite reprehendunt, ut si quis reprehendat naturam, quod non unius modi finxerit animalis omnis. Si enim natura non omnes formae verborum terna habent tempora, ternas personas, non habent totidem verborum divisiones. Quare cum imperamus, natura quod infecta <ver>ba solum

LVIII. 101. Eles também criticam porque certos verbos não possuem três pessoas nem três tempos: criticam isso inabilmente, como alguém que critica a natureza porque ela não modelou todos os animais de uma única forma. Pois se por natureza nem todas as formas de verbos têm três tempos e três pessoas, as divisões dos verbos não têm precisamente o mesmo número. Portanto, quando damos uma ordem – uma forma que na natureza só os verbos de ações

[251] No presente. A forma *esum*, segundo Kent (1951b, p. 519), parece ter sido inventada por Varrão para servir ao seu argumento, já que não há nenhum registro de ela ter existido.
[252] No imperfeito.
[253] No futuro.

habe<n>t, cum *au*t praesenti aut absenti imperamus, fiunt terna, ut lege legito legat: perfectum enim imperat nemo. Contra quae sunt i*ndic*andi, ut lego legis legit, novena fiunt verba infecti, novena perfecti.

incompletas[254] têm – a uma pessoa que está presente ou ausente, três formas são feitas, como *lege*[255], *legito*[256] e *legat*[257] 'leia': pois ninguém ordena uma coisa já feita. Por outro lado, aquelas que são formas de indicar[258], como *lego* 'eu leio', *legis* 'você lê' e *legit* 'ele lê', fazem nove formas verbais do *infectum* e nove do *perfectum*.[259]

LIX. 102. Quocirca non si genus cum genere discrepat, sed in suo quique genere si quid deest, requirendum. Ad haec addita si erunt ea quae de nominati*bu*s supra sunt dicta, facilius omnia solventur. Nam ut illic externi<s> caput rectus casus, sic hic in forma est persona eius qui loquitur et tempus praesens, ut scribo lego.

102. Portanto não se deve perguntar se um grupo difere do outro grupo, mas se há algo que falta em cada grupo. Se a estas coisas forem adicionadas aquelas que foram ditas acima sobre os nomes, tudo será facilmente resolvido. Pois assim como no caso reto está a fonte para os outros casos, da mesma forma nos verbos a fonte é a pessoa que fala e o tempo presente, como *scribo* 'eu escrevo' e *lego* 'eu leio'[260].

103. Quare ut illic fit, si hic item acciderit, in formula ut aut caput non sit aut ex alieno genere sit, proportione eadem quae illic dicimus, cur nihilominus servetur analogia. Item, sicut illic caput suum habebit et in obliquis casibus transitio erit in ali<am> quam formulam, qua assumpta reliqua facilius possint videri verba, unde sint declinata (fit enim, ut

103. Portanto, como acontece lá[261], acontecerá aqui da mesma forma, na fórmula a origem não está ou está em um grupo diferente, dizemos aqui na mesma proporção aquilo que dissemos lá, por que a analogia, todavia, é preservada. Assim, da mesma forma que os nomes terão sua fonte e nos casos oblíquos haverá uma transição para outra forma, na qual pode ser mais facilmente vista de quais palavras são

[254] Verbos que estão nos tempos do *infectum*.
[255] Imperativo presente.
[256] Imperativo futuro.
[257] Presente do subjuntivo.
[258] Modo indicativo.
[259] Isto é, três tempos vezes três pessoas.
[260] Ou seja, a fonte da qual surgem outras formas é a primeira pessoa do presente indicativo ativo.
[261] Com os nomes.

rectus casus nonnunquam sit ambiguus), ut in hoc verbo volo, quod id duo significat, unum a voluntate, alterum a volando; itaque a volo intellegimus et volare et velle.

declinadas (pois acontece de o caso reto às vezes ser ambíguo), assim também no verbo *uolo*, porque ele significa duas coisas: uma 'ter vontade' e outra 'voar'[262], e assim reconhecemos tanto *uolare* 'voar' quanto *uelle* 'querer'[263].

LX. 104. Quidam reprehendunt, quod pluit et luit dicamus in praeterito et praesenti tempore, cum analogi*a*e sui cuiusque temporis verba debeant discriminare. Falluntur: nam est ac putant aliter, quod in praeteritis U dicimus longum pluit <luit>, in praesenti breve pluit luit: ideoque in lege venditionis fundi "ruta c*a*esa" ita dicimus, ut U producamus.

104. Certas pessoas criticam porque dizemos *pluit* 'choveu' e *luit* 'soltou' no tempo pretérito e presente, embora as regularidades devam distinguir as formas de cada um dos tempos. Enganam-se: pois é o contrário do que julgam, porque dizemos *pluit* e *luit* com U longo[264] nos pretéritos, e no presente dizemos com U breve: é por isso que, na lei da venda de uma proriedade, dizemos *ruta caesa*[265], e alongamos o U.

LXI. 105. Item reprehendunt quidam, quod putant idem esse sacrifico et sacrificor, lavat et lavatur; quod sit an non, nihil commovet analogian, dum sacrific*o* qui dicat servet sacrificabo et sic per totam formam, ne dicat sacrificatur aut sacrificatus sum: haec enim inter se non conveniunt.

105. Da mesma maneira, criticam porque julgam que são o mesmo *sacrifico* 'eu sacrifico' e *sacrificor* 'sou sacrificado', *lavat* 'ele banha' e *lavatur* 'ele é banhado'; se é ou não é assim, nada modifica a analogia, contanto que quem diga *sacrifico* mantenha *sacrificabo* 'eu sacrificarei' e assim por todas as formas, e não diga *sacrificatur* ou *sacrificatus sum*: pois estas formas não estão de acordo entre si.

106. Apud Plautum, cum dicit:

106. Em Plauto[266], quando diz:

Piscis ego credo qui usque dum vivunt lavant

Eu creio que os peixes, que se lavam continuamente

[262] Aqui há a distinção entre: *uolo, uis, uelle, uolui* (ter vontade, querer) e *uolo, uolas, uolare, uolaui, uolatum* (voar).
[263] Quando a primeira pessoa do presente do indicativo, ou seja, o caso reto, for ambíguo, torna-se necessário saber as outras formas para desfazer essa ambiguidade.
[264] Uma forma encontrada no latim mais antigo, que sofreu encurtamento.
[265] *Ruta caesa* (*ruo*, *caedo*): bens móveis que o vendedor de um imóvel excetua da venda (termo jurídico).
[266] *Truc*. 322-232.

Diu minus lavari quam haec lavat Phronesium,

ad lavant lavari non convenit, ut *I* sit postremum, sed E; ad lavantur analogia lavari reddit: quod Plauti aut librarii mendum si est, non ideo analogia, sed qui scripsit est reprehendendus. Omnino et lavat et lavatur dicitur separatim recte in rebus certis, quod puerum nutrix lava<t>, puer a nutrice lavatur, nos in *b*alneis et lavamus et lavamur.

enquanto vivem,
estão no banho menos tempo do que se lava Fronésio[267],

lavant não tem ligação com *lavari*, [268]com I no final em vez de E; a analogia leva *lavari* a *lavantur*: porque se o erro é de Plauto ou do copista, quem escreveu é que deve ser criticado, não a analogia. Em geral, tanto *lavat* quanto *lavatur* são ditos separadamente em certas coisas, porque a nutriz *lavat* 'lava' a criança, então a criança *lavatur* 'é lavada' pela ama, e nos quartos de banho nós tanto *lavamus* 'lavamos' como *lavamur* 'somos lavados'.

107. Sed consuetudo alterum utrum cum satis haberet, in toto corpore potius utitur lavamur, in partibus lavamus, quod dicimus lavo manus, sic pedes et cetera. Quare e balneis non recte dicunt lavi, lavi manus recte. Sed quoniam in balneis lavor lautus sum, sequitur, ut contra, quoniam est soleo, oporte<a>t dici solui, ut Cato et Ennius scribit, non ut dicit volgus, solitus sum, debere dici; neque propter haec, quod discrepant in sermone pauca, minus est analogia, ut supra dictum est.

107. Mas como o costume possui um e outro, em todo o corpo, de preferência, é utilizado *lavamur* 'nós nos banhamos', e nas partes do corpo *lavamus*, porque dizemos *lavo* 'lavo'as mãos, os pés e outras partes[269]. Por isso, quanto aos banhos públicos, não está certo quando dizem *lavi* somente, mas estão certos quando dizem *lavi manus* 'eu lavei minhas mãos'. Mas como nos quartos de banhos dizem *lavor* 'eu me lavo' e *lautus sum* 'eu me lavei', segue-se que, visto que há *soleo* 'eu estou acostumado', deve-se dizer *solui* 'eu estive acostumado', como Catão[270] e Ênio escrevem, e não pelo contrário *solitus sum*, como as pessoas

[267] *Phronesium*: neutro. Nome de mulher.
[268] Varrão critica Plauto (ou o copista) por ter misturado a forma passiva (*lauari*) com a ativa (*lauant*).
[269] Ou seja, a forma passiva é usada com sentido reflexivo e a forma ativa como verbo transitivo.
[270] Catão, o Antigo ou o Censor (243 a.C.-143 a.C.): estadista, cônsul e censor, escreveu livros para a educação dos jovens, sobre agricultura e história.

dizem; nem por causa destas coisas, porque não estão de acordo em poucas vezes na fala, a analogia é menor, como eu disse acima.

LXII. 108. Item cur non sit analogia, a*ff*erunt, quod ab similibus similia non declinentur, ut ab dolo et colo: ab altero enim dicitur dolavi, ab altero colui; in quibus assumi solet aliquid, quo facilius reliqua dicantur, ut i<n> M*y*rmecidis operibus minutis solet fieri: igitur in verbis temporalibus, quo<m> similitudo s*a*epe sit confusa, ut discerni nequeat, nisi transieris in aliam personam aut in tempus, quae proposita sunt no<n e>sse similia intellegitur, cum transitum est in secundam personam, quod alterum est dolas, alterum colis.

108. Da mesma forma eles apresentam como argumento contra a analogia que formas semelhantes não são declinadas de semelhantes, como no caso de *dolo* ‘eu lavro’ e *colo* ‘eu cultivo’: pois de um diz-se *dolavi* ‘eu lavrei’ e de outro *colui* ‘eu cultivei’; nesses casos, algo pelo qual outras coisas seriam informadas mais facilmente, como costuma ser feito nos pequenos trabalhos de Mirmécides: assim, nos tempos verbais, já que a semelhança é muitas vezes confusa, e a distinção não pode ser feita, a não ser se passando para outra pessoa ou outro tempo, você percebe que as palavras não são parecidas quando a passagem para a segunda pessoa é feita, porque em um é *dolas* ‘você lavra’, e na outra *colis* ‘você cultiva’[271].

109. Itaque in reliqua forma verborum suam utr<um>que sequitur formam. Utrum in secunda <persona> forma verborum temporal*i*<um> habeat in extrema syllaba AS <an ES> an ĬS a<u>t ĪS, ad discernendas similitudines interest: quocirca ibi potius index analogiae quam in prima, quod ibi abstrusa est dissimilitudo, ut apparet in his meo, neo, ruo: ab his

109. Da mesma maneira, nas outras formas dos verbos cada um segue a sua forma. Se na segunda pessoa a forma dos verbos tem na sílaba final AS ou ES ou ĬS ou ĪS, isso serve para distinguir as semelhanças: por isso a marca de analogia está antes na segunda pessoa do que na primeira pessoa, porque na primeira as diferenças estão ocultas, como ocorre em *meo* ‘eu vou’, *neo* ‘eu costuro’, *ruo* ‘eu caio’: pois esses

[271] Logo, não há anomalia, pois os verbos citados pertencem a conjugações diferentes. Cada um segue o paradigma de sua conjugação.

enim dissimilia fiunt transitu, quod sic dicuntur meo meas, neo nes, ruo ruis, quorum unumquodque suam conservat similitudinis formam.

desenvolvem formas diferentes pela passagem da primeira para a segunda pessoa, porque diz-se assim: *meo, meas*[272], *neo, nes*[273], *ruo, ruis*[274], e cada um deles conserva sua forma de semelhança.

LXIII. 110. Analogiam item de his quae appellantur participia reprehendunt mult*i*; iniuria: nam non debent dici terna ab singulis verbis amaturus amans amatus, quod est ab amo amans et amaturus, ab am*o*r amatus. Illud analogia quod praestare debet, in suo quicque genere habet, casus, ut amatus amato et amati amatis; et sic in muliebribus amata et amatae; item amaturus eiusdem modi habet declinationes, amans paulo aliter; quod hoc genus omnia sunt in suo genere similia proportione, sic virilia et muliebria sunt eadem.

LXIII. 110. Dessa forma, muitos criticam a irregularidade a respeito daquilo que chamam de particípios; é uma injustiça, pois não devem dizer que os três particípios vêm das mesmas palavras, como *amaturus* ‘prestes a amar’, *amans* ‘que ama’ e *amatus* ‘amado’, porque *amans* e *amaturus* vêm de *amo* ‘eu amo’ e *amatus* de *amor* ‘sou amado’. O que eles têm que a analogia pode distinguir, cada um em sua própria classe, são os casos e os gêneros, como *amatus*[275] e *amato*[276], *amati*[277] e *amatis* [278] e assim no feminino *amata*[279] e *amatae*[280]. Da mesma forma, *amaturus* tem suas declinações, *amans* tem um pouco diferente; porque todas as palavras desse tipo têm semelhança em sua própia classe, assim, as formas para masculino e feminino são as mesmas.

LXIV. 111. De eo quod in priore libro extremum est, ideo non es<se> analogia<m>, quod qui de ea scripserint aut inter se non conveniant aut in quibus conveniant ea cum

LXIV. 111. Sobre aqueles últimos argumentos no livro anterior, de não haver analogia porque os que escreveram sobre isso não concordam entre si ou nas coisas que concordam, estas são diferentes das

[272] Primeira conjugação.
[273] Segunda conjugação.
[274] Terceira conjugação.
[275] Nominativo singular.
[276] Dativo singular.
[277] Nominativo plural.
[278] Dativo plural.
[279] Nominativo singular.
[280] Nominativo plural, genitivo singular ou dativo singular.

consuetudinis discrep*e*nt verbis, utrumque <est leve>: sic enim omnis repudiandum erit artis, quod et in medicina et in musica et in aliis multis discrepant scriptores; item in quibus conveniunt *in* scriptis, si e<a> tam<en> repudiat natura: quod ita ut dicitur non sit ars, sed artifex reprehendendus, qui <dici> debet in scribendo non vidisse verum, non ideo non posse scribi verum.

palavras do uso, ambos têm pouco peso: pois assim toda arte deverá ser repudiada, porque na medicina e na música e em muitas outras os escritores discordam; dessa forma deve ser nos assuntos em que concordam nos escritos, se a natureza repudiar as conclusões deles. Porque assim como se diz que não é a arte, mas o artista que deve ser repreendido, é ele que deve-se dizer que não viu a verdade no que escreveu, e portanto não se pode dizer que a verdade não pode ser escrita.

112. Qui dicit hoc monti et hoc fonti, cum alii dicant hoc monte et hoc fonte, sic alia quae duobus modis dicuntur, cum alterum sit verum, alterum falsum, non uter peccat tollit analogias, sed uter recte dicit confirmat; et quemadmodum is qui peccat in his verbis, ubi duobus modis dicuntur, non tollit rationem cum sequitur falsum, sic etiam in his <quae> non duobus dicuntur, si quis aliter putat dici oportere atque oportet, non scientiam tollit orationis, sed suam inscientiam denudat.

112. Quem diz *hoc monti* ‘neste monte’ e *hoc fonti* ‘nesta fonte’, enquanto outros dizem *hoc monte* e *hoc fonte*[281], da mesma forma que outras palavras são ditas de duas formas, uma é correta e outra é errada, quem erra não está destruindo as regularidades, mas aquele que fala corretamente as confirma; e do mesmo modo que aquele que erra nessas palavras que são ditas de dois modos não destrói o sistema quando segue a forma errada, assim, também naquelas que não são ditas de duas formas, se um pensa que deve ser dita de outra maneira, não destrói a ciência do discurso, mas expõe sua falta de conhecimento.

LXV. 113. Quibus rebus solvi arbitraremur posse quae dicta sunt priori libro contra analogian, ut potui brevi percucurri. Ex quibus si id

LXV. 113. As coisas pelas quais pensaríamos que os argumentos pudessem ser resolvidos, que foram ditas no livro anterior contra a analogia, eu brevemente

[281] Formas de ablativo singular.

conf*e*cissent quod volunt, ut in lingua Latina esset anomalia, tamen nihil egissent ideo, quod in omnibus partibus mundi utraque natura inest, quod alia inter se <similia>, alia <dissimilia> sunt, sicut in animalibus dissimilia sunt, ut equus bos ovis homo, item alia, et in uno quoque horum genere inter se similia innumerabilia. Item in piscibus dissimilis mur*a*ena lupo, is soleae, haec *mura*en*a*e et mustelae, sic aliis, ut maior ille numerus sit similitudinum earum quae sunt separatim in mur*a*enis, separatim in asellis, sic in generibus aliis.

percorri, como pude. Pelos seus argumentos, se eles tivessem alcançado o que queriam, que na língua latina deveria haver anomalia, contudo não teriam realizado nada, porque em todas as partes do mundo ambas as naturezas estão presentes, pois umas coisas são similares entre si e outras são diferentes, assim como há diferenças nos animais, como entre o cavalo, o boi, a ovelha, o homem, assim como em outros, e em cada classe também há inumeráveis semelhanças entre si. Da mesma maneira, entre os peixes existem diferenças, como a moreia é diferente do lobo-marinho[282], este é diferente do linguado, e este é diferente da moreia e da lampreia[283], e outros, apesar de ser ainda maior o número dessas diferenças que existem separadamente entre as moreias, entre os bacalhaus[284], e da mesma forma em outras classes.

114. Quare cum in inclinationibus verborum numerus sit magnus a dissimilibus verbis ortus, quod etiam vel maior est in quibus similitudines reperiuntur, conf*it*endum est esse analogias. Itemque cum ea non multo minus quam in omnibus verbis patiatur uti consuetudo co<m>munis, fatendum illud quoqu*o m*<o>do analogian sequi

114. Embora nas mudanças das palavras o número das que não são parecidas seja grande, o número daquelas nas quais as semelhanças são encontradas ainda é maior, e por isso deve-se admitir que existem regularidades. E, dessa forma, já que o uso geral nos permite seguir o princípio da regularidade em quase todas as palavras, devemos admitir que temos que seguir em

[282] Outra tradução possível para *lupus, -i*.
[283] Também significa ‘doninha’ ou ‘furão’, mas, neste contexto em que Varrão cita alguns peixes, é uma ‘lampreia’ (cf. LEWIS & SHORT, 1879).
[284] *asellus* é traduzido por ‘peixes do mar’, ‘certo peixe’, ou, segundo LEWIS & SHORT (1879), ‘bacalhau’.

nos debere universos, singulos autem praeterquam in quibus verbis offensura sit consuetudo co<m>munis, quod ut dixi aliud debet praestare populus, aliud e populo singuli homines.

115. Neque id mirum est, cum singuli quoque non sint eodem iure: nam liberius potest poeta quam orator sequi analogias. Quare cum hic liber id quod pollicitus est demonstraturum absolveri*t*, faciam finem; proxumo deinceps de declinatorum verborum f*o*rma scribam.

conjunto a regularidade de todas as maneiras e também individualmente, a não ser em palavras que ofendem alguns, porque, como eu disse, o povo deve seguir um padrão e os indivíduos outro.

115. E isto não é de se admirar, já que nem todos os indivíduos têm os mesmos direitos: pois o poeta pode seguir as analogias mais livremente que o orador. Por isso, já que este livro completou a exposição à qual se propôs, finalizarei; em seguida, no próximo livro, escreverei sobre a forma das palavras declinadas.

LIBER X

I. 1. In verborum declinationibus disciplina loquendi dissimilitudinem an similitudinem sequi deberet, multi qu*a*esierunt. Cum ab his ratio quae ab similitudine oriretur vocaretur analogia, reliqua pars appellaretur anomalia: de qua re primo libro quae dicerentur cur dissimilitudinem ducem haberi oporteret, dixi, secundo contra quae dic<er>entur, cur potius similitudinem conveniret praeponi: quarum rerum quod nec fundamenta, ut deb<u>it, posita ab ullo neque ordo ac natura, ut res postulat, explicita, ipse eius rei formam exponam.

LIVRO X

I. 1. Muitos questionaram se nas declinações das palavras a disciplina de falar deveria seguir o princípio da anomalia ou da analogia. Daí a razão de chamar de analogia aquilo que surge a partir da semelhança, e de anomalia a outra parte: deste assunto eu tratei no primeiro livro, dando argumentos que levam a aceitar a analogia como guia, e, no segundo livro, argumentei contra esse princípio, mostrando que convém preferir a anomalia. Então, como fundamentos não foram postulados por ninguém, como deveria ter sido feito, nem sua ordem e natureza foram apresentadas, como manda o assunto, eu delinearei um esquema sobre ele.

2. Dicam de quattuor rebus, quae continent declination*e*s verborum: quid sit simile ac dissimile, quid ratio quam appellant λόγον, quid pro portione qu*o*d dicunt ἀνὰ λόγον, quid consuetudo; quae explicat*a*e declarabunt analogiam et anomalia<m>, unde sit, quid sit, cuius modi sit.

2. Eu abordarei quatro assuntos, os quais envolvem as declinações das palavras: o que seriam o semelhante e o diferente, qual relação se chama *logos*, o que significa a relação de proporção, que eles chamam de *ana logon* ‘de acordo com o *logos*’, e o que é o uso; tais explicações mostrarão o que são analogia e anomalia, de onde vêm, o que são e de que espécie são.

II. 3. De similitudine et dissimilitudine ideo primum dicendum, quod ea res est fundamentum omnium declinationum ac continet rationem verborum. Simile est quod res plerasque habere videtur

II. 3. Por essa razão, devo discutir primeiramente a semelhança e a diferença, pois elas são o fundamento de todas as declinações e sustentam a relação das palavras. Análogo é aquilo que parece ter a

easdem quas illud cuiusque simile: dissimile est quod videtur esse contrarium huius. Minimum ex duobus constat omne simile, item dissimile, quod nihil potest esse simile, quin alicuius sit simile, item nihil dicitur dissimile, quin addatur quoius sit dissimile.

maioria das características iguais às daquilo com que é parecido: anômalo é aquilo que parece ser o contrário disso. Tudo que é análogo ou anômalo existe a partir de duas coisas no mínimo: nada pode ser análogo sem ser semelhante a alguma outra coisa, e, da mesma maneira, nada pode ser dito anômalo sem ser associado com outra coisa de que é diferente.

4. Sic dicitur similis homo homini, equus equo, et dissimilis homo equo: nam similis est homo homini ideo, quod easdem figuras membrorum habent, quae eos dividunt ab reliquorum animalium specie. In ipsis hominibus simili de causa vir viro similior quam vir mulieri, quod plures habent easdem partis; et sic senior seni similior quam puero. Eo porro similiores sunt qui facie quoque p*a*ene eadem, habitu corporis, filo: itaque qui plura habent eadem, dicuntur similiores; qui proxume accedunt ad id, ut omnia habeant eadem, vocantur gemini, simillimi.

4. Deste modo, é dito que o humano é semelhante ao humano, o cavalo ao cavalo, mas o humano é diferente do cavalo: pois o humano é semelhante ao humano porque eles têm as mesmas formas de membros, o que o separa da aparência dos outros animais. Entre os próprios humanos, por motivo semelhante o homem é mais semelhante ao homem do que à mulher, pois eles têm mais partes idênticas entre si; e assim, o mais velho é mais semelhante ao velho do que ao menino. Vou mais longe: são mais semelhantes os que têm quase o mesmo aspecto, o mesmo comportamento, o mesmo formato: e assim aqueles que têm mais coisas iguais são chamados de mais parecidos, e aqueles que chegam perto de ter todas as coisas iguais são chamados de gêmeos, extremamente parecidos.

5. Sunt qui tris naturas rerum putent esse, simile, dissimile, neutrum, quod alias vocant non simile, alias non dissimile (sed quamvis tria sint simile dissimile neutrum, tamen potest dividi

5. Há os que julgam que existem três naturezas das coisas, o semelhante, o diferente, e o neutro, e este último às vezes chamam de ‘não semelhante’ e outras vezes de ‘não diferente’ (mas ainda que a tríade

etiam in duas partes sic, quodcumque conferas aut simile esse aut non esse); simile esse et dissimile, si uideatur esse ut dixi, neutrum, si in neutram partem praeponderet, ut si duae res quae conferuntur vicenas habent partes et in his denas habeant easdem, denas alias ad similitudinem et dissimilitudinem *a*eque animadvertendas: hanc naturam plerique subiciunt sub dissimilitudinis nomen.

seja semelhante, diferente e nenhum dos dois, contudo pode haver uma divisão em duas partes, de modo que qualquer coisa que seja comparada com outra ou é semelhante ou não é); acredita-se que algo é semelhante e é diferente se parece ser como eu disse; e é nenhum dos dois se inclina-se para a parte neutra, como quando duas coisas que são comparadas têm vinte partes, e dessas, no que diz respeito a semelhanças e diferenças, dez partes são semelhantes e as outras dez são diferentes igualmente: essa natureza quase todos os estudiosos colocam sob o nome de diferença.

6. Quare quoniam fit ut potius de vocabulo quam de re controversia esse videatur, illud est potius advertendum, quom simile quid esse dicitur, cui parti simile dicatur esse (in hoc enim solet esse error), quod potest fieri ut homo homini simil*i*s non sit, ut multas partis habeat similis et ideo dici possit similis habere oculos, manus, pedes, sic alias res separatim et una plures.

6. Pois visto que sucede de a questão controversa parecer ser mais sobre a palavra do que sobre a coisa, deve-se prestar maior atenção, quando algo é dito ser semelhante, em que parte é dito ser semelhante (pois nisto costuma-se errar), porque pode acontecer que um homem não seja semelhante a outro homem, mesmo que tenha muitas partes semelhantes e, por esta razão, possa ser dito que tem olhos, mãos, pés e outras partes do corpo, separada e juntamente, semelhantes às do outro homem.

7. Itaque quod diligenter videndum est in verbis, quas partis et quot modis oporteat similis habere <quae similitudinem habere> dicuntur, ut infra apparebit, is locus maxime lubricus est. Quid enim similius potest videri

7. Dessa forma, esta condição é muitíssimo dificultosa porque deve haver um olhar cuidadoso com as palavras, para observar quais partes as palavras que são ditas análogas precisam ter de semelhantes, e de que modos, como aparecerá abaixo. Pois o

indiligenti quam duo verba haec suis et suis? Quae non sunt, quod alterum significat suere, alterum suem. Itaque similia vocibus esse ac syllabis confitemur, dissimilia esse partibus orationis videmus, quod alterum habet tempora, alterum casus, quae duae res vel maxime discernunt analogias.

que pode parecer mais semelhante para uma pessoa descuidada do que as palavras *suis* e *suis*? Pois elas não são iguais, já que uma significa ‘você costura’, de *suere* ‘costurar’, e a outra significa ‘do porco’, de *sus* ‘porco’. Assim, admitimos que elas têm pronúncia e sílabas semelhantes, mas vemos que são diferentes nas partes das orações, pois uma tem tempos, e a outra, casos, duas coisas que distinguem maximamente os sistemas de analogia.

8. Item propinquiora genere inter se verba similem s*a*epe pariunt errorem, ut in hoc, quod nemus et lepus videtur esse simile, quom utrumque habeat eundem casum rectum; sed non est simile, quod e*i*s certae similitudines opus sunt, in quo est ut in genere nominum sint eodem, quod in his non est: nam in virili genere est lepus, ex neutro nemus; dicitur enim hic lepus et hoc nemus. Si eiusdem generis esse<n>t, utrique praeponeretur idem ac diceretur aut hic lepus et hic nemus aut hoc nemus, hoc lepus.

8. Da mesma forma, palavras que são da mesma espécie muitas vezes nos levam a cometer similar erro, como no fato de *nemus* ‘bosque’ e *lepus* ‘lebre’ parecerem ser semelhantes, já que cada um tem o mesmo caso reto. Mas eles não são semelhantes, já que certas semelhanças lhes seriam necessárias, para que estejam no mesmo gênero de nomes, o que neles não há: pois *lepus* é do gênero masculino e *nemus* do neutro; diz-se, portanto, *hic lepus* ‘esta lebre’ e *hoc nemus* ‘este bosque’. Se fossem do mesmo gênero, seriam colocadas da mesma forma e seria dito ou *hic lepus* e *hic nemus* ou *hoc lepus* e *hoc nemus*.

9. Quare quae et cuius modi sunt genera similitudinum ad hanc rem, perspiciendum ei qui declinationes verborum proportione sintne qu*a*eret. Qu*em* locum, quod est difficilis, qui de his rebus scripserunt aut vitaverunt aut inceperunt neque adsequi potuerunt.

9. Por isso, aqueles que perguntam se as declinações das palavras estão relacionadas, devem observar atentamente que tipos há e de que espécie são os tipos de semelhanças que pertencem a esse assunto. Porque tal parte da questão é um assunto difícil, os que escreveram sobre essas coisas ou evitaram

ou começaram e não puderam concluí-la.

10. Itaque in eo dissensio neque ea unius modi apparet: nam alii de omnibus universis discriminibus posuerunt numerum, ut D*i*ony*s*ius S*i*donius, qui scripsit ea esse septuaginta un*u*m, alii part*i*s eius quae habet casus, cuius eidem hic cum dicat esse discrimina quadr*agi*nta septem, Aristocles re*t*tulit in litteras XIIII, Parmeniscus VIII, sic alii pauciora aut plura.

10. Da mesma forma, nesse campo uma desavença mostra-se, e não de um único modo: pois uns estabeleceram o número de todas as diferenças[285], como Dioníso Sidônio[286], que escreveu que o número era setenta e um, e outros fixaram o número dessas diferenças que se aplicam às palavras que têm caso; embora dentre estes Dioníso Sidônio tenha dito que há quarenta e sete tipos de diferenças, Aristocles[287] as reduziu para quatorze, Parmênisco[288] para oito, e assim outros aumentaram ou diminuíram esse número.

11. Quarum similitudinum si esset origo recte capta et inde orsa ratio, minus erraret<ur> in declinationibus v<er>borum. Quarum ego principia prima duum generum sola arbitror esse, a*d* qu*a*e similitudines ex*i*gi oporteat: e quis unum positum in verborum materia, alterum ut in materiae figura, quae ex declinatione fit.

11. Se a origem dessas semelhanças fosse corretamente apreendida e a partir disso a explicação fosse iniciada, errar-se-ia menos no que diz respeito às declinações das palavras. Sobre isso, eu julgo que é preciso levar os primeiros princípios de dois tipos somente para tais semelhanças: dos quais um está situado na matéria das palavras[289], e o outro, na forma da matéria[290], e qual surge da declinação.

12. Nam debet esse unum, ut verbum verbo, unde declinetur, sit simile; alterum, ut e verbo in verbum declinatio, ad quam conferetur, eiusdem modi sit: alias enim ab similibus verbis

12. Pois deve haver um segundo o qual uma palavra deve ser semelhante a outra palavra da qual é declinada; e outro, segundo o qual na declinação de uma palavra para outra a comparação que é feita seja do mesmo

[285] Isto é, o paradigma das declinações.
[286] Pupilo de Aristarco. (KENT, 1951, p. 540)
[287] Provavelmente Aristocles de Rodes, contemporâneo de Varrão. (KENT, 1951, p. 542)
[288] Outro pupilo de Aristarco. (*ibid.*)
[289] Isto é, sua forma e terminação, na forma que é o ponto de partida para a flexão. (KENT, 1951b, p. 543)
[290] A forma "flexional". (*ibid.*)

similiter declinantur, ut ab erus ferus, ero fero, alias dissimiliter erus ferus, eri ferum. Cum utrumque et verbum verbo erit simile et declinatio declinationi, tum denique dicam esse simile ac duplicem et perfectam similitudinem habere, id quod postulat analogia.

modo: pois às vezes formas são declinadas de palavras semelhantes de modo semelhante, como de *erus* 'senhor' e *ferus* 'fera' são declinados *ero* e *fero*[291], e outras, de modo diferente, como de *erus* e *ferus* são declinados *eri*[292] e *ferum*[293]. Quando cada um dos princípios existir, havendo semelhança tanto de palavra com palavra quanto de declinação com declinação, então finalmente direi que as palavras são semelhantes e que têm duas e perfeitas semelhanças, que é o que a analogia postula.

13. Sed ne astutius videar posuisse duo genera esse similitudinum sola, cum utriusque inferiores species sint plures, si de his reticuero, ut mihi relinquam latebras, repetam ab origine similitudinum quae in conferendis verbis et inclinandis sequendae aut vitandae sint.

13. Mas para que eu não pareça um tanto trapaceiro, por declarar que há somente dois tipos de semelhanças quando cada um tem mais espécies inferiores – se eu omitisse esse assunto, poderia parecer que deixei um subterfúgio para mim –, eu voltarei tomando como ponto de partida a origem das semelhanças, quais devem ser seguidas ou evitadas nas palavras comparadas e declinadas.

14. Prima divisio in oratione, quod alia verba nusquam decli*n*antur, ut haec vix mox, alia declinantur, ut ab lima lima*e*, a fero ferebam, et cum nisi in his verbis quae declinantur non possit esse analogia, qui dicit simile esse mox et nox errat, quod non est eiusdem generis utrumque verbum, cum nox succedere debeat sub casuum ratione<m>, mox

14. A primeira divisão no discurso é a seguinte: algumas palavras não são declinadas em parte alguma de modo algum, como *uix* 'apenas' e *mox* 'logo', e outras são declinadas, como a partir de *lima* 'polimento' temos *limae* e a partir de *fero* 'eu carrego' temos *ferebam* 'eu carregava', e como a analogia não pode estar presente a não ser nas palavras que são declinadas,

[291] Dativos.
[292] Genitivo.
[293] Acusativo.

neque debeat neque possit.

quem diz que *mox* e *nox* 'noite' são semelhantes está errado, pois as duas palavras não são da mesma espécie, já que *nox* deve seguir o sistema de casos e *mox* não deve e não pode pertencer.

15. Secunda divisio est de his verbis quae declinari possunt, quod alia sunt a voluntate, alia a natura. Voluntatem appello, cum unus quivis a nomine aliae <rei> imponit nomen, ut Romulus Romae; naturam dico, cum universi acceptum nomen ab eo qui imposuit non requirimus quemadmodum is velit declinari, sed ipsi declinamus, ut huius Romae, hanc Romam, hac Roma. De his duabus partibus voluntaria declinatio refertur ad consuetudinem, naturalis ad rationem.

15. A segunda divisão é sobre as palavras que podem ser declinadas, pois algumas são declinadas a partir da vontade, outras a partir da natureza. Eu chamo de vontade quando, a partir de um nome, alguém impõe um nome a outra coisa, como *Romulus* 'Rômulo' a partir de *Roma* 'Roma'. E chamo de natureza quando todos aceitamos o nome de algo e não perguntamos a quem o impôs de que modo ele queria que o nome fosse declinado, mas o declinamos nós mesmos como *huius Romae*[294], *hanc Romam*[295] e *hac Roma*[296]. Sobre essas duas partes, a declinação voluntária se refere ao consenso e a natural ao sistema da língua.

16. Quare proinde ac simile conferr*e* non oportet ac dicere, ut sit ab Roma Romanus, sic ex Capua dici oportere Capuanus, quod in consuetudine vehementer natat, quod declinantes imperite rebus nomina imponunt, a quibus cum accepit consuetudo, turbulenta necesse est dicere. Itaque neque Aristarch*e*i neque alii in analogiis defendendam eius susceperunt

16. E assim não convém comparar ou dizer que, como *Romanus* vem de *Roma*, da mesma maneira *Capuanus* seria dito vir de *Capua*, sendo os dois semelhantes, pois no uso comum as coisas flutuam violentamente, pois os que declinam impõem ignorantemente nomes às coisas, e quando o uso aceita as palavras deles, é necessário que diga coisas confusas. Da mesma forma, nem os aristarquianos[297] nem os outros

[294] Genitivo singular.
[295] Acusativo singular.
[296] Ablativo singular.
[297] Isto é, os seguidores de Aristarco.

causam, sed, ut dixi, hoc genere declinatio in co<m>muni consuetudine verborum *a*egrotat, quod oritur e populo multiplici <et> imperito: itaque in hoc genere in loquend*o* magis anomalia quam analogia.

responsabilizaram-se na analogia por defender a causa, mas, como eu disse, este tipo de declinação das palavras em comum acordo é prejudicada, pois nasce do povo variado e inexperiente: assim, na fala, há neste tipo de declinação mais anomalia que analogia.

17. Tertia divisio est: quae verba declinata natura; ea divid*un*tur in partis quattuor: in unam quae habet casus neque tempora, ut docilis et facilis; in alteram quae tempora neque casus, ut docet facit; in tertiam quae utraque, ut docens faciens; in quartam quae neutra, ut docte et facete. Ex haec divisione singulis partibus tres reliqu*a*e dissimiles. Quare nisi in sua parte inter se collata erunt verba, si conveniunt, non erit ita simile, ut debeat facere idem.

17. A terceira divisão trata das palavras que são declinadas por natureza. Elas são subdivididas em quatro partes: primeira, as que têm caso, mas não têm tempo, como *docilis* ‘dócil’ e *facilis* ‘fácil’[298]; segunda, as que têm tempo, mas não têm caso, como *docet* ‘ele ensina’ e *facit* ‘ele faz’[299]; terceira, as que têm ambos, como *docens* ‘que ensina’ e *faciens* ‘que faz’[300]; quarta, as que não tem nem um nem outro, como *docte* ‘sabiamente’ e *facete* ‘elegantemente’[301]. Cada uma dessas partes é diferentes das três restantes. Portanto, a não ser que as palavras sejam comparadas umas com as outras na sua própria divisão, mesmo que eles concordem uma palavra não será tão parecida com outra que deva seguir o mesmo paradigma.

18. Unius cuiusque part*i*s quoniam species plures, de singulis dicam. Prima pars casualis dividitur in partis duas, in nominatus *scilicet* <et articulos>, quod *a*eque finitum <et infinitum> est ut hic

18. Eu falarei de cada uma das partes, pois há vários tipos para cada uma. A primeira parte relativa ao caso é subdividida em duas, nomeadamente em “nomes” e “pronomes”, e estes são definidos e indefinidos, como *hic*

[298] Nomes (ou substantivos, adjetivos e pronomes).
[299] Verbos.
[300] Particípios.
[301] Advérbios.

et quis; de his generibus duobus utrum sumpseris, cum reliquo non conferendum, quod inter se dissimiles habent analogias.

'este' e *quis* 'quem'; sobre esses dois tipos, eu sustento que um não pode ser comparado com o outro, pois eles têm entre si diferentes analogias.

19. In articulis vix adumbrata est analogia et magis rerum quam vocum; in nomin<at>ibus magis expressa ac plus etiam in vocibus ac <syllabarum> similitudinibus quam in rebus suam optinet rationem. Etiam illud accedit ut in articulis habere analogias ostendere sit difficile, quod singula sint verba, hic contra facile, quod magna sit copia similium nominatuum. Quare non tam hanc partem ab illa dividendum quam illud videndum, ut satis sit verecundi<ae> etiam illam in eandem arenam vocare pugnatum.

19. Nos pronomes, a analogia é dificilmente sombreada, e mais quanto às coisas do que das palavras proferidas; nos nomes é mais expressa e consuma-se mais nas palavras proferidas e nas semelhanças das sílabas do que nas coisas. Também junta-se o fato de que é difícil mostrar que as analogias estão presentes nos pronomes, pois são palavras únicas, e, nos nomes, é fácil, pois muitos são os pares de nomes semelhantes. Portanto, não tanto uma questão de que se deve dividir aquela parte da outra, quanto de ver que há vergonha suficiente em chamar também aquela parte para lutar na mesma arena.

20. Ut in articulis duae partes, finitae et infinitae, sic in n*omin*a*ti*bus duae, vocabulum et nomen: non enim idem oppidum et Roma, cum oppidum sit vocabulum, Roma nomen, quorum discrimen in his reddendis rationibus alii discernunt, alii non; nos sicubi opus fuerit, quid sit et cur, ascrib*e*mus.

20. Assim como há duas partes nos pronomes, definidas e indefinidas, também há duas partes nos nomes, o comum e o próprio: pois *oppidum* 'cidade' e *Roma* 'Roma' não são iguais, já que *oppidum* é um nome comum e *Roma* um nome próprio[302]; a diferença desses nomes, nessas explicações dadas, alguns distinguem, outros não; nós escreveremos mais, no lugar adequado, sobre como isso acontece e por quê.

21. Nominatu*i* ut similis sit nominatus, habere debet ut sit eodem genere, specie eadem, sic casu, exitu e*odem*: specie, ut si nomen est quod conferas,

21. Para que um nome seja similar a outro nome, ele deve ser do mesmo gênero, da mesma espécie, estar no mesmo caso e ter a mesma terminação: espécie, se o nome que

---

[302] Neste trecho, para Varrão, *uocabulum* = nome comum e *nomen* = nome próprio.

cum quo conferas sit nomen; genere, ut non solum <unum sed> utrumque sit virile; casu, ut si alterum sit dandi, item alterum sit dandi; exitu, ut quas unum habeat extremas litteras, easdem alterum habeat.

você estiver comparando for próprio, aquele com o que você comparar seja também um nome próprio; gênero, quando não só uma palavra, mas as duas sejam masculinas; caso, de modo que, se um é dativo, o outro seja também dativo; terminação, de modo que, se um tem determinadas letras finais, o outro tenha as mesmas.

22. Ad hunc quadruplicem fontem ordines deriguntur bini, uni transversi, alteri derecti, ut in tabula solet in qua latruncul*i*s ludunt. Transversi sunt qui ab recto casu obliqui declinantur, ut albus albi albo; derecti sunt qui ab recto casu in rectos declinantur, ut albus alba album; utrique sunt partibus senis. Transversorum ordinum partes *ap*pellantur casus, derectorum gener*a*, utrisque inter se implicatis forma.

22. Para esta fonte quádrupla, dois tipos de linhas são dispostas, as horizontais e as verticais, como costuma haver num tabuleiro em que se joga com peças. As horizontais são as linhas em que os casos oblíquos são declinados a partir do caso reto, como *albi*[303] e *albo*[304] de *albus* ‘branco’; as verticais são as linhas em que são declinadas palavras do caso reto em outros casos retos, como *alba*[305] e *album*[306] de *albus*; cada uma têm seis partes[307]. Cada parte das linhas horizontais se chama ‘caso’, das verticais, ‘gênero’, e a que está disposta entre elas chama-se ‘forma’.

23. Dicam prius de transversis. Casuum vocabula alius alio modo appellavit; nos dicemus, qui nominandi causa dicitur, nominandi vel nominativum ***

23. Falarei primeiro sobre as horizontais[308]. Cada um chamou de um modo diferente os nomes dos casos; nós chamaremos o caso que é dito com o propósito de nomear de ‘caso para nomear’ ou ‘nominativo’ *** [309]

[303] Genitivo.
[304] Dativo.
[305] Feminino.
[306] Neutro.
[307] Isto é, seis casos e três gêneros no singular e no plural, o que dá 36 possibilidades.
[308] Os casos.
[309] A seguir Varrão teria falado sobre os nomes dos outros casos. Sabe-se, conforme outros parágrafos do *De lingua Latina* e por citações de outros autores, que ele chamou o genitivo de *casus patricus* ou *patrius*, o dativo de *casus dandi*, o acusativo de *casus accusandi* ou *accusativus*, o vocativo de *casus vocandi* e o ablativo de *casus sextus*. Os nomes *genitivus*, *dativus*, *vocativus* e *ablativus* aparecem mais tarde, em Quintiliano e Aulo

24. *** dicuntur unae scopae, non dicitur una scopa: alia enim natura, quod priora simplicibus, posteriora in coniunctis rebus vocabula ponuntur, sic bigae, sic quadrigae a coniunctu dictae. Itaque non dicitur, ut haec una lata et alba, sic una biga, sed unae bigae, neque dicitur ut hae duae latae, albae, sic hae duae bigae et quadrigae, <sed hae binae bigae et quadrigae>.

24. *** diz-se *unae scopae* ‘uma vassoura’[310] e não |*una scopa*|: porque eles são diversos na natureza, pois as palavras mencionadas primeiramente[311] foram colocadas em coisas simples, depois em coisas conjuntas, e assim *bigae* ‘biga’[312] e *quadrigae*[313] ‘quadriga’ são ditas de um conjunto de coisas[314]. Da mesma forma não se diz |*una biga*| como se diz *una lata* ‘uma larga’ e *una alba* ‘uma branca’, mas *unae bigae*[315], e não é dito *duae bigae* e *duae quadrigae* como dizemos *duae latae* e *duae albae,* mas sim *binae*[316] *bigae* e *binae quadrigae*.

25. Item figura verbi qualis sit refert, quod in figura vocis alias commutatio fit in *prim*o verbo sŭit modo sūit, alias in medio, ut curso cursito, alias in extremo, ut doceo docui, alias co<m>munis, ut lego leg*i*. Refert igitur ex quibus litteris quodque verbum constet, maxime extrema, quod ea in plerisque commutatur.

25. Da mesma forma a figura da palavra é importante, pois na figura da palavra proferida às vezes é feita uma mudança no começo da palavra, como *sŭit* ‘ele(a) costura’ e *sūit*[317] ‘ela(a) costurou’; às vezes no meio, como *curso* ‘correr’ e *cursito*[318] ‘correr’; às vezes no fim, como *doceo* ‘eu ensino’ e *docui* ‘eu ensinei’; às vezes em duas partes, como *lĕgo* ‘eu leio’ e *lēgi* ‘eu li’[319]. Logo, é importante observar em que

---

Gélio. No texto perdido estava o resto da discussão sobre os casos, a discussão sobre os gêneros e quase tudo sobre o número, assunto que Varrão conclui no §30.

[310] Varrão discutiu o exemplo em VIII, 7, quando disse que *scopae* significa uma ou duas vassouras.

[311] Varrão certamente mostrou mais exemplos de palavras como *scopae*, mas todos se perderam.

[312] Carro com dois cavalos. Por isso aparece no plural.

[313] Carro com quatro cavalos.

[314] Cf.IX, 64.

[315] O numeral também vai para o plural, para estabelecer a concordância.

[316] O numeral distributivo é usado para multiplicar ideias quando o singular é representado por uma forma plural.

[317] De *sŭŏ* ‘costurar’.

[318] c*ursito* é usado como verbo intransitivo e *curso* como intransitivo e transitivo, significando ‘correr por uma e outra parte’ ou ‘percorrer (uma estrada)’. Trata-se do aspecto iterativo, morfologicamente produtivo em latim. Significa "fazer constantemente".

[319] Os sinais de quantidade não estão no manuscrito, mas Kent os coloca na sua tradução para tornar mais claro o raciocínio de Varrão. Assim fiz também.

letras a palavra consiste, principalmente a última parte, pois ali elas são modificadas na maior parte das vezes.

26. Quare in his quoque partibus similitudines ab aliis male, ab aliis bene quod solent sumi in casibus conferendis, recte an perperam videndum; sed ubicumque commoventur litterae, non solum eae sunt animadvertendae, sed etiam quae proxumae sunt neque moventur: haec enim vicinitas aliquantum potes<t> in verborum declinationibus.

26. Porque as semelhanças nestas partes também costumam ser adotadas na comparação dos casos, e isso é mal feito por uns e bem feito por outros, devemos ver se é feito corretamente ou de maneira errada; apesar disso, em qualquer lugar que as letras são ordenadas, não só estas são consideradas, mas também as que estão próximas e não são afetadas: pois essa proximidade tem certa influência nas declinações das palavras.

27. In quis figuris non ea similia dicemus quae similis res significant, sed quae ea forma sint, ut eius modi res simili*s* ex instituto significare plerumque sole<a>nt, ut tunicam virilem et muliebrem dicimus non eam quam habet vir aut mulier, sed quam habere ex instituto debet: potest enim muliebrem vir, virilem mulier habere, ut in sc*a*ena ab actoribus haberi videmus, sed eam dicimus muliebrem, quae de eo genere est quo indutui mulieres ut uterentur est institutum. Ut actor stolam muliebrem sic Perpenna et C*a*ecina et <S>purinna figura muliebria dicuntur habere nomina, non mulierum.

27. Entre estas figuras não diremos que são semelhantes as palavras que significam coisas semelhantes, mas aquelas que são de tal forma, que na maior parte das vezes costumam significar coisas semelhantes por convenção, como quando chamamos de túnica masculina e túnica feminina não aquela que um homem ou uma mulher está usando, mas a que devem usar por convenção: pois pode um homem usar a túnica feminina e a mulher a masculina, como vemos ser feito em cena pelos atores, mas chamamos de túnica feminina aquela que é do tipo que as mulheres têm o costume de vestir. Como um ator pode usar uma estola feminina, assim também é dito que *Perpenna*, *Caecina* e *Spurinna*[320] têm nomes que estão na forma feminina, mas não é dito

[320] Nomes masculinos da primeira declinação.

que são nomes de mulheres.

28. Flexurae quoque similitudo videnda ideo quod alia verba quam vi<a>m habeant ex ipsis verbis, unde declinantur, appar*e*t, ut quemadmodum oporteat ut*i* praetor consul, praetori consuli; alia ex transitu intelleguntur, ut socer macer, quod alterum fit socerum, alterum macrum, quorum utrumque in reliquis a transitu suam viam sequitur et in singularibus et in multitudinis declinationibus. Hoc fit ideo quod naturarum genera sunt duo quae inter se conferri possunt, unum quod per se videri potest, ut homo et equus, alterum sine assumpta aliqua re extrinsecus perspici non possit, ut eques et equiso uterque enim dicitur ab equo.

28. A semelhança da declinação também deve ser observada, porque o caminho que certas palavras tomam evidencia-se nas próprias palavras[321], a partir das quais se declinam, como é adequado usar *praetori* e *consuli*[322] a partir de *praetor* ‘pretor’ e *consul* ‘cônsul’; outras são reconhecidas a partir da mudança, como *socer* ‘sogro’ e *macer* ‘magro’, pois uma torna-se *socerum* e a outra *macrum*[323]; a partir da mudança delas, cada uma segue seu caminho nas formas restantes tanto nas declinações do singular como nas do plural. Isso porque os tipos das naturezas que entre si podem ser comparados são dois, um que pode ser visto por si, como *homo* ‘humano’ e *equus* ‘cavalo’, outro que não pode ser examinado sem algo de fora, como *eques* ‘cavaleiro’ e *equiso* ‘domador de cavalos’, pois diz-se que ambos vêm de *equus*.[324]

29. Quare hominem homini similem esse aut non esse, si contuleris, ex ipsis homini<bus> animadversis scies; at duo inter se similiterne sint longiores quam sint eorum fratres, dicere non possis, si illos breviores cum quibus conferuntur quam longi sint ignore*s*; si<c> latiorum atque altiorum, item cetera eiusdem generis sine assumpto extrinsecus

29. Pois você saberá se um humano é ou não semelhante a outro humano se os tiver comparado a partir dos próprios humanos observados; mas você não poderia dizer se os dois são, do mesmo modo, mais altos que seus irmãos, se você não souber a altura dos irmãos mais baixos com os quais são comparados; assim, as semelhanças de cada uma das coisas largas e das altas, e

[321] Isto é, a partir do nominativo.
[322] Ambos dativos.
[323] Ambos acusativos.
[324] Segundo Kent (1951b, p. 554), Varrão fere a sua sequência lógica neste ponto, pois entra no campo da derivação quando até o momento falava somente das declinações dos nomes.

aliquo perspici similitudines non possunt. Sic igitur quidam casus quod ex hoc genere sunt, non facile est dicere similis esse, si eorum singulorum solum animadvertas voces, nisi assumpseris alterum, quo flectitur in transeund*o* vox.

igualmente outras, não podem ser examinadas sem alguma ajuda de fora. Logo, em certos casos que são desta espécie, não é fácil dizer que são semelhantes se somente forem observadas as palavras; a não ser que você coloque em outro caso, para o qual a palavra passa quando é declinada.

30. Quod ad nominatuom similitudines animadvertendas arbitratus sum satis es<se> tangere, h*a*ec sunt. Relinquitur de articulis, in quibus quaedam eadem, quaedam alia. De quinque enim generibus duo prima habent eadem, quod sunt et virilia et muliebria et neutra, et quod alia sunt ut significent unum, <alia> ut plura, et de casibus quod habent quinos: nam vocandi voce notatus non est. Proprium illud habent, quod partim sunt finita, et hic haec, partim infinita, ut quis et quae, quorum quod adumbrata et tenuis analogia, in hoc libro plura dicere <non> necesse est.

30. Sobre as semelhanças dos nomes, são essas as observações nas quais julguei ser suficiente tocar. Não tratarei dos pronomes, que são, alguns, semelhantes aos nomes, e outros, diferentes. Sobre os cinco tipos, os dois primeiros têm as mesmas propriedades, porque têm gêneros feminino, masculino e neutro e porque têm algumas formas para expressar singular e outras para plural, e sobre os casos, porque têm cinco, já que o caso usado para chamar com a voz[325] não é assinalado. Eles têm isso da sua maneira, uma parte é definida, como *hic* ‘este’ e *haec* ‘esta’ e a outra indefinida, como *quis*[326] ‘quem’ e *quae*[327] ‘quem’; sobre eles, neste livro não é necessário dizer mais, pois a analogia é imprecisa e tênue.

31. Secundum genus quae verba tempora habent neque casus, s*ed* habent personas. Eorum declinatuum species sunt sex: una quae dicitur temporalis, ut legebam gemebam, l*e*go gemo; altera

31. A segunda parte[328] é formada pelas palavras que têm tempo e não têm caso, mas têm pessoas. As suas espécies de declinação são seis: uma que se diz temporal, como *legebam* ‘eu lia’, *gemebam* ‘eu gemia’, *lego*

[325] Vocativo.
[326] Masculino.
[327] Feminino.
[328] Retoma parágrafo 17, da divisão entre as partes que são declinadas conforme a natureza.

personarum, ut sero meto, seris metis; tertia rogandi, ut scribone legone, scribisne legisne. Quarta respondendi, ut fingo pingo, fingis pingis; quinta optandi, ut dicerem facerem, dicam faciam; sexta imperandi, ut cape rape, capito rapito.

‘eu leio’, *gemo* ‘eu gemo’; a outra de pessoas, como *sero* ‘eu semeio’, *meto* ‘eu colho’, *seris* ‘você semeia’, *metis* ‘você colhe’; a terceira é a forma de interrogar, como *scribone* ‘eu escrevo?’, *legone* ‘eu leio?’, *scribisne* ‘você escreve?’, *legisne* ‘você lê?’; a quarta de responder, como *fingo* ‘eu formo’, *pingo* ‘eu pinto’, *fingis* ‘você forma’, *pingis* ‘você pinta’; a quinta de desejar, como *dicerem* ‘disesse’, *facerem* ‘fizesse’, *dicam* ‘direi’, *faciam* ‘farei’; a sexta de ordenar, como *cape* ‘tome’, *rape* ‘agarre’, *capito* ‘tome’, *rapito* ‘agarre’[329].

32. Item sunt declinatuum species quattuor quae tempora habent sine personis: in rogando, ut foditurne sereturne, et fodieturne sereturne. Ab respondendi specie eaedem figurae fiunt extremis syllabis demptis; op<t>andi species, ut vivatur ametur, viveretur amaretur. Imperandi declinatus s*int*ne habet dubitationem et eorum sitne haec ratio: paretur pugnetur, para*tor* pugna*tor*.

32. Da mesma forma, são quatro as espécies de declinação das palavras que têm tempos sem pessoas: a forma para interrogar, como *foditurne* ‘cava-se?’, *sereturne* ‘semeia-se?’, e *fodieturne* ‘cavar-se-á?’, *sereturne* ‘semear-se-á?’; na categoria de responder as mesmas figuras são usadas, mas a última sílaba é retirada[330]; a categoria de desejar, como *uiuatur* ‘viva-se’, *ametur* ‘ame-se’, *uiueretur* ‘que se vivesse’, *amaretur* ‘que se amasse’. Se a declinação de ordenar existe, há dúvida, e é incerto se são estas as suas formas: *paretur* ‘que se prepare’ e *pugnetur* ‘que se combata’, |*parator*| ‘que seja preparado’ e |*pugnator*| ‘que seja combatido’.[331]

33. Accedunt ad has species a copulis divisionum quadrinis: ab infecti et

33. Adiciona-se a essas categorias uma divisão a partir de quatro pares: inacabado e

[329] Imperativos futuros.
[330] Isto é, a partícula interrogativa -*ne*.
[331] Ou seja, as formas das quais Varrão duvida são *parator* e *pugnator*, que seriam imperativos futuros passivos.

perfecti, <ut> emo edo, emi edi; ab semel et s*a*epius, ut scribo lego, scriptit*o* lectit*o*; <a> faciendi et patiendi, ut uro ungo, uror ungor; a singulari et multitudinis, ut laudo culpo, laudamus culpamus. Huius generis verborum cuius species exposui quam late quidque pateat et cuius modi efficiat figuras, in libris qui de formulis verborum erunt diligentius expedietur.

acabado, como *emo* 'eu compro', *edo* 'eu como', *emi* 'eu comprei', *edi* 'eu comi'; ação feita uma vez e ação feita com frequência, como *scribo* 'eu escrevo', *lego* 'eu leio', *scriptito* 'eu escrevo repetidas vezes'[332], *lectito* 'eu leio muitas vezes'; fazer ou sofrer a ação, como *uro* 'eu queimo', *ungo* 'eu molho'[333], *uror* 'eu sou queimado', *ungor* 'eu sou molhado'[334]; singular e plural, como *laudo* 'eu louvo', *culpo* 'eu culpo', *laudamus* 'nós louvamos', *culpamus* 'nós culpamos'[335]. Sobre as categorias das palavras cujas espécies eu expliquei, nos livros sobre os paradigmas dos verbos elas serão mais cuidadosamente expostas: quão ampla cada uma delas é e de que modo estabelece as figuras.

34. Tertii generis, quae declinantur cum temporibus ac casibus ac vocantur a multis ideo participalia, sunt hoc ge<nere> ***[336]

34. As palavras da terceira espécie, que se declinam com tempos e casos e são chamadas por muitos de particípios, são desta espécie ***

35. *** quemadmodum declin*e*mus, qu*a*erimus casus eius, etiamsi siqui finxit poeta aliquod vocabulum et ab eo casu<m> ipse aliquem perperam declinavit, potius eum reprehendimus quam sequimur. Igitur ratio quam dico utrubique, et in his verbis quae imponuntur et in his quae declinantur,

35. ***[337] perguntamos sobre seu caso, de que modo declinaremos, ainda que um poeta tenha produzido alguma palavra e ele mesmo tenha declinado a partir dela algum caso de forma incorreta, nós mais o repreendemos do que seguimos. Logo, a relação do que digo está nos dois, tanto nessas palavras que são impostas quanto nas

---

[332] *scriptito*: 'escrever muitas vezes' ou 'compor uma obra'.
[333] Na verdade, 'ungir', mas este é defectivo.
[334] Ou 'eu sou ungido'.
[335] Ambos no presente indicativo ativo.
[336] Segundo Kent (1951b, p. 560), o texto que falta tratava dos particípios e dos advérbios.
[337] Kent (1951b, p. 561) completa a lacuna: "quando encontramos uma palavra nova…", comentando que talvez essa seja a maneira mais simples de dar um significado para a sentença incompleta.

neque non etiam tertia illa, quae ex utroque miscetur genere.

que são formadas pela declinação, e também há uma terceira forma, que mistura características de ambas.

36. Quarum una qu*a*eque ratio collata cum altera aut similis aut dissimilis, aut s*a*epe verba alia, ratio eadem, et nonnunquam ratio alia, verba eadem. Quae ratio in amor amori, eadem in dolor dolori, neque eadem in dolor dolorem, et cum eadem ratio quae est in amor et amoris sit in amores et amorum, tamen ea, quod non in ea qua oportet confertur materia, per se solum efficere non potest analogias propter disparilitatem vocis figurarum, quod verbum copulatum singulare cum multitudine: ita cum est pro portione, ut eandem habeat rationem, tum denique ea ratio conficit id quod postulat analogia; de qua deinceps dicam.

36. Dessas, cada relação, quando é comparada com outra, ou é semelhante ou diferente, ou frequentemente algumas palavras são diferentes, mas a relação é a mesma, e algumas vezes a relação é diferente, mas são as mesmas palavras. A mesma relação que encontramos em *amor* 'amor' e *amori*[338] está em *dolor* 'dor' e *dolori*[339], mas não é a mesma em *dolor* e *dolorem*[340], e a mesma relação que está em *amor*[341] e *amoris*[342] está também em *amores*[343] e *amorum*[344], e apesar disso, porque a matéria nela não é comparada como deveria, a relação por si só não pode formar analogias por causa da desigualdade da pronúncia das palavras, pois uma palavra empregada no singular foi associada com o plural: assim, quando é segundo a proporção que a palavra tem a mesma relação, assim, essa relação apresenta aquilo que a analogia postula, sobre o que direi a seguir.

III. 37. Sequitur tertius locus, quae sit ratio pro portione; <e>a Gr*a*ece vocatur ἀνὰ λόγον; ab analogo dicta analogia. Ex eodem genere quae res inter se

III. 37. E aqui segue o terceiro tema: o que seria a relação segundo a proporção[345]; isto em grego chama-se de *ana logon* 'que concorda com o *logos*'; a partir disso é dito

[338] Dativo.
[339] Dativo.
[340] Acusativo.
[341] Nominativo singular.
[342] Genitivo singular.
[343] Nominativo plural.
[344] Genitivo plural.
[345] *Ratio pro portione*: Kent (1951, p. 563) traduz a expressão como relação pela semelhança proporcionada (*relation by proportionate likeness*).

aliqua parte dissimiles rationem habent aliquam, si ad eas duas alterae duae res allatae sunt, quae rationem habeant eandem, quod ea verba bina habent eundem λόγον, dicitur utrumque separatim ἀνάλογον, simul collata quattuor ἀναλογ<ί>α.

"analogia". Se há duas coisas da mesma espécie que pertencem a uma relação, mesmo sendo de alguma maneira diferentes, e se ao lado dessas duas coisas, outras duas coisas que tenham a mesma relação são trazidas, então porque as duas espécies de palavras pertencem ao mesmo *logos*, cada uma é dita separadamente para ser análoga e a comparação das quatro constitui uma analogia.

38. Nam ut in geminis, cum símile<m> dicimus esse Men*a*echmum Men*a*echmo, de uno dicimus; cum similitudine<m> esse in his, de utroque: sic cum dicimus eandem rationem habere assem ad semissem quam habet in argento libella ad si*mbel*la*m*, quid sit ἀνάλογον ostendimus; cum utrubique dicimus et in aere et in argento esse eandem rationem, tum dicimus de analogia.

38. Pois como nos gêmeos, quando dizemos que Menecmo é semelhante ao outro Menecmo[346], estamos falando apenas de um; quando dizemos que há semelhança neles, estamos falando dos dois. Assim, quando nós dizemos que um *as* 'asse'[347] de cobre tem a mesma relação com meio asse que uma *libella*[348] de prata tem em relação a meia *libella*, mostramos o que é analogia; e quando dizemos que tanto no cobre como na prata há a mesma relação, então estamos falando de analogia.

39. Ut sodalis et sodalitas, civis et civitas non est idem, sed utrumque ab eodem ac coniunctum, sic ἀνάλογον et ἀναλογία idem non est, sed item est congeneratum. Quare si homines sustuleris, sodalis sustuleris; si sodalis, sodalitatem: sic item si sustuleris λόγον, sustuleris ἀνάλογον; si id, ἀναλογίαν.

39. Como *sodalis* 'companheiro' e *sodalitas* 'companhia', *ciuis* 'cidadão' e *ciuitas* 'cidade' não são iguais, mas ambos têm a mesma origem e estão ligados, assim análogo e analogia não são iguais, mas são do mesmo modo nascidos juntamente. Pois se você eliminar os humanos, levará também os companheiros; se levar os companheiros, levará a companhia: assim, do mesmo modo,

[346] Referência à comédia de Plauto, *Menaechmi* 'Os Menecmos'.
[347] Moeda de cobre.
[348] *Libella*: diminuitivo de libra; moeda de prata que possuía o mesmo valor de um asse.

se você eliminar o *logos*, levará o análogo, e se levar este, levará a analogia.

40. Quae cum inter se tanta sint cognatione, debebis suptilius audire quam dici expectare, id est cum dixero quid de utroque et erit co<m>mune, <NE> expectes, dum ego in scribendo transferam in reliquum, sed ut potius tu persequare animo.

40. Já que essas coisas são tão próximas, você deverá antes ouvir sutilmente do que esperar ser dito, isto é, quando eu tiver dito algo sobre ambos, a explicação será comum aos dois; você não deve esperar que eu repita isso em outra parte dos meus escritos, mas, antes, deverá seguir o pensamento.

41. Haec fiunt in dissimilibus rebus, ut in numeris si contuleris cum uno duo, sic cum decem viginti: nam <quam> rationem duo ad unum habent, eandem habent viginti ad decem; in nummis in similibus sic est ad unum victoriatum denarius, si<cut> ad alterum victoriatum alter denarius; sic item in aliis rebus omnibus pro portione dicuntur ea, in quo est sic quadruplex natura, ut in progenie *quo*m<odo> est filius ad patrem, sic est filia ad matrem, et ut est in te<m>poribus meridies ad diem, sic media nox ad noctem.

41. Esses exemplos acontecem em coisas diferentes, como nos números, se você confrontar dois com um, assim como dez com vinte: pois a relação que dois e um têm é a mesma que tem vinte com dez; assim é nas coisas parecidas, como nas moedas – um *denarius* ‘denário’[349] está para um *uictoriatus*[350] como um segundo *denarius* está para outro *uictoriatus*; dessa forma acontece igualmente em todas as outras coisas que são ditas em relação segundo a proporção, onde há natureza quádrupla, assim como na família, em que o filho está para o pai como a filha para a mãe, e nos tempos, em que o meio-dia está para o dia como a meia-noite para a noite.

42. Hoc poetae genere in similitudinibus utuntur multum, hoc acutissime geometrae, hoc in oratione diligentius quam alii ab Aristarc*h*o grammatici, ut cum dicuntur pro portione similia esse amorem amori,

42. Disso os poetas usufruem muito nas semelhanças, e os geômetras também, com muita agudeza; no discurso, os gramáticos da escola de Aristarco usam-no com mais cuidado que os outros, como quando dizem em relação segundo a proporção que são

[349] Moeda de prata no valor de dez asses.
[350] Moeda de prata no valor de cinco asses.

dolorem dolori, cum ita dissimile esse videant amorem et *am*ori, quod est alio casu, item dolorem dolori, sed dicunt, quod ab similibus.

semelhantes *amorem*[351] e *amori*[352], *dolorem*[353] e *dolori*[354], embora eles vejam que *amorem* é diferente de *amori* porque está em outro caso, e *dolorem* de *dolori*, mas dizem porque vêm de palavras semelhantes.

43. Nonnunquam rationes habet implicatas duas, ut si*t* una derecta, altera transversa. Quod dico, apertius sic fiet. Esto sic expositos esse numeros, ut in primo versu sit unum duo quattuor, in secundo decem viginti quadraginta, in tertio centum ducenti quadringenti. In hac formula numerorum duo inerunt quos dixi logoe, qui diuersas faciant analogias: unus duplex qui est in obliquis versibus, quod est ut unus ad duo, sic duo ad quattuor; alter decemplex in directis ordinibus, quod est ut unum ad decem, sic decem ad centum.

43. Às vezes há duas relações entrelaçadas, em que uma é vertical e a outra horizontal. O que eu digo ficará mais claro da seguinte maneira: que sejam expostos os números, de maneira que na primeira linha estejam os números um – dois – quatro; na segunda, dez – vinte – quarenta; na terceira, cem – duzentos – quatrocentos.[355] Neste esquema de números entrarão dois exemplos do que chamei de *logos*, que fazem analogias diversas: um é o duplo que está nas linhas horizontais, pois um está para dois, e assim dois para quatro; o outro é o décuplo nas linhas verticais, pois um está para dez, e assim, dez para cem.

44. Similiter in verborum declinationibus est bivium, quod et ab recto casu <declinantur in obliquos et ab recto casu> in rect*u*<m>, ita ut formulam similiter efficiant, quod sit primo versu hic albus, huic albo, huius albi, secundo h*ae*c alba, huic albae,

44. De forma parecida as declinações das palavras seguem o caminho duplo, pois a partir do caso reto[356] são declinadas em oblíquos e a partir do caso reto em reto, e assim constroem esquema semelhante, que é na primeira linha formado por *hic albus*[357] – *huic albo*[358] – *huius albi*[359]; na segunda,

[351] Acusativo singular.
[352] Dativo singular.
[353] Acusativo singular.
[354] Dativo singular.
[355] O esquema ficaria assim:

1	2	4
10	20	40
100	200	400

[356] Ou nominativo, como já foi dito.
[357] Nominativo singular masculino.
[358] Dativo singular masculino.

huius albae, tertio hoc album, huic albo, huius albi. Itaque fiunt per obliquas declinationes ex his analogiae hoc genus Albius Atrius, Albio Atrio, quae scilicet erit particula ex illa *b*inaria, per directas declinationes Albius Atrius, Albia Atria, quae scilicet *d*enaria, formula analogiarum, de qua supra dixi.

haec alba[360] – *huic albae*[361] – *huius albae*[362]; na terceira, *hoc album*[363] – *huic albo*[364] – *huius albi*[365]. Dessa forma surgem pelas declinações horizontais a partir dessas palavras as analogias como *Albius* e *Atrius*, *Albio* e *Atrio*, que, com efeito, será uma pequena parte do sistema binário, e pelas declinações verticais são feitos *Albius* e *Atrius*, *Albia* e *Atria*, que representam uma parte do esquema décuplo das analogias, de que eu falei acima.

45. Analogia quae dicitur, eius genera sunt duo: unum deiunctum sic est: ut unum ad duo sic decem ad viginti; alterum coniunctum sic: ut est unum ad duo, sic duo ad quattuor. In hoc quod duo bis dicuntur et tum <cum> conferimus ad unum et tunc cum <ad> quattuor,

45. Disso que eu chamo de analogia, as espécies são duas. Uma é separada: como um está para dois, assim dez está para vinte; a outra é junta: como um está para dois, assim dois está para quatro. Porque nisto *duo* ‘dois’ é dito duas vezes quando comparamos com um e então com quatro.

46. hoc quoque natura dicitur quadr*u*plex; sic e septem c*h*ordis c*i*tharae tamen duo dicuntur habere tetrac*h*orda, quod quemadmodum crepat prima ad quartam c*h*ordam, sic quarta ad septumam respondet, media est alterius prima, alterius extrema. M*e*dici in *a*egroto septumos dies qui

46. Nisso também se diz que a natureza é quádrupla; assim dizem que as cítaras, embora tenham sete cordas, têm dois tipos de quatro cordas, pois como a primeira corda emite um som em certa relação com aquele da quarta corda, assim a quarta corresponde à sétima, e a corda média é a primeira de um tipo e a última de outro. Os

---

359 Genitivo singular masculino.
360 Nominativo singular feminino.
361 Dativo singular feminino.
362 Genitivo singular feminino.
363 Nominativo singular neutro.
364 Dativo singular neutro.
365 Genitivo singular neutro. E assim ficaria o esquema:

hic albus	*huic albo*	*huius albi*
haec alba	*huic albae*	*huius albae*
hoc album	*huic albo*	*huius albi*

observant, quarto die ideo diligentius signa morbi advertunt, quod quam rationem habuit primus dies ad quartum eandem praesagit habiturum qui est futurus ab eo quartus, qui est septumus a primo.

médicos que observam o doente por sete dias, no quarto dia notam os sinais da doença com mais cuidado, pois a relação que o primeiro dia teve para o quarto prevê que o dia que será o quarto a partir deste, que é o sétimo a partir do primeiro, sofrerá a mesma relação com o quarto.

47. Quadruplices deiunctae in casibus sunt vocabulorum, ut rex regi, <lex legi>, coniunctae sunt triplices in verborum tribus temporibus, ut legebam lego legam, quod quam rationem habet legebam a*d* lego hanc habet lego ad legam. In hoc fere omnes homines peccant, quod perperam in tribus temporibus haec verba dicunt, cum proportione volunt pronuntiare.

47. As separações das palavras em casos são quádruplas, como *rex*[366] ‘rei’, *regi*[367] e *lex*[368] ‘lei’, *legi*[369], e as junções são tríplices nos três tempos dos verbos, como *legebam* ‘eu lia’, *lego* ‘eu leio’, *legam* ‘eu lerei’, pois a relação que tem *legebam* com *lego* é a mesma que tem *lego* com *legam*[370]. Neste assunto, quase todos os homens erram, pois dizem equivocadamente esses verbos nos três tempos quando querem pronunciá-los numa proporção.

48. Nam cum sint verba alia infecta, ut lego et legis, alia perfecta, ut legi et legisti, et debeant sui cuius<que> generis in coniungendo copulari, et cum recte sit ideo lego *ad* legebam, non recte est lego ad legi, quod legi significat quod perfectum: ut haec tutudi pupugi, tundo pungo, tundam pungam, item *n*ecatus sum verberatus sum, <necor verberor, necabor> verberabor, iniuria reprehend*a*nt, quod et infecti inter se similia sunt et perfecti

48. Pois como algumas formas verbais representam ações inacabadas, como *lego* ‘eu leio’ e *legis* ‘você lê’, e outras acabadas, como *legi* ‘eu li’ e *legisti* ‘você leu’, e na forma conjugada devem se juntar com outras da sua espécie, dessa forma *lego* é corretamente associado a *legebam*, mas não é correto associar *lego* com *legi*, pois *legi* significa algo que já foi realizado; logo eles fazem uma crítica injusta nas formas *tutudi* ‘eu bati’, *pupugi* ‘eu piquei’; *tundo* ‘eu bato’, *pungo* ‘eu pico’ e *tundam* ‘eu baterei’,

[366] Nominativo singular.
[367] Dativo singular.
[368] Nominatico singular.
[369] Dativo singular.
[370] Isto é, o pretérito está para o presente como o presente está para o futuro.

inter se, ut tundebam tundo tundam et tutuderam tutudi tutudero; sic amabar amor amabor, et amatus eram amatus sum amatus ero. Itaque <inique> reprehendunt qui contra analogias dicunt, cur dispariliter in tribus temporibus dicantur quaedam verba, natura cum quadruplex sit analogia.

pungam ‘eu picarei’, e da mesma forma *necatus sum* ‘fui morto’, *uerberatus sum* ‘fui açoitado’; *necor* ‘eu sou morto’, *uerberor* ‘eu sou açoitado’ e *necabor* ‘eu serei morto’, *uerberabor* ‘eu serei açoitado’, pois tanto as formas que representam ações não acabadas como as que representam ações acabadas são, entre si, semelhantes, como *tundebam* ‘eu batia’, *tundo* ‘eu bato’, *tundam* ‘eu baterei’ e *tutuderam* ‘eu havia batido’, *tutudi* ‘eu bati’, *tutudero* ‘eu terei batido’; e assim *amabar* ‘eu era amado’, *amor* ‘eu sou amado’, *amabor* ‘eu serei amado’ e *amatus eram* ‘eu fora amado’, *amatus sum* ‘eu fui amado’, *amatus ero* ‘eu terei sido amado’. Desse modo, sem razão fazem os que dicursam contra as analogias, dizendo que apesar de a analogia ser quádrupla por natureza, algumas palavras são ditas de maneira diferente, somente em três tempos.

49. Id nonnunquam, ut dixi, pauciores videtur habere partes, sic etiam alias pluris, ut cum est: quemadmodum ad tria unum et duo, sic ad sex duo et quattuor, quae tamen quadripertito comprehenditur forma, quod bina ad singula conferuntur; quod in oratione quoque nonnunquam reperietur sic: ut Diomedes confertur Diome<di et Diome>dis, sic dicitur ab Hercules Herculi et Herculis.

49. Isto algumas vezes, como eu disse, parece ter menos partes e, da mesma forma, outras vezes parece ter mais, como no seguinte: do modo como um e dois estão para três, assim também dois e quatro estão para seis, os quais, contudo, compreende-se que têm forma quadripartite, pois conjuntos de dois são ligados, cada um, a um; porque no discurso também algumas vezes é assim encontrado: como *Diomedes*[371] está ligado a *Diomedi* e a *Diomedis*[372], assim também

[371] Nominativo singular.
[372] *Diomedi* e *Diomedis*: formas de genitivo singular.

acontece com *Hercules*[373], *Herculi* e *Herculis*[374].

50. Et ut h*a*ec ab uno capite ac recto casu in duo obliquos discedunt casus, sic contra multa ab duobus capitibus recti casu*is* confluunt in obliquom unum. Nam ut ab his rectis hi <B>a<e>biei, hae B*a*ebiae fit his B*a*ebieis, sic est ab his hi Caelii, hae C*a*eliae his C*a*eliis. A duobus similibus <dis>similiter declinantur, ut fit in his nemus *h*olus, nemora *h*olera. Alia ab dissimilibus similiter declinantur, ut in articulis ab hic iste, hunc istu*n*<c>.

50. E como essas palavras são declinadas a partir de uma raiz ou de um caso reto em dois casos oblíquos, por outro lado, muitas se unem a partir de duas raízes do caso reto em um caso oblíquo. Pois como a partir dos casos retos *hi Baebiei*[375] 'bábios' e *hae Baebiae* 'bábias'[376] se faz *his Baebieis*[377], assim também a partir de *hi Caelii*[378] 'Célios' e *hae Caeliae*[379] 'Célias' se faz *his Caeliis*[380]. Algumas a partir de duas palavras semelhantes são declinadas de forma diferente, como acontece em *nemus* 'bosque' e *holus* 'hortaliça', *nemora*[381] e *holera*[382]. Outras, a partir de diferentes palavras são declinadas de maneira parecida, como nos pronomes: *hic* 'este' e *iste* 'este'[383], *hunc* e *istunc*[384].

51. Analogia fundamenta habet aut a voluntate hominum aut a natura verborum aut <a> re utraque. Voluntatem dico impositionem vocabulorum, naturam declinationem uocabulorum, quo decurritur sine doctrina. Qui impositionem sequetur,

51. A analogia tem seus fundamentos ou por vontade dos homens, ou pela natureza das palavras, ou pelas duas coisas. Por vontade quero dizer a imposição dos vocábulos, por natureza, a declinação dos vocábulos, que decorre sem doutrina. Quem seguir a imposição dirá que, se *dolus* 'engano' e

---

[373] Nominativo singular.
[374] *Herculi* e *Herculis*: formas de genitivo singular.
[375] Nominativo plural masculino.
[376] Nominativo plural feminino. Os dois últimos são declinados a partir de *Baebius, a, um* 'pertencente a Bébio'.
[377] Dativo plural que serve tanto para masculino como para feminino.
[378] Nominativo plural masculino.
[379] Nominativo plural feminino.
[380] Dativo plural que serve tanto para masculino como para feminino.
[381] Nominativo plural de *nemus.*
[382] Nominativo plural de *holus.*
[383] Nominativos singulares masculinos.
[384] Acusativos singulares masculinos.

dicet, si simile in recto casu dolus et malus, fore in obliquo dolo et malo; qui naturam sequetur, si sit simile in obliquis Marco Quinto, fore ut sit Marcu*s* Quintu*s*; qui utrumque sequetur, dicet si sit simile, transitus ut est in servus serve, fore ut sit item cervus cerve. Co<m>mune omnium est, ut quattuor figurae vocis habeant proportione declinatus.

malus 'mau' são semelhantes no caso reto, serão no caso oblíquo *dolo* e *malo*[385]; quem seguir a natureza dirá que, se *Marco* e *Quinto*[386] são semelhantes nos casos oblíquos, assim serão também nos casos retos *Marcus* 'Marcos' e *Quintus*[387] 'Quinto'; quem seguir os dois, dirá que, se houver semelhança, a mudança está em *seruus*[388] 'escravo' e *serue*[389], assim como estará em *ceruus*[390] 'cervo' e *cerue*[391]. É algo comum a todos que quatro formas da palavra têm declinação em relação proporcional.

52. Primum genus est ortum ab similitudine in rectis casibus, secundum ab similitudine quae est in obliquis, tertium ab similitudine quae est in transitibus de casu in casum. Primo genere ab imposito ad naturam proficiscimur, in secundo contra, in tertio ab utroque. Quocirca etiam hoc tertium potest bifariam divisum tertium et quartum dici, quod in eo vel prosus et r*u*sus potest dici.

52. A primeira espécie é produzida a partir da semelhança nos casos retos, a segunda a partir da semelhança que há nos casos oblíquos, a terceira a partir da semelhança que há na passagem de caso para caso. Na primeira espécie partimos da imposição para a natureza, na segunda, ao contrário, e, na terceira, partimos dos dois lados. Portanto, também este terceiro pode ser dividido em duas partes e ser chamado de terceiro e quarto, pois pode ser dito que os dois vão adiante e para trás.

53. Qui initia faciet analogiae impositiones, ab his obliquas figuras declinare debebit; qui naturam, contra;

53. Quem fizer das imposições os inícios da analogia, deverá declinar as formas oblíquas a partir disso; quem fizer da natureza esses

[385] Dativos singulares masculinos.
[386] Dativos singulares masculinos.
[387] Nominativos singulares masculinos.
[388] Nominativo singular masculino.
[389] Vocativo singular masculino.
[390] Nominativo singular masculino.
[391] Vocativo singular masculino.

qui ab utraque, reliquas declinationes ab eiusmodi transitibus. Impositio est in nostro dominatu, nos in natura<e>: quemadmodum enim quisque volt, imponit nomen, at declinat, quemadmodum volt natura.

inícios, ao contrário; quem partir dos dois, deverá fazer as declinações restantes a partir da mudança dessa espécie. A imposição está em nosso domínio, mas nós estamos sob o domínio da natureza: deste modo, pois, cada um impõe um nome como quer, mas o declina do modo como quer a natureza.

54. Sed quoniam duobus modis imponitur vocabulum aut re singulari aut multitudine, singulari, ut cicer, multitudinis, ut scalae, nec dubium est, quin ordo declinatuum, in quo res singulares declinabuntur solae, ab singulari aliquo casu proficiscatur, ut cicer ciceri ciceris, item contra in eo ordine, qui multitudinis erit solum, quin a multitudinis a<li>quo casu ordiri conueniat, ut scalae scalis scalas: aliud videndum est, cum duplex natura copulata ac declinatu<u>m bini fiant ordines, ut est Mars Martes, unde tum ratio analogiae debeat ordiri, utrum ab singulari re in multitudinem an contra.

54. Mas porque a palavra é imposta de dois modos, por meio de uma coisa singular ou plural, singular como *cicer* ‘grão-de-bico’, plural como *scalae* ‘escada’[392], não há dúvida que a linha das declinações, na qual só as coisas singulares são declinadas, é iniciada a partir de algum caso do singular, como *cicer*, *ciceri*[393], *ciceris*[394], e, ao contrário, na linha das declinações em que houver somente palavras no plural, convém que comece a partir de um caso no plural, como *scalae*, *scalis*[395], *scalas*[396]: outro ponto deve ser visto, já que em certas palavras a natureza ligada é dupla e se fazem duas linhas de declinações, como *Mars* ‘Marte’, *Martes*[397], de onde a relação da analogia deverá partir do singular para o plural ou o contrário.

55. Neque enim si natura ab uno ad duo pervenit, i<d>circo non potest ap<er>*t*ius esse in docendo posterius, ut inde incipias, ut qu*i*d sit prius ostendas.

55. Pois nem que a natureza prossiga a partir de um para dois, por essa razão, ao ensinar a última coisa pode não ficar tão claro, donde o propósito de começar dali para mostrar

[392] Ou ‘degraus’, por isso só aparece no plural.
[393] Dativo singular.
[394] Genitivo singular.
[395] Dativo plural.
[396] Acusativo plural.
[397] Acusativo plural.

Itaque et hi qui de omni natura disputant atque ideo vocantur ph*y*sici, tamen ex his ab universa natura profecti retro quae essent principia mundi ostendunt. Oratio cum ex litteris const*e*t, tamen <ex> ea grammatici de litteris ostenderunt.

qual é a primeira coisa. Assim aqueles que discutem sobre toda a natureza e são, por isso, chamados físicos[398], prosseguem da natureza como um todo e mostram os princípios do mundo a partir dos princípios das coisas posteriores. Embora o discurso consista de letras, contudo a partir dele os gramáticos mostraram a natureza das letras.

56. Quare in demonstrando, quoniam potius proficisc*i* oportet ab eo quod apertius est quam ab eo quod prius est et potius quam <a corrupto> principio ab incorrupto, ab natura rerum quam ab lubidine hominum, et haec tria quae sequenda magis sunt minus sunt in singularibus quam in <multitudinis, a> multitudine commodius potest ordiri, quod in his principi*i*s minus rationis verbis fingendis. Verborum forma<s> facilius <ex multitudinis> singulari*s* videri posse quam ex singularibus multitudinis haec ostendunt: trabes trabs, duces dux.

56. Uma vez que, numa demonstração, é mais recomendável partir daquilo que está mais claro do que a partir do que é o primeiro, e de preferência de um princípio não corrompido a um corrompido, a partir da natureza das coisas mais do que da imaginação dos homens, e já que essas três coisas que mais devem ser seguidas estão menos presentes no singular que no plural, podemos mais convenientemente iniciar a partir do plural do que do singular, porque neste enquanto princípio, há menos da relação para a formação das palavras. As formas singulares podem ser mais facilmente vistas a partir das plurais do que as formas plurais a partir das singulares, o que nos mostram estas palavras: *trabes*[399] e *trabs* ‘trave’, *duces*[400] e *dux* ‘chefe’.

57. Videmus enim ex his verbis trabes duces de extrema syllaba E litteram exclusam et ideo in singulari factum esse trabs dux. Contra ex singularibus

57. Nós vemos, pois, que a partir das palavras no plural *trabes* e *duces*[401] a letra E da última sílaba foi excluída e, por esta razão, no singular foram feitos *trabs* e

[398] Do grego φύσις ‘natureza’.
[399] Nominativo plural de *trabs*.
[400] Nominativo plural de *dux*.
[401] *trabes* e *duces*: nominativos ou acusativos plurais.

non tam videmus quemadmodum facta sint ex B et S trabs et ex C et S du*x*.

dux[402]. Por outro lado, a partir dos singulares não vemos tão claramente de que modo *trabs* foi feito de B e S e *dux* de C e S.

58. Si m*u*l<t>itudinis rectus casus forte figura corrupta erit, id quod accidit raro, prius id corrigemus quam inde ordiemur; <ab> obliquis adsumere oporte*t* figuras eas quae non erunt ambiguae, sive singulares sive multitudin*i*s, ex quibus id, cuius modi debent esse, perspici possit.

58. Se o caso reto no plural por acaso for uma forma corrompida, o que raramente acontece, deveremos corrigi-la antes de começar a partir dela; é necessário tomar dos casos oblíquos, tanto singulares como plurais, as formas que não serão ambíguas, a partir das quais se possa perceber de que maneira devem ser.

59. Nam nonnunquam alterum ex altero videtur, ut Chr*y*sippus scribit, quemadmodum pater ex filio et filius ex patre, neque minus in fornicibus propter sinistram dextra stat quam propter dextra*m* sinistra. Quapropter et ex rectis casibus obliqui et ex obliquis recti et ex singularibus multitudin*i*s et ex multitudinis singulares nonnunquam recuperari possunt.

59. Pois às vezes um é visto a partir do outro, como Crisipo escreve, como pode-se ver o pai a partir do filho e o filho a partir do pai, e não menos nos arcos está estabelecido o lado esquerdo por causa do direito. Por esta razão, as formas oblíquas podem ser às vezes recuperadas a partir dos casos retos e os retos a partir das formas oblíquas, e as formas plurais das formas singulares e as singulares das plurais.

60. Principium id potissimum sequi debemus, ut in eo fundamentum sit natura, quod in declinationibus ibi facilior ratio. Facile est enim animadvertere, peccatum magis cadere posse in impositiones eas quae fiunt plerumque in rectis casibus singularibus, quod homines imperiti et dispersi vocabula rebus imponunt, quocumque eos libido invitavit: natura incorrupta plerumque est suapte sponte,

60. O melhor princípio que devemos seguir é o que tem a natureza como fundamento, pois nela está a mais fácil relação das declinações. É fácil, pois, observar que o erro pode acontecer mais nas imposições que surgem geralmente nos casos retos no singular, pois os homens inexperientes e dispersos atribuem os vocábulos às coisas como a vontade os convidou: a natureza é, na maior parte, pura, e atua por sua vontade, a menos que alguém a deturpe pelo uso

[402] Os respectivos nominativos singulares.

nisi qui eam usu inscio depraua*b*it.

61. Quare si quis principium analogiae potius posuerit in naturalibus casibus quam in <im>positiciis, non multa <inconcinna> in consuetudine occurrent et a natura libido humana corrigetur, non a libidine natura, quod qui impositionem sequi voluerint facient contra.

62. Sin ab singulari quis potius proficisci volet, ini*t*ium facere oportebit ab sexto casu, qui est proprius Latinus: nam eius casuis litterarum discriminibus facilius reliquorum varietate<m> discernere poterit, quod ei habent exitus aut in A, ut hac terra, aut in E, ut hac lance, aut in I, ut hac <c>l*a*vi, aut in O, ut hoc caelo, aut in U, ut hoc versu. Igitur ad demonstrandas declinationes biceps v*i*a h*a*ec.

63. Sed quoniam ubi analogia, tria, unum quod in rebus, alterum quod in vocibus, tertium quod in utroque, duo priora simplicia, tertium duplex, animadvertendum haec quam inter se habeant rationem.

64. Primum ea quae sunt discrimina in rebus, partim sunt quae ad orationem

inábil.

61. Assim, se alguém tiver estabelecido o princípio da analogia mais nos casos naturais do que nas formas impostas, não muitas coisas desproporcionais ocorrerão no consenso, e a vontade humana será corrigida a partir da natureza, não a natureza a partir da vontade, o que aqueles que gostariam de seguir a imposição farão ao contrário.

62. Mas se alguém preferir derivar a partir do singular, é necessário começar do sexto caso, que é propriamente latino[403]: pois, pelas diferenças das letras nesse caso, poderá com mais facilidade discernir a variação nas restantes, pois ele tem fim ou em A[404], como *hac terra* ‘terra’, ou em E[405], como *hac lance* ‘prato’, ou em I[406], como *hac claui* ‘chave’, ou em O[407], como *hoc caelo* ‘céu’, ou em U[408], como *hoc uersu* ‘verso’. Logo, para demonstrar as declinações há esse caminho de duas vias.

63. Mas porque onde há analogia pode haver três relações, uma que está nas coisas, outra nas palavras faladas e a terceira que está em ambos – as duas primeiras são simples e a terceira é dupla –, deve-se prestar atenção à relação que as palavras têm entre si.

64. Em primeiro lugar, entre as diferenças nas coisas, umas não são produzidas no

---

[403] O sexto caso é o ablativo, que os gregos não têm. O nome “ablativo” ainda não era usado na época de Varrão.
[404] Marca de ablativo da primeira declinação.
[405] Marca de ablativo das palavras com tema consonântico da terceira e da quinta declinações.
[406] Marca de ablativo das palavras com tema vocálico da terceira declinação.
[407] Marca de ablativo da segunda declinação.
[408] Marca de ablativo da quarta declinação.

non attineant, partim quae pertineant. Non pertinent ut ea quae observant in aedificiis et signis faciendis ceterisque rebus artifices, e quis vocantur aliae *h*armonicae, sic item aliae nominibus aliis: sed nulla harum fit <in> loquendo pars.

65. Ad orationem quae pertinent, res eae sunt quae verbis dicuntur pro portione neque a similitudine quoque vocum declinatus habent, ut Iupiter Marspiter, Iovi Marti. Haec enim gener*e* nominum et numero et casibus similia sunt inter se, quod utraque et nomina sunt et virilia sunt et singularia et casu nominandi et dandi.

66. Alterum genus vocale est, in quo voces modo sunt pro portione similes, non res, ut biga bigae, nuptia nuptiae: neque enim in his res singularis subest una, cum dicitur biga quadriga, neque ab his vocibus quae declinata sunt, multitudinis significant quicquam, id quod omnia multitudinis quae declinantur ab uno, ut a merula merulae: sunt <enim> eius modi, ut singulari subiungatur, sic merulae duae, catulae tres, faculae quattuor.

discurso, outras pertencem a ela. As que não pertencem são como aquelas que os artífices observam nas construções, nas estátuas e outras coisas, a partir das quais umas são chamadas de harmônicas e outras de outros nomes: mas nenhuma delas se torna uma parte no falar.

65. As diferenças que pertencem ao discurso são as coisas que são ditas em palavras de acordo com uma proporção, e contudo não têm semelhança na declinação da palavras, como *Iupiter* 'Júpiter' e *Marspiter* 'Marte', *Ioui* e *Marti*. Pois eles são semelhantes entre si em gênero, número e casos, pois ambos são nomes, masculinos, singulares, nominativo e dativo.

66. O segundo tipo é o vocal, em que apenas as palavras pronunciadas são similares de um modo proporcional, e não as coisas, como *biga* 'biga' e *bigae*, *nuptia* 'núpcia' e *nuptiae*: pois nestas não há uma unidade expressa pelo singular quando diz-se *biga* e *quadriga*, nem as formas plurais que são declinadas dessas palavras pronunciadas têm significado plural, que possuem todas as formas plurais que são declinadas a partir de uma singular, como, a partir de *merula* 'melro'[409], *merulae*; pois são de tal modo, que estão subordinadas a uma forma singular; assim, *merulae duae* 'dois melros', *catulae tres* 'três filhotes', *faculae quattuor* 'quatro tochas'.

[409] Uma ave.

67. Quare cum idem non possit subiungi, quod <non> dicimus biga una, quadrigae duae, nuptiae tres, sed pro eo unae bigae, binae quadrigae, trinae nuptiae, apparet non esse a biga et quadriga bigae et quadrigae, sed ut est huius ordinis una duae tres principium una, sic in hoc ordine altero unae binae trinae princip<i>um est unae.

67. Porque, da mesma forma que não pode haver subordinação, pois não dizemos *biga una*, *quadrigae duae*, *nuptiae tres*, mas em vez disso *unae bigae* 'uma dupla de cavalos', *binae quadrigae* 'duas quadrigas', *trinae nuptiae* 'três núpcias', torna-se claro que *bigae* e *quadrigae* não vêm de *biga* e *quadriga*, mas que assim como *una duae tres* têm como princípio *una*, naquela outra série, *unae binae trinae*, o princípio é *unae*.

68. Tertium genus est illud duplex quod dixi, in quo et res et voces similiter pro portione dicuntur ut bonus malus, boni mali, de quorum analogia et Aristophanes et alii scripserunt. Etenim haec denique perfecta ut in oratione, illae duae simplices inchoatae analogiae, de quibus tamen separatim dicam, quod his quoque utimur in loquendo.

68. A terceira espécie de regularidade é aquela dupla que eu expus, na qual as coisas e as palavras pronunciadas são ditas ao mesmo tempo simetricamente, como *bonus* 'bom' e *malus* 'mau', *boni* 'bons' e *mali* 'maus' – sobre a analogia nestas palavras Aristófanes[410] e outros escreveram. Na verdade, essas coisas são perfeitas como no discurso, e aquelas duas formas simples de analogia são começos incompletos; porém tratarei delas separadamente, porque também as utilizamos na fala.

69. Sed prius de perfecta, in qua et res et voces quadam similitudine continentur, cuius genera sunt tria: unum vernaculum ac domi natum, alterum adventicium, tertium nothum ex peregrino hic natum. Vernaculum est ut sutor et pistor, sutori pistori; adventicium est ut Hectores Nestores, Hectoras Nestoras; tertium illum

69. Mas primeiro falarei sobre a regularidade perfeita, na qual tanto as coisas como as palavras pronunciadas são organizadas por certa semelhança, cujos tipos são três: o primeiro, vernáculo ou nascido entre nós, o segundo, estrangeiro, e o terceiro, híbrido, aqui nascido, mas de origem estrangeira. O vernáculo é como *sutor* 'sapateiro' e *pistor* 'padeiro', *sutori* e

[410] Aristófanes de Bizâncio, filósofo e gramático grego, terceiro bibliotecário da Biblioteca de Alexandria, sistematizou a pontuação, pronúncia e acentuação do grego, inventando os acentos e marcas de pontuação como o ponto final, a vírgula, o hífen e o asterisco.

nothum ut Achilles et Peles.

pistori[411]; o estrangeiro é como *Hectores* ‘homens como Heitor’ e *Nestores* ‘homens como Nestor’, *Hectoras* e *Nestoras*[412]; o terceiro é aquele híbrido como *Achilles* ‘Aquiles’ e *Peles* ‘Peleu’[413].

70. De <his primo> genere multi utuntur non modo poetae, sed etiam plerique omnes qui soluta oratione loquuntur. Haec primo dicebant ut qu*a*estorem praetorem, sic Hectorem Nestorem: itaque Ennius ait:

70. Destes, muitos usam a primeira espécie, não somente os poetas, mas também quase todos que falam em prosa. Primeiramente diziam *Hectorem* e *Nestorem* como *praetorem* e *quaestorem*. Deste modo diz Ênio[414]:

Hectōris natum de muro *i*actari<er>.

O filho de Heitor seja lançado do muro.

Accius haec in tragoediis largius a prisca consuetudine movere c*o*epit et ad formas Graecas verborum magis revocare, a quo Valerius ait:

Ácio[415] nas suas tragédias começou a trazer essas palavras para mais longe do seu uso antigo e fazer voltar para as formas gregas das palavras, a partir do que Valério[416] disse:

Accius He<c>torem nollet facere, Hectora mallet.

Ácio não quererá usar *Hectorem*, preferirá *Hectora*.

Quod adventicia pleraque habemus Graeca, secutum ut de nothis Gr*a*ecanicos quoque nominat*u*s plurim*o*s haberemus. Itaque ut hic alia Gr*a*eca, alia Graecanica, sic analogiae.

Porque a maioria dos estrangeirismos que temos é grega, segue-se que a maior parte das ilegítimas que temos também tem origem grega. Dessa maneira, como nessas espécies, em que algumas palavras são gregas e outras são usadas ao modo grego, assim também são as analogias.

---

[411] Dativos singulares. Essas palavras têm ō no radical: *sutōri*, *pistōri*.
[412] Já estas têm ŏ no radical: *Hectŏrĕs*, *Nestŏrĕs*, *Hectŏrăs*, *Nestŏrăs*.
[413] Com *-ēs* substituindo o -ευς dos nominativos gregos. O latim padrão tinha *Achilles*, mas *Peleus* em vez de *Peles*.
[414] Andromache Aechmalotis, Trag. Rom. Frag. 93 Ribbeck.
[415] Lúcio Ácio (*Lucius Accius*, 170 – 86 a.C.), poeta romano, autor de tragédias.
[416] Valério (*Quintus Valerius Soranus*, *circa* 140-130 – 82 a.C.), poeta e gramático romano.

71. E quis quae hic not*h*ae fiunt declinationes, de his aliae sunt priscae, ut Ba<c>chidēs et Chr*y*sidēs, aliae *iu*niores, ut Chr*y*sidĕs et Ba<c>chidĕs, aliae re*c*entes, Chr*y*sidas et Ba<c>chidas; cum his omnibus tribus utantur nostri, maxime qui sequontur media in loquendo offendunt minimum, quod prima parum similia videntur esse Gr*a*ecis, unde sint tralata, tertia parum similia nostris.

71. Dessas formas ilegítimas que surgem nas declinações, umas são antigas, como *Bacchidēs* e *Chrysidēs*[417], outras mais novas, como *Chrysidĕs* e *Bacchidĕs*[418], e outras recentes, como *Chrysidăs* e *Bacchidăs*[419]; já que os nossos utilizam todas as três, os que seguem a segunda forma na fala ofendem menos, pois as da primeira parte parecem ser pouco semelhantes às formas gregas, de onde são trazidas, e as da terceira parte parecem ser pouco semelhantes às nossas.

IV. 72. Omnis analogiae fundamentum similitudo quaedam, ea, ut dixi, quae solet esse in rebus et in vocibus et in utroque; in qua<m> harum parte<m> *quod*que sit inferend*u*<m> e cuius modi, videndum. Nam, ut dixi, neque rerum neque vocis similitudo ad has duplicis qua*s* in loquendo qu*a*erimus analogias verborum exprimendas separatim satis est, quod utraque parte opus est simili. Quas ad loquendum ut perducas accedere debet usus: alia enim ratio qua facias vestimentum, alia quemadmodum utare vestimento.

IV. 72. O fundamento de toda analogia é uma certa semelhança que, como mencionei, costuma haver nas coisas e nas palavras pronunciadas, e também em ambas; é necessário ver para qual parte dentre estas a palavra deve ser trazida e de que modo. Pois, como eu disse, nem a semelhança das coisas nem das palavras proferidas é separadamente suficiente para expressar essas duplas analogias das palavras reproduzidas, que procuramos na fala, pois deve haver semelhança em ambas as partes. Para introduzi-las na fala deve haver um uso: pois a maneira pela qual você faz uma roupa é bastante diferente da maneira que você a usa.

73. Usui<s> species videntur esse tres: una consuetudinis veteris, altera consuetudinis huius, tertia neutra<e>. Vetera, ut cascus casci, *s*urus *s*uri;

73. Parecem ser três as espécies de uso: a primeira é a do costume antigo, a segunda do costume de hoje, a terceira é de nenhum dos dois. As palavras antigas são como

[417] Nominativo e acusativo com terminação latina.
[418] Nominativo com terminação grega, sendo diferente da latina somente na quantidade da vogal.
[419] Acusativo com terminação grega.

huius consuetudinis, ut albus caldus, albo caldo; neutrae, ut scala scalam, *ph*alera *ph*aleram. Ad quas accedere potest quarta mixta, ut amicitia inimicitia, amicitiam inimicitiam. Prima est qua usi antiqui et nos reliquimus, secunda qua nunc utimur, tertia qua utuntur poetae.

cascus, *casci*[420] ‘antigo’ e *surus*, *suri*[421] ‘estaca’; as de hoje como *albus* ‘branco’ e *caldus* ‘quente’, *albo* e *caldo*[422]; as de nenhum dos dois, como *scala*, *scalam* ‘escada’ e *phalera*, *phaleram* ‘insígnia militar’. Pode-se adicionar a estas uma quarta espécie, mista, como *amicitia* ‘amizade’ e *inimicitia* ‘inimizade’, *amicitiam* e *inimicitiam*[423]. A primeira é a que os antigos usaram e nós abandonamos, a segunda a que usamos agora, a terceira a que usam os poetas.

74. Analogia non item ea definienda quae derigitur ad naturam verborum atque illa quae ad usum loquendi. Nam prior definienda sic: analogia est verborum similium declinatio similis, posterior sic: analogia est verborum similium declinatio similis non repugnante consuetudine co<m>muni. A*t* qu*o*m harum duarum ad extremum additum erit hoc "ex quadam parte," poetica analogia erit definita. Harum primam sequi debet populus, secundam omne*s* singuli e populo, tertiam poetae.

74. A analogia voltada para a natureza das palavras não deve ser definida como aquela dirigida para o uso do falar. Pois a primeira deve ser definida assim: analogia é a declinação semelhante de palavras semelhantes; e a segunda assim: a analogia é a declinação semelhante de palavras semelhantes, não contraditória com o uso comum. Mas quando for adicionado ao fim dessas duas definições “numa certa parte”, será definida a analogia poética. Destas, o povo deve seguir a primeira, todos os indivíduos do povo a segunda, e os poetas a terceira.

75. Haec diligentius quam apertius dicta esse arbitror, sed non obscurius quam de re simili definitiones grammaticorum sunt, ut Aristeae,

75. Penso que essas coisas eram ditas mais cuidadosamente que claramente, mas não de maneira mais obscura que as definições dos gramáticos sobre assunto semelhante, como

[420] Genitivo de *cascus*.
[421] Genitivo de *surus*.
[422] Dativos de *albus* e *caldus*.
[423] Acusativos de *amicitia* e *inimicitia*.

Aristodemi, Aristocli, item aliorum, quorum obscuritates eo minus reprehendendae, quod pleraeque definitiones re incognita propter summam brevitatem non facile perspiciuntur, nisi articulatim sunt explicata<e>.

as de Aristeas, de Aristodemo, de Aristocles e de outros, cujas incertezas devem ser menos repreendidas, pois a maioria das definições sobre assuntos desconhecidos, por causa de sua extrema brevidade, não é facilmente entendida, exceto as que são explicadas articuladamente.

76. Quare magis apparebit, si erit aperte de singulis partibus, quid dicatur verbum, quid similitudo verbi, quid declinatio, quid similitudo declinationis non repugnante consuetudine co<m>muni, quid ex quadam parte.

76. Pois será mais aparente se houver uma exposição clara sobre cada uma das partes, como o que significa “palavra”, o que significa “semelhança da palavra”, “declinação”, “semelhança da declinação não contraditória com o uso comum” e “certa parte”.

77. Verbum dico orationis vocalis partem, quae sit indivisa e*t* minima. Si declinationem naturalem habeat, simile verbum verbo tum quom et re quam significat et voce qua significat et in figura e transitu declinationis parile. Declinatio est, cum ex verbo in verbum aut ex verbi discrimine, ut transeat mens, vocis commutatio fit aliqua. Similitudo declinationis, cum item ex aliqua figura in figuram transit, ut id transit, cum quo confertur.

77. Palavra eu defino como a parte do discurso oral que é indivisível e mínima. Se tiver declinação natural, uma palavra é semelhante a outra palavra quando é semelhante na coisa que significa, na palavra por meio da qual significa a coisa e na forma que tem a partir do caminho da declinação. A declinação[424] é aquilo que ocorre quando alguma mudança na pronúncia é feita para uma [nova] palavra a partir de uma palavra ou a partir de uma diferença de uma palavra, para expressar mudança de pensamento. A semelhança da declinação surge quando uma palavra passa de alguma forma para outra forma, da mesma maneira que passa a outra palavra com aquela que é comparada.

78. Adiectum est "non repugnante

78. Adiciona-se “não contraditório ao uso

[424] Entende-se aqui flexão e derivação.

consuetudine co<m>muni", quod quaedam verba contra usum veterem inclinata patietur, ut passa Hortensium dicere pro ha*e* cervices cervix, quaedam non, ut si dicas pro fauces faux. Ubi additur "ex quadam parte", significat non esse in consuetudine in his verbis omnis partis, ut declinatum ab amo vivo amor <sed non> vivor.

comum", pois o uso aceita certas palavras declinadas ao contrário do uso antigo, como aconteceu com Hortênsio ao dizer *cervix* 'nuca' em vez de *cervices*, mas não aceita outras, como se você disser *faux* 'garganta' em vez de *fauces*. Onde se adiciona "de certa parte" significa que nem todas estas palavras estão no uso, como a partir de *amo* 'amo' *uiuo* e 'vivo' declina-se *amor* 'sou amado', mas não *uiuor*.

V. 79. Quid videretur analogia in oratione et quas haberet species et quae de his sequenda<e> videre<n>tur, ut brevi potui informavi; nunc, in quibus non debeat esse ac proinde ac debeat soleat qu*a*eri, dicam. Ea fere sunt quattuor genera: primum in id genus verbis quae non declinantur analogia non debet qu*a*eri, ut in his nequam mox vix.

V. 79. O que a analogia parecia ser no discurso, que espécies tinha e quais delas pareciam dever ser seguidas, informei brevemente como pude; agora, falarei daquelas nas quais não deveriam existir e, ainda assim, costumem ser procuradas. Elas geralmente são de quatro espécies: em primeiro lugar, a regularidade não deve ser procurada nas palavras que não são declinadas, como nestas: *nequam* 'inútil; mal', *mox* 'logo' e *uix* 'dificilmente'.

80. De his magis in alio quam in alio erratur verbo. Dant enim non habere casus mox et vix, nequam habere, quod dicamus hic nequam et huius nequam et huic nequam. Cum enim dicimus hic nequam et huius nequam, tum hominis eius, que<m> volumus ostendere esse nequam, dicimus casus, et ei proponimus tum hic no<me>n, cuius putamus nequitiam.

80. Destas, comete-se mais erro em uma palavra do que em outra. Pois afirma-se que *mox* e *uix* não têm caso, mas que *nequam* tem, pois diríamos *hic nequam* e *huius nequam* e *huic nequam*. Pois quando dizemos *hic nequam* e *huius nequam*, usamos os casos deste homem que queremos mostrar como inútil, e antepomos *hic* para representar o nome daquele cuja falta de valor estamos considerando.

81. Quod vocabulum factum ut ex non et volo nolo sic ex ne et quicquam item

81. Esta palavra é feita como *nolo* 'não querer', a partir de *non* 'não' e *uolo*

media extrita syllaba coactum est nequam. Itaque ut eum quem putamus esse non hili dicimus n<i>hili, sic in quo putamus esse ne quicquam dicimus nequam.

‘querer’; assim, a partir de *ne* ‘não’ e *quicquam* ‘qualquer coisa’, da mesma forma, com a perda da sílaba média, compôs-se *nequam* ‘inútil’. E assim como aquele que julgamos ser *non hili* ‘não – de algum valor’, chamamos de *nihili* ‘de nada’, ‘sem nenhum valor’, da mesma forma que o que julgamos ser *ne quicquam* chamamos de *nequam.*

82. Secundo, si unum solum habent casum in voce, quod non decline<n>tur, ut litterae omnes. Tertio, si singularis est vocabuli series neque habet cum qua comparari possit, ut esse putant caput capiti capitis capite. Quartum, si ea vocabula quattuor quae conferuntur inter se rationem <non> habent quam oportet, ut socer socrus, soceros socru*s*.

82. Em segundo lugar, palavras que têm somente um caso na forma pronunciada, porque não se declinam, como todos os nomes das letras. Em terceiro lugar, se as séries das formas que as palavras têm são únicas e não há nada com o que possam ser comparadas, como pensam ser *caput* ‘cabeça’, *capitis*[425], *capite*[426]. Em quarto lugar, se as quatro formas que são comparadas entre si não têm a relação que deveriam ter, como *socer* ‘sogro’, *socrus* ‘sogra’, *soceros*[427], *socrus*[428].

VI. 83. Contra in quibus debeat qu*a*eri analogia, fere totidem gradus debent esse coniuncti: primum ut sint res, secundum ut earum sit usus, tertium uti hae res vocabula habeant, quartum ut habeant declinatus naturalis. De primo gradu, quod natura subest et multitudinis et singularis, dicimus hi asses hosce as*s*es, hic as hunc assem;

VI. 83. Ao contrário, naquelas palavras em que a analogia deveria ser procurada, geralmente a mesma quantidade de graus deve ser ligada: o primeiro grau, como as coisas deveriam ser; o segundo, como seria o uso delas; o terceiro, as coisas deveriam ter nomes; o quarto, deveriam ter declinação natural. Sobre o primeiro grau, porque a natureza está tanto no singular como no

[425] Genitivo singular.
[426] Ablativo singular.
[427] Acusativo plural de *socer*.
[428] Acusativo plural de *socrus*.

contra quod in numeris finitis multitudinis natura singularis non est, dicitur hi duo et hi tres, his duobus et his tribus.

plural, dizemos *hi asses* 'estes asses', *hosce asses*[429] e *hic as* 'este as', *hunc assem*[430]; por outro lado, porque nos números definidos do plural a natureza não é singular, diz-se *hi duo* 'estes dois' e *hi tres* 'estes três', *his duobus*[431] e *his tribus*[432].

84. Secundo gradu si est natura neque est usus, id genus ut sit discriminandum, ut fit in faba et id genus, quae item et ex parte et universa nominamus non enim opu<s> fuit ut in servis ***[433]

84. Sobre o segundo grau, se há natureza e não há o uso de distinguir esta espécie, como acontece em *faba* 'grão'[434] e naquela espécie de palavras que denominamos da mesma maneira para um e para todos, pois não houve necessidade, como nos escravos ***

[429] Acusativo plural.
[430] Acusativo singular.
[431] Dativo.
[432] Dativo.
[433] Parece que a conclusão do pensamento aqui seria que um nome é suficiente para um escravo já que ele não tinha nome de família, então uma forma é adequada para palavras como faba, pois denotavam ou uma coisa individual ou muitas coisas da mesma espécie, com sentido coletivo. (KENT, 1951b, p. 597)
[434] Os romanos usavam nomes de materiais e coisas relacionadas à comida no singular, com sentido coletivo. (KENT, 1951b, p. 596-597)

5 A CONTRIBUIÇÃO DE VARRÃO PARA OS ESTUDOS DE MORFOLOGIA

O assunto central da obra do reatino é a querela analogia x anomalia, mas para tratar disso o autor passa por vários assuntos gramaticais de grande relevância. Neste capítulo selecionarei as principais contribuições de Varrão para os estudos linguísticos, tais como suas observações inovadoras sobre flexão e derivação, suas ideias sobre o aspecto verbal e seus comentários sobre as classes de palavras. Passarei brevemente por algumas noções, pois tais assuntos renderiam inúmeros estudos linguísticos[435]. Por fim, apresentarei algumas considerações sobre o estilo de seu texto.

5.1. *DECLINATIO NATVRALIS* E *DECLINATIO VOLVNTARIA*

A principal contribuição do autor foi a sua teoria sobre a morfologia do latim. Ao tratar de assuntos maiores, como o embate analogia x anomalia, Varrão foi o primeiro a estabelecer a diferença entre *declinatio naturalis* e *declinatio uoluntaria*, que conhecemos hoje por flexão e derivação, respectivamente. A *declinatio naturalis* se dá sem a vontade do falante e é comum aos indivíduos que falam uma mesma língua. Segundo o polímata, tal sistema de declinações permite que saibamos um número muito grande de palavras, já que muitos paradigmas se repetem de acordo com a classe e o tipo de palavra.

> *Declinatio inducta in sermones non solum Latinos, sed omnium hominum utili et necessaria de causa: nisi enim ita esset factum, neque di<s>cere tantum numerum verborum possemus (infinitae enim sunt naturae in quas ea declinantur) neque quae didicissemus, ex his, quae inter se rerum cognatio esset, appareret. At nunc ideo videmus, quod simile est, quod propagatum: legi <c>um <de lego> declinatum est, duo simul apparent, quodam modo eadem dici et non eodem tempore factum; at si verbi gratia alterum horum diceretur Priamus, alterum Hecuba, nullam unitatem*

[435] Coradini (1999), ao tratar da metalinguagem na obra de Varrão, fez um trabalho muito esclarecedor sobre sua teoria linguística. Ele separou os conteúdos gramaticais e explicou as ideias do reatino de uma maneira que torna fácil conhecer e entender cada parte da gramática do autor latino. Taylor (1974) estudou a fundo a noção de declinação no *LL*. Sugiro a leitura das duas obras ao leitor que queira se aprofundar nesses assuntos, uma vez que minha intenção foi primeiramente a de trazer o texto latino ao conhecimento dos falantes de português.

> *adsignificaret, quae apparet in lego et legi et in Priamus Priamo.* (Varrão, *LL* VIII, 3)
>
> O sistema de declinações foi introduzido não apenas na língua latina, mas nas línguas de todos os homens, porque é útil e necessário; se esse sistema não tivesse sido desenvolvido, nós nem poderíamos aprender um número tão grande de palavras (pois são infinitas as formas em que são declinadas), nem seria visível qual relação haveria entre as que teríamos aprendido. Mas agora vemos, por essa razão, o que é similar e o que é derivado: quando *legi* 'eu li' é declinado a partir de *lego* 'eu leio', duas coisas ficam evidentes ao mesmo tempo: que de algum modo dizemos a mesma coisa e que as ações não são feitas no mesmo tempo. Mas se, por exemplo, uma dessas formas fosse *Priamus* 'Príamo' e a outra *Hecuba* 'Hécuba', não haveria a indicação de uma unidade, que aparece nas formas *lego* e *legi* e em *Priamus* e *Priamo*.

Assim, dada uma palavra e sabendo o paradigma a que ela pertence, podemos flexionar todas as outras que pertencem ao mesmo grupo.

Já o outro tipo de *declinatio*, a *uoluntaria*, se dá pelas diferenças no uso e aceitabilidade das formas de palavras, que podem variar de pessoa para pessoa ou de época para época.

> *Primum cum dicatur ut ab ove et sue ovile et suile, sic a bove bovile non dicitur; et cum simile sit avis et ovis, neque dicitur ut ab ave aviarium <ab ove oviarium, neque ut> ab ove ovile ab ave avile; et cum debuerit esse ut a cubatione cubiculum sic a sessione sediculum, non est. Quoniam taberna, ubi venit vinum, a vino vinaria, a creta cretaria, ab unguento unguentaria dicitur, ἀνὰ λόγον si essent vocabula, ubi caro venit, carnaria, ubi pelles, pelliaria, ubi calcei, calcearia diceretur, non laniena ac pellesuina et sutrina.* (Varrão, *LL* VIII, 54-55)
>
> Em primeiro lugar, de *ouis* 'ovelha' e *sus* 'porco' se diz *ouile* 'redil' e *suile* 'curral', mas não há a forma |*bouile*| vinda de *bos* 'boi'; e embora *auis* 'ave' e *ouis* sejam similares, não é dito |*ouiarium*| de *ouis* como é dito *auiarium* 'aviário' de *auis*, nem é dito |*auile*| de *auis* como é dito *ouile* de *ouis*; e como deveria haver, como há um *cubiculum* 'quarto' a partir de *cubatio* 'repouso', a partir de *sessio* 'assento' não há |*sediculum*|. Como uma taberna onde vende-se vinho é chamada *uinaria* a partir de *uinum* 'vinho', a partir de *creta* 'argila' temos *cretaria* e de *unguentum* 'perfume' *unguentaria*. Se esses nomes existem de maneira análoga, seria dito de onde se

> vende *caro* ‘carne’, |*carnaria*|, de onde se vendem *pelles* ‘couros’, |*pelliaria*|, e de onde se vendem *calcei* ‘calçados’, |*calcearia*|, e não *laniena* ‘açougue’, *pellesuina* ‘loja de couros’ e *sutrina* ‘sapataria’.

A partir de exemplos como esses, o autor conclui que na declinação voluntária há mais anomalia, e na natural mais analogia.

5.2 PARTES DO DISCURSO[436]

Usando um critério morfológico, Varrão divide as partes do discurso em quatro: palavras com flexão de caso (nomes); palavras com flexão de tempo (verbos), palavras sem flexão de caso e tempo (advérbios) e palavras com flexão de caso e tempo (particípios)[437].

Nas palavras de Varrão,

> *Quod ad partis singulas orationis, deinceps dicam. Quoius quoniam sunt divisiones plures, nunc ponam potissimum eam qua dividitur oratio secundum naturam in quattuor partis: in eam quae habet casus et quae habet <tempora et quae habet> neutrum et in qua est utrumque. Has vocant quidam appellandi, dicendi, adminiculandi, iungendi. Appellandi dicitur ut homo et Nestor, dicendi ut scribo et lego, iungendi ut <scribens et legens>, adminiculandi ut docte et commode.* (Varrão, *LL* VIII, 44)
>
> A seguir falarei sobre o que concerne às partes individuais da oração. Visto que são muitas as divisões existentes, eu agora estabelecerei preferencialmente aquela em que a oração é dividida em quatro partes, segundo sua natureza: a que tem caso, a que tem tempo, a que não tem nenhum dos dois e a que tem ambos. Alguns chamam essas partes de *appelandi* ‘de nomear’, *dicendi* ‘de dizer’, *adminiculandi* ‘de auxiliar’ e *iungendi* ‘de juntar’. Como exemplos da parte que se usa para nomear, temos *homo* ‘homem’ e *Nestor* ‘Nestor’; da parte que se usa para dizer, temos *scribo* ‘eu escrevo’ e *lego* ‘eu leio’; daquela parte que junta, temos palavras como *scribens*

---

[436] A partir daqui, utilizei como fonte principal o trabalho de CORADINI (1999), pois o autor faz uma síntese muito clara da teoria gramatical varroniana. A separação por assunto leva-nos a um melhor entendimento da gramática de Varrão, já que no texto original os assuntos estão espalhados ao longo dos três livros e servem como exemplos para o assunto central da obra *De lingua Latina*, que é a disputa entre analogistas e anomalistas.

[437] Chamam-se particípios porque ‘participam’ dos dois grupos, o grupo dos que têm casos e o dos que têm tempos. (*quod simul habent casus et tempora, quo vocantur participia*). (Varrão, *LL* VIII, 58)

> ‘aquele que escreve’ e *legens* ‘aquele que lê’ e da parte que se usa como auxílio, temos palavras como *docte* ‘sabiamente’ e *commode* ‘convenientemente’.

5.2.1 Palavras com flexão de caso

Na teoria de Varrão, os nomes se subdividem em quatro partes: os *prouocabula* (pronomes indefinidos, como *quis*), *uocabula* (nomes comuns, como *scutum*), *nomina* (nomes próprios, como *Romulus*) e os *pronomina* (pronomes definidos, como *hic*) (VIII, 45).

Varrão também apresenta a divisão desses nomes em *sexum* (i.e., gênero, que pode ser masculino, feminino ou neutro), *casus* (o caso, reto ou oblíquo) e *multitudo* (o que chamamos hoje de número, ou seja, singular ou plural) (VIII, 46).

Sobre o gênero, Varrão explica que alguns nomes parecem femininos, por sua terminação, mas são masculinos, como *Perpenna*, e outros que têm terminações idênticas não são semelhantes quanto ao caso, como *paries* ‘parede’ e *abies* ‘abeto’ (este é feminino e o primeiro é masculino) (IX, 41). O autor também indica a importância dos pronomes definidos, que são colocados antes dos nomes concordando com seu gênero. Assim, os nomes que vêm depois de *hic* (‘este’) são masculinos singulares, de *hi* (‘estes’), masculinos plurais, de *haec* (‘esta’), femininos singulares e de *hae* (‘estas’) femininos plurais. Ainda sobre o gênero, Varrão afirma que o masculino e o feminino são gêneros naturais que expressam o sexo dos seres animados, enquanto o neutro é um gênero gramatical usado para designar coisas externas ao gênero natural. Algumas palavras, segundo o autor, são do gênero masculino ou feminino somente do ponto de vista gramatical, pois na sua essência representam coisas que não são “machos” nem “fêmeas” (como, por ex., *abies* ‘parede’) (IX, 41).

O que entendemos por singular e plural Varrão apresenta como *singulare* e *multitudo*. Varrão subdividiu o singular em *unum* e *coniuncta*, explicando que o primeiro é o que significa unidade por natureza, como *equus* ‘cavalo’, e o segundo indica coletividade, ou seja, está na forma plural, mas representa algo composto por elementos, como *bigae* ‘biga’; e o plural em *infinitum* e *finitum*, em que o primeiro indica plural definido, como *Musae* ‘Musas’ e o segundo, indefinido, como os números *duae, tres* etc. (IX, 64).

Foi Varrão que apresentou o caso que os gregos não possuíam – o ablativo – e chamou-o de “caso latino” ou “sexto caso” (X, 61). Os outros casos eram semelhantes aos do grego. No livro VIII, Varrão indica a função de cada caso e declina o nome *Hercules* para

mostrar as terminações: *quis vocetur, ut Hercules* (quem se chama, como *Hercules* ‘Hércules’); *quemadmodum vocetur, ut Hercule* (de que maneira o chamado é feito, como *Hercule*); *quo vocetur, ut ad Herculem* (para onde se chama, como *Herculem*); *a quo vocetur, ut ab Hercule* (de onde se chama, como ab *Hercule*); *cui vocetur, ut Herculi* (para quem há um chamado, como *Herculi*); *cuius vocetur, ut Herculis* (de quem a coisa chamada é, como *Herculis*) (VIII, 16). Ao longo dos três livros encontramos as denominações dadas por Varrão para cada caso: nominativo: *nominandi casus, nominatiuus, rectus casus*; genitivo: *patricus casus, patrius casus*; dativo: *dandi casus*; acusativo: *accusandi casus, accusatiuus*; vocativo: *uocandi*; ablativo: *sextus casus, proprius Latinus casus, ablatiuus*.

Os livros de Varrão que provavelmente continham as explicações do autor sobre as declinações foram perdidos (livros XI a XIII). Mas algumas observações importantes foram feitas nos livros VIII a X. Por causa delas podemos entender o que o autor entendia das 5 declinações. Entre as referências às declinações, o autor chama a atenção para as diferentes desinências que o caso ablativo (sexto caso) possui e aconselha o leitor a olhar para esse caso para determinar a declinação de uma palavra (X, 62). As desinências seriam as seguintes: -a (*hac terra*); -e (*hac lance*), -i (*hac claui*); -o (*hoc coelo*) e -u (*hoc uersu*). O autor também reconheceu as duas formas possíveis em alguns casos da terceira declinação: *hac ou**i*** / *hac ou**e*** (ablativo singular); *hae pupp**is*** / *hae pupp**es*** (nominativo plural); *parent**um*** / *parent**ium*** (genitivo plural); *mont**es*** / *mont**is*** (acusativo plural).

5.2.2 Palavras com flexão de tempo

Encontramos no texto tanto a palavra *uerbum* como a perífrase *uerbum temporale* para denominar as palavras com flexão de tempo, i.e., os verbos. Varrão segue a divisão clássica dos tempos e pessoas. Para tempos: *praeteritum* (pretérito), *praesens* (presente) e *futurum* (futuro); para pessoas: *qui loqueretur* (quem fala, ou seja, primeiroa pessoa), *ad quem* (para quem se fala, ou segunda pessoa) e *de quo* (de quem se fala, ou terceira pessoa).

Varrão é o primeiro autor a reconhecer o aspecto verbal em latim, retomando a divisão estabelecida pelos estoicos entre ação acabada (ἄπειρος) e ação inacabada (ἀτελής).[438] Segundo Robins (1983, p. 40),

---

[438] Tal divisão, curiosamente, não é encontrada na *Téchnē grammatikē* de Dionísio Trácio.

> No estudo das categorias do verbo, Varrão demonstrou simpatia pela doutrina dos estoicos, que distinguiram as referências temporais e aspectuais. Em sua análise das formas verbais ativas e passivas do modo indicativo, considerou como básica a divisão em aspecto completo e aspecto incompleto, tendo em vista que as formas com o mesmo valor aspectual possuíam o mesmo tema, sendo que na voz passiva as forma de aspecto concluso eram constituídas de duas palavras. A maioria das pessoas, porém, afirma Varrão, erroneamente só levaram em conta a dimensão temporal.

O esquema proposto pelo autor para dividir os seis tempos verbais segundo o aspecto é o seguinte (*LL* X, 48):

Tempos do *infectum*

Tempo	Voz ativa (exemplo)	Voz passiva (exemplo)
Imperfeito	*tundebam* ‘eu golpeava’	*amabar* ‘eu era amado’
Presente	*tundo* ‘eu golpeio’	*amor* ‘eu sou amado’
Futuro	*tundam* ‘eu golpearei’	*amabor* ‘eu serei amado’

Tempos do *perfectum*

Tempo	Voz ativa (exemplo)	Voz passiva (exemplo)
Mais que perfeito	*tutuderam* ‘eu golpeara’	*amatus eram* ‘eu tinha sido amado’
Perfeito	*tutudi* ‘eu golpeei’	*amatus sum* ‘eu fui amado’
Futuro do perfeito	*tutudero* ‘eu terei golpeado’	*amatus ero* ‘eu terei sido amado’

Além das vozes ativa e passiva, chamadas de vozes contrárias[439], o autor também reconhece a voz depoente, e diz que esta não apresenta dois tipos opostos de verbos. Varrão exemplifica os depoentes com os verbos *loquor* e *uenor* (VIII, 59).

Varrão estabeleceu 3 conjugações: a primeira (ex.: *meo*, *meas*), a segunda (ex.: *neo*, *nes*) e a terceira (ex.: *ruo*, *ruis*). Segundo Coradini (1999, p. 497), “Varrão não teria percebido as diferenças flexionais entre *lego* (3.ª), *capio* (3.ª) e *audio* (4.ª). (...) O gramático Sacerdos (séc. III d.C.) teria sido o primeiro a estabelecer a distinção entre as quatro

[439] Varrão usa como exemplo as formas *amo*, *amor* e *lego*, *legor*.

conjugações, que foram consolidadas posteriormente por Prisciano”. O autor reconhece, contudo, a existência de verbos irregulares e defectivos (ex.: *sisto*, *tollo*, *fero*, *aio*, *furo*).

5.2.3 Palavras sem flexão de caso e tempo

Varrão não explica de maneira aprofundada essa classe de palavras, a dos advérbios, ficando somente nos exemplos: *docte*, *facete*, *nequam* e *mox* são alguns deles.

5.2.4 Palavras com flexão de caso e tempo

A presença do particípio como uma classe à parte dos verbos explica-se pelo modelo de língua que os gregos (e os latinos) possuíam. O grego, por ser uma língua de casos, mantinha paradigmas específicos para a declinação dos nomes, artigos e pronomes e para a conjugação dos verbos. O particípio era formado a partir de um verbo e recebia flexão de tempo, mas também sofria declinação de gênero, número e caso. Isso é melhor explicado por Varrão, quando divide as classes de palavras baseando-se nos seus contrastes flexionais.

5.3 ESQUEMAS

A palavra *ordo* aparece algumas vezes no *LL* quando varrão sugere uma forma de acomodar as palavras em uma espécie de tabela. No livro X ela é usada para descrever as linhas horizontais e verticais de uma tabela que representa a declinação do adjetivo *albus*. O autor compara a disposição dessas linhas com a disposição das linhas de um tabuleiro de jogo:

> *Ad hunc quadruplicem fontem ordines deriguntur bini, uni transversi, alteri derecti, ut in tabula solet in qua latrunculis ludunt (...).* (*LL* X, 22)
>
> Para esta fonte quádrupla, dois tipos de linhas são dispostas, as horizontais e as verticais, como costuma haver num tabuleiro em que se joga com peças.

Depois, apresenta a disposição do adjetivo *albus* nessas linhas:

> *Similiter in verborum declinationibus est bivium, quod et ab recto casu <declinantur in obliquos et ab recto casu> in rectu<m>, ita ut formulam similiter efficiant, quod sit primo versu hic albus, huic albo, huius albi, secundo haec alba, huic albae, huius albae, tertio hoc album, huic albo, huius albi.* (*LL* X, 44)
>
> De forma parecida as declinações das palavras seguem o caminho duplo, pois a partir do caso reto são declinadas em oblíquos e a partir do caso reto em reto, e assim constroem esquema semelhante, que é na primeira linha formado por *hic albus – huic albo – huius albi*; na segunda, *haec alba – huic albae – huius albae*; na terceira, *hoc album – huic albo – huius albi.*

O esquema, portanto, fica assim:

hic albus	*huic albo*	*huius albi*
haec alba	*huic albae*	*huius albae*
hoc album	*huic albo*	*huius albi*

Seria uma tentativa de arranjar as palavras em paradigmas. Nas linhas verticais (*derecti*) estão dispostas as palavras declinadas conforme o gênero (masculino – feminino – neutro) e nas horizontais (*transversi*) conforme o caso (nominativo – genitivo – dativo). Chamamos hoje de coluna e linha, respectivamente.

Uma forma gramatical, segundo Taylor (1978, p. 72), é definida pela interseção da coluna com a linha. Na matriz completa de Varrão, haverá seis casos e seis gêneros – pois as formas de singular e plural são contadas separdamente –, i.e., seis colunas e seis linhas, resultando em uma tabela simétrica.

5.4 ESTILO

A *LL* apresenta algumas diferenças se comparada com a *Tékhne grammatiké* de Dionísio Trácio em sua estrutura e disposição dos conteúdos. A descrição da língua latina não

parece com a descrição do grego feita por Dionísio. O texto de Varrão é repleto de explicações e exemplos que ilustram os conteúdos gramaticais. Segundo Robins (1983, p. 37), "Varrão não apenas adaptou ao estudo do latim as ideias dos seus predecessores e contemporâneos gregos, mas também soube tirar delas proveito de modo inteligente".

Taylor (1996, p. 4) compara o estilo de Varrão com o de outros autores da antiguidade, afirmando que o autor estava mais preocupado com o conteúdo do seu texto do que com a forma:

> *We can safely conclude that Varro, unlike ancient historians for example, never bothered to add the literary polish to his works that we might otherwise expect. No wonder then that Varro´s prose style, according to Norden's (1915:195) classic definition, is all but unworthy of being called a style at all. He takes notes or excerpts, arranges and selects his materials, and then immediately dictates without concerning himself too much with the style. The formula in Latin is notare, formare, dictare.*
>
> Nós podemos seguramente concluir que Varrão, diferentemente, por exemplo, dos historiadores da antiguidade, nunca se preocupou em adicionar a seu trabalho o polimento literário que poderíamos esperar em outros casos. Não é de se admirar então que o estilo de prosa de Varrão, segundo a definição clássica de Norden (1915:195), pode ser tudo, menos digno de ser chamado um estilo em si. Ele toma notas ou excertos, organiza e seleciona seus materiais, e imediatamente dita sem se preocupar muito com o estilo. A fórmula em latim é *notare, formare, dictare* 'anotar, compor, ditar'.

Se pensarmos no modelo de texto gramatical que começa com a *Tékhne grammatiké* de Dionísio Trácio e que é utilizado ainda hoje (divisão em capítulos, começando com a fonética etc.), Varrão se distancia muito dessa maneira de escrever e elencar os conteúdos. Vamos além: a gramática de Varrão não está pautada em assuntos como classes de palavras ou paradigmas flexionais e derivacionais, mas o foco principal é a querela analogia x anomalia. A obra está, assim, mais próxima de um ensaio linguístico do que de uma gramática.

Varrão utiliza o método *in utramque partem dicere* nos livros em que trata da disputa de analogistas e anomalistas, descrito por Cícero no *De oratore* (I, 62 e III, 21-27). Trata-se de um exercício filosófico que se dá através de uma disputa dialética. Varrão, ao

combater os argumentos dos analogistas no livro VIII e depois fazer o mesmo com os argumentos dos anomalistas no livro IX, retoma a maneira de tratar de assuntos divergentes criada pelos gregos[440].

Como destaca LIMA (2009, 611), "esse exercício, como podemos ver no texto da *Retórica* de Aristóteles (I, 1), tinha ainda uma aplicação na arte da composição de discursos públicos, uma vez que possibilitava uma antecipação dos argumentos que poderiam ser utilizados pelo adversário".

---

[440] Cícero faz confusão ao indicar em suas obras a autoria de tal método. Em algumas passagens, diz que o inventor teria sido Arcésilas, filósofo grego e um dos fundadores da Segunda Academia platônica; em outras, afirma que Platão (ou o próprio Sócrates) o criou; em outras ainda, a autoria é atribuída a Aristóteles. O que Cícero afirma com convicção é que Aristóteles estabeleceu o *in utramque partem dicere* como exercício filosófico. (LIMA, 2009, p. 611)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu pré-projeto de mestrado previa a tradução do livro X do *LL*, que seria, ao meu entender, uma espécie de resolução de Varrão para o problema da analogia *versus* anomalia. Mais importante que isso, porém, eram os registros de Varrão sobre a sua língua. E como eles estão espalhados pelos três livros, não pude não mudar de ideia e traduzir toda a tríade. Apesar de não ter traduzido completamente a obra (pois faltam os livros V a VII, em que o autor disserta sobre etimologia), acredito que alcancei o objetivo de trazer ao conhecimento dos falantes de português parágrafos relevantes para a história da linguística, ainda que a minha tradução não seja definitiva (e nem deve ser, pois certamente pode ser melhorada).

Pela leitura do *De lingua Latina*, percebe-se que Varrão, sendo o primeiro a tratar de assuntos gramaticais em latim, não transpôs simplesmente o que foi escrito em grego sobre a língua. Ele não só adaptou os pensamentos iniciais sobre linguagem, como também trouxe à tona novos conceitos e novas reflexões, tendo como objeto de estudo sua língua materna, o latim.

Tal tradução integrará um importante conjunto de textos da história da linguística traduzidos por pós-graduandos da UFPR sob orientação do prof. José Borges Neto, entre eles a *Tékhne grammatiké* de Dionísio Trácio (CHAPANSKI, 2003), a Gramática Especulativa de Tomás de Erfurt (BECCARI, 2007), a Gramática de Port-Royal (GRAHL, 2005), As Noites Áticas de Aulo Gélio (CECATO, 2005) e a *Institutio de nomine et pronomine et uerbo*, de Prisciano (CONTO, no prelo).

Faz-se necessário, contudo, ampliar este acervo. De minha parte, pretendo, futuramente, completar a tradução do *LL* (livros V, VI e VII, cujo assunto é etimologia).

REFERÊNCIAS

ALLAN, K. Aristotle’s footprints in the linguist’s garden. **Language Sciences**, Victoria, v. 26, p. 317-342, 2004.

CECATO, C. **Comentários gramaticais de Aulo Gélio**: uma proposta de tradução. Curitiba, 2005. 283 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

CHAPANKSI, G. **Uma tradução da TÉKHNĒ GRAMMATIKĒ, de Dionísio Trácio, para o português**. Curitiba, 2003. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

COLLART, J. (ed.) **Varron, grammaire antique et stylistique latine**. Paris: Belles Lettres, 1978.

CONTO, L. de. **Institutio de nomine et pronomine et verbo de Prisciano**: tradução e características. Curitiba, 2009. 74 f. Monografia (Bacharelado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

CORADINI, H. **Metalinguagem na obra De lingua latina de Marcos Terêncio Varrão**. São Paulo, 1999. 554 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GONÇALVES, R. T. Os princípios da analogia e anomalia em Varrão. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 61-66, 2005.

HARRIS, R.; TAYLOR T. J. **Landmarks in linguistic thought**: the western tradition from Socrates to Saussure. London/New York: Routledge, 1989.

KENT, R. G. **On the latin language**: books V-VII. Trad. Roland G. Kent. Harvard University Press: London, 1951(a).

KENT, R. G. **On the latin language**: books VIII-X. Trad. Roland G. Kent. Harvard University Press: London, 1951(b).

LEWIS, C. T.; SHORT, C. **A Latin dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1879.

LIMA, S. C. de. **Aspectos do gênero dialógico no *De finibus* de Cícero**. Campinas, 2009. 652 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

NEVES, M. H. de M. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: Hucitec, 1987.

PEREIRA, M. A. **Quintiliano gramático**: o papel do mestre de gramática na *Institutio oratoria.* São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000.

PINBORG, J. Classical antiquity: Greece. in Sebeok, T. (ed.) **Current trends in linguistics**. vol. 13. Historiography of Linguistics, 69-126. Mouton, 1975.

PLATÃO. **Diálogos.** Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Trad.: Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

RUY, M. L. **Formação de palavras**: livro VIII da gramática de Varrão. São Paulo, 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SILVA, R. M. e. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TAYLOR, D. J. **Declinatio**: a study of the linguistic theory of Marcus Terentius Varro. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1974.

__________. Varro's mathematical models of inflection. **Transactions of the American Philological Association** (1974), v. 107, p. 313-323, 1977.

__________. Ordo in book X of Varro's De lingua Latina. In: COLLART, J. (ed.) **Varron, grammaire antique et stylistique latine**. Paris: Belles Lettres, 1978.

__________. **Varro**: de lingua Latina X: a new critical text and English translation with prolegomena and commentary. Amsterdam: John Benjamins B.V., 1996.

VALENZA, G. M. Etimologia em Varrão: a origem dos nomes de imortais e mortais. **Revista do Gel**, 2004, v. 2, p. 201-214.

__________. **Os argumentos de analogistas e anomalistas na obra De Lingua Latina de Varrão**: tradução e análise de excertos. Curitiba, 2006, 35 f. Monografia de conclusão de curso (Bacharelado em Letras – Latim) – Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

__________. O embate analogia x anomalia no *De Lingua Latina* de Varrão. **Revista X**, 2007, v. 1. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistax/article/viewFile/5440/6523>. Acesso em: 26.11.2008.

__________. Aspecto verbal em Varrão. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**, n. 2, p. 38-51, semestre II. 2008. Disponível em: http://www.antiguidadeclassica.com/website/edicoes/segunda_edicao/3GiovannaMazzaro.pdf. Acesso em: 09. jul. 2009.

VARRO, M. T. **De lingua latina**. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/varro.html>. Acesso em: 15 jul. 2009.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.